

EXCLUSIVO

AQUA

SÃO PAULO

Director, Editorial: Samuel Wainer

16 a 22 de dezembro de 1976 — Ano II — Nº 57 — Cr\$ 5,00

FUNDO	CEMAP
FA	

CENAP - BIBLIOTECA

CLASS.

Liberdade e Segurança: Bandeira de Chico Amaral

Entrevista concedida a Samuel Wainer

Páginas 5 a 7

EXPLOÇÃO TEATRAL NA NOITE PAULISTANA



Tarcísio e Glória Menezes foram vistos por 35 mil pessoas.

Guarnieri em Ponto de Partida: mais de 21 mil espectadores.

Fernanda Montenegro: 13 mil pessoas em um mês e meio.

Páginas 24-26

ESPECIAL

ANAL ELEIÇÕES NA OAB ESTADO DE DIREITO, A LUTA DO ADVOGADO

Páginas 13-15

OPINIÃO

Julio Albuquerque

77: Fatos econômicos e fatos políticos

O debate da tese da prorrogação dos mandatos de governadores, senadores e deputados até 1980, quando se realizariam eleições gerais no país, incluindo as de âmbito municipal, parece estar sendo estimulado, a fim de proporcionar material de análise por quem de direito. Em torno do tema, soltaram-se alguns balões de ensaio, destinados a recolher as repercussões que a idéia suscita. Entende-se que não se prorrogaria o mandato presidencial. Como Castello se declarou expressamente inelegível para a sucessão no ano seguinte, ao assinar o AI-2, em 1965, Geisel — se viesse a decretar a prorrogação — manteria inalterado seu quinquênio, em 1976. Uma das características mais importantes da Revolução é a transmissão regular do poder, acrescentando autoridade aos que governam.

Mas, em 1977, os fatos políticos evoluíram, em grande parte, no rumo que for permitido pelos fatos econômicos. Do sucesso que a administração retirar das medidas tendentes à normalização da conjuntura econômico-financeira dependerá o êxito das manobras estritamente políticas, visando à substituição do general Ernesto Geisel, à escolha dos governadores e à renovação das representações parlamentares federais — dois terços dos mandatos que compõem o Senado e a totalidade dos que admite a Câmara dos Deputados.

Terá o governo de extrair da agricultura, a curtíssimo prazo, os recursos de que necessita para reequilibrar o balanço de pagamentos. A situação não parece tão sombria quanto se afigurava há meses. Dois produtos o café e a soja (esta em grão, farelo e óleo), deverão cobrir os gastos relativos à importação de petróleo; e talvez até superá-los, alcançando a casa dos dois bilhões e quinhentos milhões de dólares, o que é perfeitamente possível, dentro das previsões deste momento. O mercado cafeeiro está firme. E a próxima safra nacional de soja, ultrapassando o recorde de treze milhões de toneladas, encontrará os principais produtores a braços com problemas de vulto: os Estados Unidos, precisando fazer frente a um enorme aumento do consumo interno; e a União Soviética, atarefando-se em tapar o buraco decorrente de uma queda imprevista, registrada na colheita.

Seja como for, restam o combate à inflação, que só atingirá seus objetivos mediante a execução de uma série de medidas impopulares, exigindo pulso firme e dura determinação; a desaceleração do processo de desenvolvimento, que há de ser dosada convenientemente, no propósito de evitar a

recessão; e a luta contra a estatização da economia, visto como o gigantismo do poder público na ordem econômica se processa automaticamente, por intermédio de mil esquemas que ainda não foram desmontados e requerem ação imediata — se é que o governo está convencido de que a estatização, desviada para atividades-meio, corresponde a um mal.

No plano externo, a ascensão de Jimmy Carter ao poder, com o Partido Democrata, acarretará, provavelmente, dificuldades no cumprimento do acordo atômico (contra o qual se colocam Estados Unidos e União Soviética) com a Alemanha, e na discussão dos problemas de direitos humanos. Em ambos os casos o governo poderá tirar amplo proveito da controvérsia que se estabelecer: mas deverá agir com habilidade, fixando-se em posições incensuráveis, que lhe possibilitem mobilizar o apoio da opinião pública. Em outras palavras, ele terá de tranquilizar-se na retaguarda, mantendo bom diálogo com a Igreja, a oposição e a imprensa.

Como reagirá o temperamento do presidente da República diante da pressão das circunstâncias? O contexto que se divisa é dos que tornam imprescindível a combinação de senso de oportunidade e flexibilidade. Não faltam ao general Ernesto Geisel patriotismo e autoridade moral. Porém as vicissitudes por que o país passará, inevitáveis, imporão a S. Exa. um comportamento muito mais peculiar ao tático ágil do que ao estrategista frio.

Importante para o governo será tomar iniciativas adequadas e não desperdiçar oportunidades. Conceder soluções, antes de ceder às que surgirem, inelutáveis. Em vez de recuar, avançar ao encontro das opções que reflitam os anseios mais nobres e mais legítimos da opinião nacional.

Está na hora de trabalhar com diligência sobre roteiros traçados para restaurar a plenitude da ordem jurídica. O que procede da sessão de posse do general Reynaldo Mello de Almeida no Superior Tribunal Militar poderia converter-se em ponto-de-partida para uma caminhada segura e necessária, a fim de cobrir um dos objetivos nacionais permanentes: a legalidade democrática, que não é inconciliável com um regime aparelhado para desbaratar sumaria e eficazmente as investidas malignas da subversão, do terrorismo e do totalitarismo.

Na medida em que busque essa legalidade democrática, o governo conquistará as adesões e a solidriedade de que irá carecer, no difícil 1977.

O LEITOR

Ainda os médicos contra as Santas Casas

Da Associação Paulista de Medicina, seção de Bauru, recebemos a seguinte carta relacionada à matéria publicada sobre conflito entre os médicos e as Santas Casas:

Senhor Editor:

A propósito do tema "Médicos e Santas Casas", ou seja, da luta empreendida pela classe médica em oposição aos desmandos de diretorias leigas, ocasionalmente na direção de nossos principais nosocomios nacionais — as Santas Casas — tomamos conhecimento da oportuníssima publicação de esclarecimento público, inserida no valoroso periódico

co AQUI, sob a competente e corajosa direção de V.S.

A reportagem em apreço, pelo conhecimento do problema, profundidade dos conceitos emitidos e felicidade de sua discussão, se constitui num valioso subsídio à causa da saúde pública.

Assim, em nome do sr. Presidente desta Regional, dr. Antonio Pádua Leal Galesso, agradecemos sinceramente. E aproveitamos a oportunidade para apresentar-lhe atenciosas saudações.

Gilberto Borro, secretário Executivo

AQUI — São Paulo para a Library of Congress

Assinada por Janet M. Biggs, atuando como diretor da Library of Congress Office, no Rio, recebemos carta solicitando uma assinatura anual de AQUI — São Paulo.

Não estamos ainda aceitando assinaturas de

nosso semanário mas, desde já, incluímos a Library of Congress em nosso "mailing list", assegurando assim o envio semanal de AQUI - São Paulo ao escritório da Library of Congress que funciona no Rio de Janeiro.

PASTA MOVEL E SUSPENSAS



M. KOGAN & CIA. LTDA.
Rua 7 de Abril 264 8º andar, s/ 817-18-19
Fones: 34-0218/34-2813 — SÃO PAULO

AS PASTAS MÓVEIS E SUSPENSAS ANKOG DURAM ANOS

Auxiliar¹ (ss). [Do lat. *auxiliare*.] *Adj.* 2 g. 1. Que auxilia; auxiliador, auxiliário. ~ *V. impulsor* — e verbo —. ● *S.* 2 g. 2. Aquele que auxilia; auxiliador, assistente, ajudante.

Auxiliar² (ss). [Do lat. *auxiliare*.] *V. t. d.* 1. Prestar auxílio a; socorrer, ajudar. *P.* 2. Prestar auxílio mútuo. [Pres. ind.: *auxilio*, etc. Cf. *auxílio*.]

Reproduzido do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Esse também é o nome de um dos grupos financeiros mais sólidos e completos do país: Grupo Financeiro Auxiliar.

Contando com 6 empresas atuando no mercado financeiro, o Grupo Auxiliar tem condições de dar a você toda a assessoria necessária para a realização de bons negócios.

Tudo o que você espera de um grupo sólido você encontra no Auxiliar: o Grupo Financeiro que há quase 50 anos vem pondo em prática o nome que tem.

Banco Auxiliar de São Paulo S.A.

Banco Auxiliar de Investimentos S.A.

Auxilium S.A. Financiamento, Crédito e Investimento

Corretora Auxiliar S.A. Câmbio e Títulos Mobiliários

Distribuidora Auxiliar de Títulos e Valores Mobiliários S.A.

Auxiliar Corretora de Seguros S.A.



*Mais que um nome,
uma filosofia.*

DEBATE Mario Wilches

Quatro temas
em busca de debate

São muitos os debates propostos. Alguns de há muito tempo, mas ressaltados, com ênfase maior, nos últimos dias. Embora diferentes quanto aos propósitos observa-se nos mesmos um denominador comum: a criação de condições que permitam uma abertura, objetivando o fim da excepcionalidade.

Antes de qualquer coisa vale destacar que o momento atual é favorável ao entendimento. Estamos saindo de eleições que, salvo algumas restrições, se realizaram normalmente, servindo para dar um balanço do pensamento nacional. Este se equilibra entre a situação e a oposição. Se a situação manteve a maioria, em termos nacionais, a oposição cresceu, igualmente em termos nacionais, embora sem o mesmo vigor registrado em 74.

As condições atuais, convém repetir, são favoráveis a um diálogo que substitua a conversa de surdos em que o país mergulhou não obstante a boa vontade de parte a parte, tanto da situação quanto da oposição. Ressalve-se apenas a repulsa dos setores radicalizantes, de direita ou de esquerda.

Para isso, no entanto, há necessidade de uma parada, permitindo o bom senso no entendimento que precisa ser tentado antes que passe esta possibilidade, talvez bem mais favorável do que outras perdidas em oportunidades anteriores.

Os assuntos em debate, resumindo-se aos principais na área política, são a alternância no governo, eleições diretas, prorrogação dos mandatos e institucionalização do sistema. Na aparência podem parecer assuntos distintos, independentes. Mas, ao observador acurado e, sobretudo, sensato, torna-se evidente a íntima ligação entre esses quatro temas.

A institucionalização do sistema, a fim de que desapareçam os instrumentos de excepcionalidade com força acima da Constituição, só pode processar-se enquanto a situação, que representa bem ou mal o sistema, tiver maioria. Essa maioria, real agora, talvez não exista em 78, considerando-se o crescimento da oposição.

A prorrogação de mandatos, para que haja uma coincidência geral de eleições em 80, apesar de toda a conotação regressiva eleitoralmente, está sendo apresentada como garantia para que a reforma da Constituição, com o Congresso convertido em Assembléia Constituinte, venha a processar-se, sem ser a toque de caixa, com

tempo suficiente para um diálogo efetivo.

A alternância de poder equi valeria ao término de uma incongruência, representada por um bipartidarismo rígido, com duas posições pré-fixadas, qualquer que seja o resultado das urnas: a Arena como situação e o MDB como oposição. É claro, e não há necessidade de um esforço mental excepcional, que sem a troca de poder o apelo às urnas torna-se inútil no que se refere à expressão da vontade popular em face dos cargos executivos além do âmbito municipal.

Com a alternância, consubstanciada em lei, iria tornar-se possível o pleito direto, já que desaparecerão as reservas do sistema em relação aos detentores da administração pública. Resultando os dois partidos da própria Revolução, por decisão desta, não há por que fazer distinções entre ambos.

Se o MDB, ao longo de sua vida dentro do período de 64 para cá, por vezes assumiu aspectos contestatórios, tratava-se, antes de mais nada, de uma consequência da própria rigidez do bipartidarismo, no sentido de mantê-lo, a ferro e fogo, como oposição, sem a opção de chegar ao poder nas áreas mais altas do país. Através do tempo viu-se, no entanto, que havia mais oposição do que contestação, embora a oposição, por força de sua sobrevivência, tivesse de combater os atos institucionais.

Pelo que o panorama político tem demonstrado, ano após ano e doze anos após o 31 de março já servem para uma medição justa, observa-se que os dois partidos, na verdade, possuem uma composição idêntica, com altos e baixos em termos de qualidades positivas e negativas. Tanto se encontram em ambos radicalizados como os que se inclinam ou caminham comumente para a corrupção. Mas mesmo aí, nesses dois aspectos, há de sentir-se que não existem exageros descabidos, que obriquem a uma profilaxia do todo. Esta, quando muito, teria de limitar-se a partes, e partes que se mostram cada vez mais reduzidas.

Esses quatro pontos constituem matéria para debate. A hora é boa, muito boa mesmo para que se empenhem todos, governo e oposição, juntamente com os setores de decisão e opinião que integram a nação, num esforço que poderá levar o país a uma situação, sem excepcionalidade de um lado e sem volta ao passado de outro.

SUMARIO

Semana de 16 a 22 de dezembro



O ano de 77 e os anos que se seguem, até o final do século, não devem ser vistos com pessimismo, mas como um desafio. Esta é a opinião do Secretário do Planejamento, arquiteto Jorge Wilheim, que proclama (páginas 16 a 18) a necessidade de muita imaginação e coragem para a solução dos problemas não só de São Paulo como de todo o país.

AQUI 57

Depoimento de Chico Amaral	5 a 7
Bastidores da Política	9 a 12
Os advogados e o Estado de Direito	13 a 15
Pioneiro da Psicanálise no Brasil	20 a 22
A Alegre Noite Paulistana (Teatros)	24 a 26
Escolha - Serviços	28 a 30
P. M. Bardi	31
Leonardo Blake	32

Diretor Editorial: Samuel Wainer - Editor: Mario Wilches - Assistente Editor: Nei Duclos - Economia: Fernando Hossepian - Política: José Carlos Bittencourt - Escolha: Rubens Ewald Filho - Música: Sérgio Mello - Reportagem: Hella Schwartzkopff - Sérgio Pinto de Almeida - José Simch da Silva - Fotografia: Joel Sian - Arte: Waldir de Oliveira - Assistente de Arte: Fernando Pereira Monteiro - Colaboradores e Colunistas: Jacob Pinheiro Goldberg Renato Bittencourt - Michel Laurence - Geraldo D. F. Forbes - P.M. Bardi - Leonardo Blake - Julio Albuquerque - Joana Fomm - Sofia Wainer (Brasília) - Diretor-Gerente: Maria Eliza Machado da Silva - Diretor Comercial: Lucio Piedade - Assistente da Diretoria: Fátima Aparecida da Silva.

AQUI S. Paulo é uma publicação da Editora Brasil-Mundo Ltda. Escritório Central, rua 7 de Abril, 264 - 8º, s. 817/8, fone 34.0218, SP. Departamento Editorial, Rua Artur Azevedo, 877, fone: 282.2831, SP. Brasília - Superquadra Sul 107, Bloco E, ap. 605, fone 42.3337. Distribuição: Paulino da Silva Pereira Gonçalves Distribuidores de jornais e revistas - R. das Roseiras, 230 - Tel.: 273.9486 - S. Paulo. Composto e impresso na PAT - Publicações e Assistência Técnica Ltda. Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fone: 853.7461, SP.

As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de inteira responsabilidade de quem as assina.

Secretaria Municipal de Cultura
TEATRO MUNICIPAL

Nesta quinta-feira, dia 16, às 21 horas
Dias 18, 21 horas e 19, às 16

CORPO DE BAILE
MUNICIPAL

"Uma das Quatro", Victor Navarro, Vivaldi
"Canções", Oscar Araiz, Gustav Mahler,
Prêmio Governador do Estado de 1976,
para a melhor coreografia do ano.
"Corações Futuristas", Victor Navarro, Egberto Gismonti, em

Estreia Mundial

Ingressos: 5 a 20 cruzeiros.

CHICO AMARAL, UMA ESTRELA QUE SOBE



"ESTA É A HORA DO ENTENDIMENTO NACIONAL"

Uma nova estrela no cenário político começou a subir rapidamente. Chico Amaral, de deputado estadual mais votado do MDB, obteve uma das mais retumbantes vitórias eleitorais, tornando-se Prefeito de Campinas.

Nada disso, entretanto, alterou a sua forma de ser. Chico Amaral faz lembrar muito o homem do interior, pela sua simplicidade, mostrando, no entanto, a sagacidade política de um Fernando Costa, num passado mais remoto, ou de um Adhemar de Barros ou de um Jânio Quadros que se destacaram nas três últimas décadas.

Nos meios políticos ninguém mais duvida de que terá um papel preponderante na nova liderança regional do MDB de São Paulo. Seu nome já começa a circular, com insistência crescente, como eventual solução no caso de um

impasse mais sério na batalha pela sucessão estadual, na área da oposição, entre Franco Montoro, Quéricia e Ulysses.

Hábil e cauteloso, Chico prefere não precipitar nenhuma resposta. Mantém-se na mesma linha de discrição que o fez pular de apenas mil votos em 62, a deputado do MDB mais votado em 74 e agora Prefeito de Campinas com votação sem precedente na história daquele município.

Fixamos inicialmente os aspectos nacionais de seu depoimento e concluímos por suas considerações sobre os problemas de sua Campinas. Pode-se constatar, nesta entrevista, que seus oito anos de deputado federal lhe deram substância e malícia política que destacam ainda mais sua figura de líder emergente.

Na hora de votar, o povo liberta-se de muitas coisas

Aqui — Acha que as eleições de 1976 representaram um avanço ou recuo no processo de redemocratização?

Chico — Sem dúvida um avanço. Toda a eleição, toda a proclamação livre do povo é um avanço, por mais cerceada que seja uma eleição, por mais dirigida que seja, por mais leis Falcão que existam. Porque o povo, na hora de votar, liberta-se de muitas coisas.

Aqui — O resultado das últimas eleições já teria começado a definir mais nitidamente as linhas filosóficas de nossos dois partidos? Que significado você vê na vitória da legenda do MDB no ABC paulista?

Chico — Acho que o significado é um sentido maior de liberdade. As populações das grandes cidades expressam com mais identificação a liberdade de pensar. Na cidade pequena, não se tem muita liberdade de pensar. Acho que estas últimas eleições deixaram claro que o povo deseja pensar. Tem direito de pensar, e vai pensar independentemente de qualquer manobra.

Aqui — Mas no ABC não há um outro aspecto, social, que o próprio Ulysses Guimarães citou, mostrando o MDB já como um partido dos trabalhadores?

Chico — Eu acho que em razão das condições impostas aos trabalhadores brasileiros, eles não têm opção. Eu pretendo que o meu partido seja aquele do qual o trabalhador desejasse ser. Não como única alternativa, mas como uma alternativa pensada, voluntária. E acredito que se não foi nesta eleição, o será em dias próximos — quando o trabalhador fará uma opção voluntária pelo meu partido. Não porque ele quer ser contra o governo, mas porque ele deseja ser do partido. Isso da muito mais substância ao MDB do que aquela posição de ser da oposição apenas porque é contra o governo. Eu acho que isso é muito pouco, politicamente. E no ABC aconteceu: não se votou contra o governo e sim a favor do MDB. Então, como o povo parou um pouco para pensar politicamente, o MDB este ano evoluiu menos que em 74, mas evoluiu com mais consciência, com mais segurança.

O Delfim tem contra ele o negócio dos 12 por cento, que até hoje está engasgado na garganta de todo o brasileiro

Aqui — Nesse caso você acha que os temas como justiça social, direitos humanos, nacionalismo vão prevalecer na próxima companhia?

Chico — Serão os temas dominantes. Quem não quer liberdade neste país? Até o homem mais liberto deseja liberdade para os que estão próximos de si. Em 78, havendo eleições em 78, o MDB será o estuário das grandes reivindicações.

Aqui — Tendo em vista a importância das eleições de 78, você acredita que a bandeira do MDB deve ser a da radicalização da linha partidária, a busca de um entendimento nacional, ou a criação de novos partidos?

Chico — A posição deve ser a de buscar uma maior entendimento nacional. Há quem diga que isso é pessedismo. Se é, é um pessedismo muito pessoal meu. Minha opinião é que a busca de um entendimento nacional é o que pode corresponder mais aos interesses da nação. Eu acho que o povo brasileiro necessitará neste ano de 77 — um ano de crise — uma atenção toda especial por parte das autoridades constituídas. Sou contra novas receitas, acho que o povo em 77 não pode ser mais sobrecarregado. O orçamento de Campinas talvez não possa ser o ideal para a cidade, mas acredito que o Poder Público tem que arcar com o ônus também. Eu acho que tenho que governar com o que a cidade pode dar, talvez com uma melhor distribuição da receita, procurando localizar os problemas pela sua prioridade e distribuir mais racionalmente as verbas.

Aqui — No plano regional, qual deve ser a linha do MDB? Como poderá o partido libertar-se das crises internas, que o vem dilacerando, e de situações como o episódio Leonel Júlio?

Chico — O partido terá condições de superar estas pequenas crises — dependendo de suas lideranças. Um partido é expressão de suas lideranças, e o MDB, no meu ponto de vista, tem lideranças para isso. O verdadeiro líder é aquele que sabe renunciar, quem não sabe não é líder — não expressa os sentimentos comuns. No caso Leonel Júlio, pode-se ver o que aconteceu. Um poder político na mão é sempre um poder. A



maioria dos políticos não interessa renunciar ao poder. A presidência da Assembléia Legislativa de São Paulo é qualquer coisa de respeitável, então a grande maioria dos políticos do partido não quis renunciar a este poder, preferindo esperar para que o tempo curasse a ferida criada, mas o tempo não curou. E a ferida foi extirpada violentamente, como deveria ter sido antes. A verdade é essa. Houve excesso de política na tentativa de resolver o problema.

Aqui — Não lhe parece meio precipitado que o problema da sucessão estadual do MDB fique desde já galvanizado em torno dos nomes de Franco Montoro e Quéricia?

Chico — Os apetites são violentos, a grande verdade é essa. Talvez haja a preocupação em precipitar as coisas. Mas eu acho que, na verdade, nada mais legítimo do que a sequência natural dos fatos, em vez da não provocação dos fatos. Tanto Montoro como Quéricia são dois candidatos naturais, legítimos. Ninguém pode negar o que fez Montoro, o que fez Quéricia. São duas figuras respeitáveis, e legítimas lideranças. Não acho que esteja havendo precipitação.

Aqui — Acha que as velhas lideranças, paulistas, como Jânio Quadros ou Carvalho Pinto ainda pode surgir alguma competição séria para o MDB no caso da sucessão estadual, ou acha que os nomes emergentes como Delfim ou Setúbal acabarão por se impor como candidatos da Arena?

Chico — Não sou autoridade para dar receita à Arena, muito pelo contrário. Mas parece-me que a Arena paulista incorre num grave defeito: pretende reafirmar-se em velhas lideranças, que poderiam existir, mas somadas às novas lideranças. A Arena paulista não procura figura novas, ela insiste nas antigas. Delfim, por exemplo, que não é bem da Arena mas é do Governo. Laudo Natel, Abreu Sodré... todos figuras válidas, mas acho que em política, como na própria vida, deve-se procurar equacionar as coisas com elementos de ontem, de hoje e de amanhã. Acho que a Arena não se renovou, e a grande aspiração do povo brasileiro é a renovação. Quando por exemplo se fala

em prorrogação de mandato, acho um contrasenso violento, porque o Brasil precisa renovar-se — mantendo aquelas figuras que merecem respeito, mas renovar.

Aqui — Fala-se numa volta de Jânio, mais como articulador entre a Arena e a massa popular. Você acha que isso pode acontecer?

Chico — Tenho pelo Jânio grande respeito, inclusive sou seu amigo particular, mas não acredito que ele possa ser o articulador ideal para isso. Poderá ser um dos articuladores, sem ser o ideal. Acho difícil ele articular entre a Arena e o povo, seria mais fácil ele articular entre o MDB e o povo.

Aqui — Acha que o Olavo Setúbal seria uma alternativa real ao Delfim Neto no caso de uma eleição direta?

Chico — Como políticos conhecemos mais intimamente o Setúbal, mas a grande massa não o conhece. Teria que ser feito um grande trabalho de difusão. O Delfim é um nome mais conhecido, e em eleições majoritárias quem ganha é o nome mais conhecido. Se não ultrapassar esta primeira barreira de ter um nome conhecido, não adianta vender seu artigo. O Delfim tem contra ele o negócio dos 12 por cento, que até hoje está engasgado na garganta de todo brasileiro. O Setúbal é um homem de grandes qualidades pessoais e capacidades de liderança.

Aqui — Não lhe parece o próprio presidente Geisel, depois das eleições de 76, está muito mais ungido pela força do voto popular do que por outros motivos?

Chico — Sim, ele hoje é uma figura que realmente merece o maior respeito. Ele, que foi colocado na presidência à revelia do povo brasileiro, foi capitalizando, foi conquistando o povo brasileiro, e hoje mais do que ontem, ele é uma figura respeitada, e acredito que boa parte do êxito da Arena nestas eleições se deve ao presidente da República, mais à ele do que a própria Arena. Ele é um homem que ganhou este respeito, e naturalmente haverá de retribuir este respeito. Haverá de desenvolver o sistema político de encontro às aspirações populares.

Nos sindicatos, houve apenas ligeiras alterações em termos de abertura política

Aqui — No momento existem alguns elementos que o MDB, se quisesse, poderia capitalizar como partido de oposição sistemática. É o caso do conflito entre o Estado e a Igreja, que aparentemente existe. O que você acha?

Chico — Este é um conflito sério, e tem ultrapassado os limites de um desentendimento particular. O país todo sabe que a Igreja realmente postula uma posição do governo, e nesta situação acha que o MDB talvez tenha que ser uma força moderadora para sustentar e garantir a posição da Igreja, sem realmente estimular um conflito entre a Igreja e o governo brasileiro. Se o partido tomasse a posição de estimular a Igreja e se opor ao governo central, não estaria em sua melhor posição. Mais importante que os interesses de qualquer partido, são os interesses do País.

Aqui — Os resultados seriam...

Chico — Imprevisíveis, imprevisíveis. Porque realmente a Igreja tem a sua força, e somando-se outras forças, eu não poderia avaliar bem a que ponto chegaríamos. Mas acredito que a Igreja tem a sua razão, e o governo vai entender esta razão.

Aqui — No chamado Terceiro Mundo, e especialmente no Brasil, esta tomada de posição da Igreja não reflete a ausência de um partido mais voltado e preocupado com as massas?

Chico — Evidentemente está acontecendo isso, inclusive preenchendo a lacuna deixada vaga pelo partido comunista. Mas ela evita o partido comunista por seu radicalismo e suas posições extremadas, pois tem posições moderadas e viáveis. Eu acho que a Igreja realmente está ocupando esta posição.

Aqui — Mas, e se houvesse um terceiro partido político no Brasil?

Chico — Um terceiro partido talvez pudesse ocupar esta posição — um partido não radical, mas com uma tendência socializante, que é realmente a grande afirmação de hoje e mais ainda de amanhã, muito mais. Um terceiro partido poderia ocupar esta posição. Há também a idéia de fazer quatro partidos, para dar uma abertura maior às tendências de cada um dos dois ao centro, um mais a esquerda, e outro mais à direita.

Aqui — Está se notando também, ultimamente, por diversas incidências políticas, um recrudescimento do nacionalismo. Você acha que isso não será uma bandeira eleitoral importante nos próximos anos?

Chico — Eu às vezes duvido da eficiência da motivação do nacionalismo. Eu acho que este tema atinge mais as áreas mais elevadas da população. Junto à massa popular é possível que exista gente que não entenda o que significa isso exatamente. Só se houvesse um programa para transmitir à população em geral um sentimento nacionalista. Todos têm, ninguém deixa de ter, é verdade — mas depende de se falar numa linguagem que seja entendida.

Aqui — E no plano sindical, você acha que já houve uma abertura maior?

Chico — Não acredito. Sindicatos devem ser livres, como livre deve ser o povo. Não é só os sindicatos. A massa trabalhadora, através de seus sindicatos, deve ter liberdade. Infelizmente não temos essa liberdade. Houve apenas ligeiras alterações em termos de abertura política. Hoje o dirigente sindical é um jungido. Ele faz o que o governo quer — a verdade é essa. Também a base trabalhista não se empolga, é uma base anestesiada. E há muito tempo, inclusive no tempo do Jango. Há falta de lideranças sindicais. O próprio sistema sindical brasileiro é limitado, é um pouco limitado... As poucas lideranças sindicais autênticas remanescentes foram contidas e silenciaram.

Aqui — No plano pessoal, quais as experiências mais importantes que colheu como deputado federal, no sentido da descoberta das verdadeiras tendências do povo brasileiro?

Chico — Dez anos na Câmara Federal deram-me estrutura para compreender a nação. Ganhei dimensões maiores, aprendi muito, e aprendi principalmente que este país precisa em especial de alguma coisa que possa somar em favor do Brasil, e não em favor de São Paulo, de Campinas ou de qualquer outro lugar. Ganhei a consciência de que o país precisa avançar em todas as frentes, não em um ou em outro sentido e deixar os outros para trás. E isso aprendi com homens do governo e homens contra o governo, tanto civis como militares. O que está faltando no Brasil é uma parada para um debate, do qual resulte um entendimento comum. Quando não se discute e se resolve apenas detalhes, mas a nível de profundidade. Depende apenas de uma grande liderança.



“Representei a figura de cada habitante de Campinas”

Aqui — Quais foram os elementos básicos que lhe deram a grande vitória de Campinas?

Chico Amaral — Eu antes de aceitar minha candidatura fiz uma pesquisa de opinião pública que me deu 44 por cento, contra 0,4 por cento de um cara que eu achava que era um adversário, que tinha perigo, que era o Castanha. Mas eu tinha 44 por cento e ele tinha menos de 1 por cento...

Aqui — Mas as pesquisas do outro lado, o que revelavam?

Chico — Revelavam isso também, mas o Lauro nunca acreditou em pesquisa. Ele achava que sua opinião era mais verdadeira do que a pesquisa. Mesmo com a deserção a vitória já parecia nossa... porque o povo de Campinas não parecia muito interessado na deserção, como a pesquisa mesmo apontava. Então a minha planificação da campanha foi não mexer com tudo isto. Não discutir sobre quem estava com a razão: ele saindo ou nós, que ficávamos participando. No começo o povo não queria discutir, mas com a evolução da campanha deu uma resposta a isso.

Aqui — Aliás, você sempre teve boa votação em Campinas...

Chico — Tive. Só na primeira eleição é que não tive votação nenhuma. Como candidato a deputado estadual eu tive 7 mil votos, e só um mil em Campinas, em 1962. Mas a partir daí as coisas mudaram. Já em 66 eu tive 10 mil votos, em 70 tive 30 mil votos, em 74 eu tive 70 mil votos... Eu não queria ser candidato, estava pensando em me candidatar ao Senado, mas ante a atitude do prefeito, que trocou de partido, não tive outra alternativa. Achei que eu não poderia me omitir da luta sucessória em Campinas. Com ajuda ou sem ajuda do partido eu deveria concorrer, perdendo ou ganhando.

Aqui — Você atribui ao que, especificamente, esta sua vitória?

Chico — Eu acho que de certo modo eu representei a figura de cada habitante de Campinas. Pode ser pretensão minha, mas me parece que para a maioria da

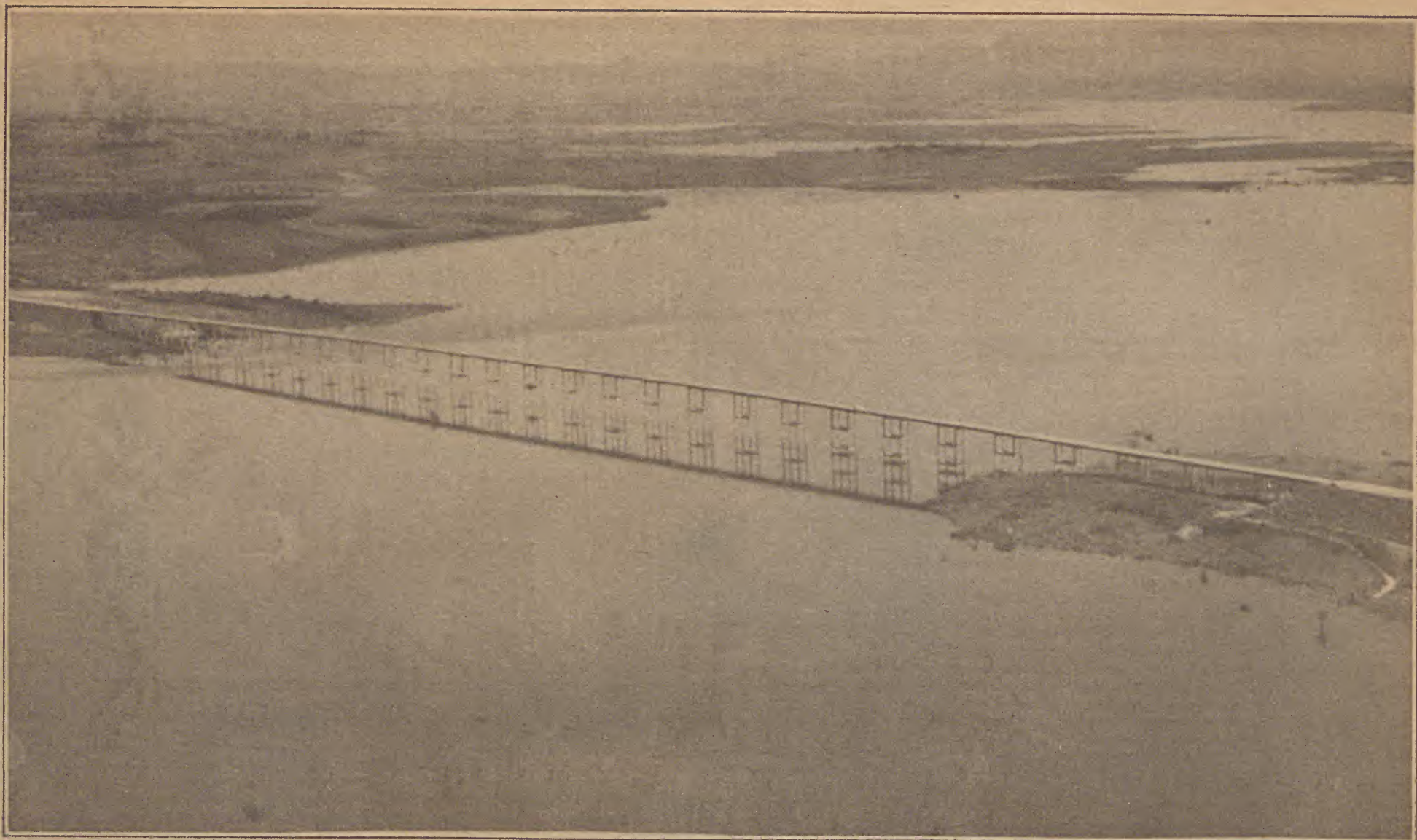
população eu vivi isso. O homem agoniado, o homem preocupado, o homem assalariado, o homem de ideais, ao olhar o panorama político se identificava comigo. Não que eu tenha todas essas qualidades, mas é que ele tem essas qualidades, e procurava um homem para interpretar estas aspirações. Aspiração por uma democracia, por um país maior, por mais salário, mais liberdade — então, cada um se sentia um pouco o Chico Amaral.

Aqui — Por prioridade, quais os principais problemas da cidade?

Chico — O problema maior de Campinas é o do transporte urbano, isso é destacado. A segurança pessoal também é um dos principais problemas, todo mundo quer tranquilidade, direito de andar sem perigo pelo seu bairro à noite. O sujeito passa a ser prisioneiro da casa dele a partir das 19 horas... É uma cidade de 600 mil habitantes, mas o morador do bairro é um prisioneiro dentro de sua casa. No centro da cidade não, mas no bairro, a partir das 19 ou 20 horas, ele fica em casa ou então está sujeito a assalto, ataque... Há ainda o problema da educação, nos preocupamos muito com isso... Fundamentalmente o que parece ser mais necessário de momento, o que o povo deseja mais, é segurança, transporte e educação.

AQUI — Parece que Campinas reúne características especiais, por ser uma cidade entre aristocrática, rural e universitária. Ela, de certo modo, poderia ter sua administração como uma espécie de modelo para cidades semelhantes do país?

Chico — Campinas reúne condições excepcionais. É uma cidade que caminha para um grande desenvolvimento por suas próprias condições atuais e pelas condições emergentes, do campus universitário. Há potencial fácil, à mão. Inclusive boa parte do pessoal administrativo será formado por gente de lá mesmo. Não serão todos, evidentemente, pois não se pode forçar as pessoas a aceitar cargos que, muitas vezes, serão prejudiciais do ponto de vista financeiro.



Ponte Fartura-Carlópolis, ligando São Paulo e Paraná, à montante da Usina de Xavantes.

CESP BENEFICIARÁ REGIÃO DO PONTAL COM OBRAS DE INFRA-ESTRUTURA

Da mesma forma que aconteceu com a região de Ilha Solteira, a área do Pontal do Paranapanema será beneficiada com as obras de infra-estrutura do complexo energético de Porto Primavera e Rosana. Em onze cidades dos Estados de São Paulo, Mato Grosso e Paraná, está programada a construção de pontes, estradas, portos, escolas e outros melhoramentos. Como sistema de apoio à execução do conjunto hidrelétrico, essas obras ajudarão a melhorar o transporte, o abastecimento e o ensino do Pontal. Outra vantagem é a valorização das terras, já que a atividade predominante na região é a pecuária.

Os municípios beneficiados serão Mirante do Paranapanema, Teodoro Sampaio, Euclides da Cunha e Rosana, no Estado de São Paulo; Paranavaí, Loanda, Diamante do Norte e Nova Londrina, no Paraná; Nova Andradina, Bataiporã e Anaurilândia, em Mato Grosso.

Segundo estudos feitos pela CESP, o Pontal do Paranapanema apresentou deficiências nas redes de comunicações, transporte, energia, saneamento básico e urbanização. Com a execução das obras de apoio das hidrelétricas, algumas delas serão parcialmente corrigidas. A experiência obtida com Jupia e Ilha Solteira (Complexo de Urubupungá) demonstrou que essas obras desempenham importante papel sócio-econômico, que ul-

trapassa os limites da geração e distribuição de energia elétrica.

VINTE CIDADES

Assim, no caso de Urubupungá, as benfeitorias atingem 20 cidades dos Estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Os municípios paulistas são Marinópolis, Palmeira D'Oeste, Sud Menucci, Aparecida D'Oeste, Pereira Barreto, Suzanópolis, Rubinéia, Santa Fé do Sul, Três Fronteiras, Santana da Ponte Pensa, Santa Clara D'Oeste, Santa Rita D'Oeste, Santa Albertina, Paranapuã e Populina. Entre as obras principais, destacam-se três pontes de concreto sobre o rio São José dos Dourados, com vãos de 563 metros (ligando a estrada de Ilha Solteira a Santa Fé do Sul), de 244,50 metros (na cidade de Pereira Barreto) e de 52,50 metros (facilitando o acesso a Marinópolis, Palmeira D'Oeste e Sud Menucci); uma ponte com 440 metros de vão sobre o ribeirão da Ponte Pensa, entre a estrada Ilha Solteira e Santa Fé do Sul. No total, são 16 pontes e 165 km de estradas implantadas e melhoradas. Destas, a maior tem a extensão de 39 km, em Pereira Barreto.

Foi construído, ainda, um porto fluvial em Santa Fé do Sul e um grupo escolar em Nova Rubinéia, porque o prédio antigo ficava muito perto das margens do reservatório.

ESTRADAS, PONTES, PORTOS

Em Mato Grosso, os benefícios estenderam-se a Três Lagoas, Aparecida do Tabuado e Paranaíba, incluindo 125 km de obras rodoviárias, mais um trecho da estrada estadual MT-428, quatro pontes (a maior delas com vão de 525 metros), e a construção de dois portos fluviais. Em Goiás, as principais localidades beneficiadas foram Itajá e áreas adjacentes, que receberam 73,5 km de melhoramentos e implantação de rodovias; três pontes (a maior delas de concreto, com vão de 110,5 metros), e a edificação de um posto fiscal. Em Minas Gerais, os serviços realizados, em função do complexo de Ilha Solteira, abrangeram 135,5 km de obras rodoviárias e a construção de nove pontes, três postos fiscais e três portos fluviais. A cidade mineira onde se concentrou a maior parte dessas obras foi Iturama.

MAIS DESENVOLVIMENTO

Sem dúvida, obras como essas ajudarão o Pontal do Paranapanema a atingir uma fase de desenvolvimento mais intensa, inclusive porque haverá emprego de mão-de-obra em grande escala, proporcionando, também, mais atrativos para investimentos externos, tal como se verificou em Ilha Solteira. A CESP colabora, dessa maneira, na solução dos problemas do Pontal.

Prorrogação/Coincidência: do Papel para o Debate

A prorrogação de mandatos de governadores, senadores, deputados federais e deputados estaduais até 1981 (as eleições gerais seriam realizadas em 15 de novembro de 1980), para se obter a coincidência geral de mandatos e evitar que o País viva em permanente "estado eleitoral" (de dois em dois anos...) é uma tese que está muito mais madura do que aparentemente se supõe. Ela já estaria sendo discutida em nível presidencial, levando-se em conta dois fatores principais — além dos alegados:

1. Se o calendário eleitoral for respeitado e realizadas eleições em 1978 para governadores, senadores, deputados federais e deputados estaduais, obter-se-á mais um "resultado artificial", a exemplo do que ocorreu em 1970 (vitória ampla da Arena) e 1974 (vitória ampla do MDB nos Estados mais importantes): o biênio de 1977/78 será marcado por uma situação econômica extremamente difícil para o Brasil e só a partir de 1979 é que o País teria condições de se recuperar. Um "desastre eleitoral" em 78 poderia corresponder a uma reversão de expectativas no que diz respeito ao processo de distensão política acionado pelo presidente Ernesto Geisel, comprometendo-se todos os esforços de democratização gradual. Ao contrário, em 1980, os resultados poderiam ser "normais" e até lá haveria condições de se cristalizar novas lideranças políticas forjadas no processo distensionário aberto a partir da posse do presidente Ernesto Geisel no Palácio do Planalto.

2. Se as eleições se realizarem normalmente em 15 de novembro de 1978, o presidente Ernesto Geisel estará comandando o terceiro processo eleitoral durante o seu mandato de cinco anos: o que equivale dizer que o seu sucessor na Presidência da República terá de governar com governadores e com um Congresso Nacional eleitos sem a sua participação direta. Mesmo no caso de as eleições para os Governos estaduais se realizarem pela via indireta (através de um colégio mais amplo, desta vez reunindo deputados estaduais, federais, prefeitos e presidentes de Câmaras de Vereadores), haveria o que se classifica de "interferência natural" do atual presidente neste processo. Ao contrário, com as eleições marcadas para 1980, o processo de distensão política terá obtido a vantagem de dois anos sobre a crise econômica prevista para o biênio 1977/78.

Portanto: longe de representar uma "saída totalitária" (como pretendem porta-vozes do MDB), a coincidência de eleições que seria obtida através da prorrogação de mandatos teria o mérito de evitar uma marcha-a-ré na linha democratizante que marca o período presidencial do general Ernesto Geisel.

Está é, em suma, a defesa que os setores mais responsáveis e identificados com o processo de democratização fazem da tese de coincidência/prorrogação de mandatos, lembrando, ainda, que os recentes escândalos que envolveram

o MDB na Assembléia Legislativa do Estado econômica e politicamente mais importante da Federação (e que culminaram com a utilização do Ato Institucional nº 5 contra o ex-deputado Leonel Júlio) robusteceram, em amplos setores federais, a tese de que o MDB não reúne condições para assumir a chefia de executivos estaduais, sob pena de se reinstalar o clima de intranquilidade no País.

Embora se considere que o "affaire" Leonel foi um caso isolado, uma crise provinciana, mas que por se tratar de São Paulo, teve ampla repercussão em todo o território nacional, ficou a imagem segundo a qual o MDB não teve sequer tempo para formar quadros necessários a um bom desempenho administrativo.

Nessa linha de raciocínio, os dois anos que se ganharia com a prorrogação dos mandatos, ao mesmo tempo em que permitiria aos atuais deputados obter maior experiência e corrigir falhas (ainda flagrantes) na gestão de Parlamentos importantes como o do Estado de São Paulo e da Câmara paulistana (agora em mãos do MDB), estaria se possibilitando o surgimento de líderes compatíveis com a nova realidade brasileira.

Em outras palavras: o próprio MDB teria "tempo para crescer", conforme a expressão utilizada por uma alta fonte de Brasília, o que — decididamente — ainda não se teria consumado. Nas eleições municipais de 76, a Arena ainda levou sensível vantagem sobre o MDB exatamente na questão de quadros. Enquanto o MDB apresentava apenas uma nova liderança interiorana em ascensão — o excelente deputado Chico Amaral, prefeito eleito de Campinas — os arenistas demonstraram uma enorme capacidade de renovação. Em grande número de municípios, a Arena venceu pela qualidade de seus candidatos — pasmem! — a maioria deles representando novas soluções locais, distanciados dos antigos grupos políticos formados no pessepismo, no janismo ou no udenismo.

Reconhece-se, ainda, que a tese da prorrogação de mandatos é, por si só,



Estudos em nível presidencial

profundamente antipática, mas na conjuntura brasileira atual ela seria plenamente justificável. Já a coincidência de eleições estaria gerando descontentamentos na área da própria justiça eleitoral, que teria — digamos, tecnicamente — uma menor parcela da influência no processo político, embora ela tivesse que se aparelhar convenientemente para enfrentar eleições simultâneas para prefeitos, vereadores, deputados, senadores e governadores. Mas, no rol das dificuldades, esta seria a de menor importância, pois resolvível em curto espaço de tempo.

O fato é que a tese da coincidência/prorrogação de mandatos, antes uma simples proposta para ser examinada, está na ordem-do-dia dos debates políticos, configurando-se mais do que uma simples sugestão ou exercício de imaginação criadora: o presidente nacional do MDB, deputado Ulysses Guimarães, uma "velha raposa", da política brasileira, viu-se obrigado a rebater, oficialmente, a tese. Ele tentou, é verdade, ignorá-la — até mesmo para não fornecer "estímulos". A sua declaração oficial, porém, mostrou que ela está em franco debate.

Rigorosa e absolutamente verdadeiro: na segunda quinzena de fevereiro o governador Paulo Egydio Martins começará a fazer a avaliação de desempenho de cada secretário de Estado e diretores de empresas mistas e autarquias durante os primeiros dois anos de Governo. Vale dizer: os critérios de avaliação incluirão administração e política, à medida em que o Governo Paulo Egydio pode ser classificado como o mais político dos últimos tempos no Estado de São Paulo. Mais: o governador também pretendia levar na devida conta na reforma do Secretariado a sua adaptação diante das alterações esperadas na área federal.

BASTIDORES - 2 José Carlos Bittencourt

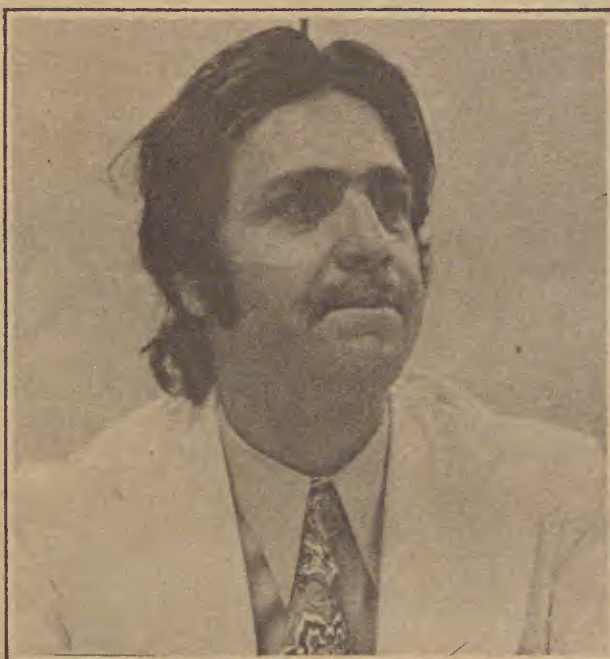
Por que Natal Gale pode pacificar a Assembléia

O deputado Natal Gale, presidente estadual do MDB, e a quem se atribui o mérito de ter acelerado o processo de julgamento do ex-deputado Leonel Júlio no âmbito partidário assim que reassumiu suas funções (estava afastado para disputar a Prefeitura de Campinas), poderá se constituir na solução natural para a presidência da Assembléia Legislativa de São Paulo, na eleição da nova Mesa em 15 de março do próximo ano.

No ano passado, Gale chegou a ser acusado de "brigar" o MDB paulista com "excesso de flacidez". Mas não mais preocupado com sua própria sorte à frente do Executivo campineiro do que com a organização do partido. Além disso, sofria pressões da ala liderada pelo senador Franco Montoro, que, minoritária no diretório regional emedebista, empenhava-se numa campanha velada porém eficiente de desmoralização de Gale. O objetivo era conquistar a direção partidária para dar suporte à candidatura de Montoro ao Governo do Estado em 78.

Esse foi, aliás, o maior ônus para o deputado federal José Camargo, um misto de janismo/montorismo: com a licença de Gale e de Tito Costa, que disputavam as eleições em Campinas e no ABC, José Camargo, 2º vice-presidente do partido, assumiu a presidência. De início, pôde comprovar a velha tese de que "sangue novo" sempre funciona. Embora politicamente experiente, Camargo teve que se curvar às injunções políticas do grupo que representa na direção do MDB e cozinhar em água de flor de laranjeira os sucessivos escândalos que abalaram o MDB e a Assembleia de São Paulo.

No escândalo nº 1, aberto pelo pirotécnico deputado Osiro Silveira, do MDB, Camargo conseguiu êxito relativo: nomeou uma "comissão de alto nível" formada pelos deputados federais Dias Menezes e Aurélio Campos, ambos janistas e montonistas como ele. A eles caberia a elaboração dum relatório sobre



Natal Gale

a crise. O documento poderia, aliás, ser redigido no momento em que a comissão fora nomeada — já se sabia, por antecipação, que iriam “absolver” a Mesa (leia-se Leonel Júlio). Portanto: uma comissão “fura-da”, que havia pré-julgado o escândalo. Inclusive ambos (Menezes e Aurélio) nem se preocuparam em esconder sua opinião antes mesmo que a “comissão de alto nível” concluisse seus trabalhos.

Quando Camargo já respirava aliviado, tendo superado uma crise da maior gravidade (e se preparava para retirar rendimentos do posto), foi sur-

preendido pelo "calcinhas-gate". A ele e a Montoro atribui-se a falta de sensibilidade para vislumbrar que o novo episódio não se tratava apenas de "jogada eleitoral" da Arena. E preferiram a tática do "contra-ataque", atacando a verba de representação do governador, a ponte Rio-Niterói e outros que tais. Camargo começava a afundar junto com Montoro e não se dava conta. Esquecia-se do princípio primário de que em política nada pode ser subestimado. Sob pena de sofrer desgastes notáveis. Não deu outra.

Gale reassumiu antes que José Camargo & Montoro pudessem retomar fôlego, e imediatamente tirou a direção estadual do partido da inércia que se havia abatido sobre ela desde que se procurou tirar proveito de uma aliança com a ala Leonel (ou "bancada imobiliária"). As medidas que todo o MDB (em plano nacional) reclamava começaram a ser tomadas, mas havia prazos a serem considerados: não houve tempo para um expurgo interno e o AI-5 "surpreendeu" o MDB. Aliás, um detalhe: Ulysses já estava informado há pelo menos 15 dias de que o Ato Institucional seria aplicado assim que a verba de representação de Leonel fosse julgada pelo Tribunal de Contas do Estado e suas contas condenadas, como ocorreu.

Mas a ação de Gale no episódio, correndo contra o tempo, e depois arquivando representações contra os deputados Freitas Nobre, Aírton Soares, João Cunha e Alberto Goldman, promovidas pelo mesmo Leonel e vice-versa, mostraram espírito de liderança. Considerou o assunto encerrado, pois Leonel está com seus direitos políticos suspensos, e evitou o prosseguimento de ações de vingança pessoal pretendidas por Dias Menezes e Aurélio Campos.

Eis os motivos pelos quais Natal Gale pode ser considerado, hoje, um dos poucos nomes capazes de restabelecer o equilíbrio perdido na até agora confusa e folclórica Assembléia de São Paulo.

PIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOP



Samir Achôa

● Na Câmara Municipal paulistana, a presidência continua sendo disputada palmo a palmo pelos vereadores Roberto Cardoso Alves (montorista) e Samir Achôa (quercista). Depois de inúmeras reuniões, preve-se que o desfecho para o "affaire" Mesa terá a interferência direta da direção estadual do partido (Natal Gale), que terá que assumir ostensivamente a posição de "poder moderador".

● O fato é que após os humilhantes episódios que



Roberto Cardoso

envolveram o MDB na Assembleia Legislativa, os vereadores estão cheios de dedos para chegar a uma conclusão sobre a Mesa Diretora da Câmara de Vereadores de São Paulo, ainda mais quando se sabe que o nível geral está aquém do desejável.

● No episódio, a in experiência política do presidente da Arena, Cláudio Lembo, poderá "evitar" que a sucessão seja a mais simpática ao prefeito. Abriu-se muito o jogo em favor de Samir Achôa, chegando-se a acusá-lo de

ter cargos para "distribuição". Na realidade, tentou-se articular dentro do MDB como um maquiavelismo de quintal, o que teria prejudicado a candidatura de Samir que, de resto, nunca pode ser considerado um emedebista "duro".

● Ainda no episódio, o comportamento dos vereadores emedebistas David Roysen e José Bustamante não surpreenderam: eles assinaram as duas listas, de Roberto e de Samir. A "folha corrida" (política) de ambos não os recomenda. Roysen é líder "malufista" na Câmara embora pertença ao MDB; e muitos recordam o seu comportamento como antigo cabo eleitoral, especialmente na eleição de 1966, quando estava engajado na candidatura do então arenista e hoje cassado (em 68) Marcos Kertzmann. Roysen estaria esquecido que em política "nada se perde, tudo se arquiva", como já se disse... Bustamante, por sua vez, não se teria cansado de imitar Krushev, desde que bateu seu sapato à mesa perante

as câmaras de televisão — seria adepto da política de "détente", já que, da tribuna, fez vários discursos laudatórios ao prefeito Setúbal.

● Por fora, investe o "japonês" Iukishigue Tamura, ex-deputado federal arenista, que perdeu seu mandato (mas não os direitos políticos), no "affaire" Márcio Moreira Alves, em 68, ao lado de outros arenistas como Israel Dias Novais, Roberto Cardoso Alves e Marcos Kertzmann.

● *Em sigilo: o deputado federal João Paulo Arruda Filho, o "Zumbi" das crônicas sociais, não teria desistido de influir na Assembléia Legislativa. Apenas teria promovido uma "retirada estratégica" após a condenação do ex-deputado Leonel, mas estaria se rearticulando, via deputado estadual Evandro Mesquita. Aliás, o recente "pau" de Evandro em Jânio não seria para valer. Apenas para constar...*

● Já o deputado Jihei Noda, ex-presidente da

Comissão Especial de Inquérito, seria nome muito bem situado para a primeira-secretaria da Assembléia, embora conte, desde já, com a oposição da "bancada imobiliária", que promete ficar tão ou mais famosa que a antiga "bancada dos leiteiros".

● Fontes da presidência da Assembléia garantem que o ex-deputado, ex-secretário e ex-chefe de gabinete de Leonel, Salim Sedeh, teria tirado licença-prêmio (?) de 45 dias para efetivar uma "saída honrosa". Depois disso, ele reassumiria funções de assessor do Gat (Gabinete de Assistência Técnica) mas não sua chefia. Quanto ao outro assessor de Leonel, Hélio Fabri, voltaria ao seu posto original. Um terceiro assessor, este "oficioso", estaria "rebolando" para continuar influenciando na presidência da Assembléia. A propósito, atribui-se a Botta a frase: "Vou devagar, mas chego lá".

● Inconfidência do deputado Horácio Ortiz, do MDB, numa roda de amigos: o ex-chefe de Gabinete

te, Salim Sede, teria tentado sacar, na agência da Caixa Econômica Estadual do Palácio Nove de Julho, a quantia referente à verba de representação de Leonel do mês de dezembro. Depois da cassação do ex-presidente, mas os documentos estariam devidamente rubricados por ele.

● **Aguarda-se até o fim do ano ou início de janeiro, aposentadoria no Tribunal de Contas do Estado.**

● O deputado Sólón Borges dos Reis, da Arena, está aproveitando o receso parlamentar para escrever mais um livro sobre problemas educacionais. Consta que Sólón não ficará na análise filosófica do setor, mas partirá para sugestões práticas. Aliás, Sólón está numa situação delicada: tem o melhor relacionamento com o secretário José Bonifácio Coutinho Nogueira e é talvez o mais sério representante do professorado. Portanto: é obrigado a usar da maior franqueza com ambas as áreas, o que lhe tem valido críticas dos dois lados.

O que houve com os caciques?

Também rigorosa e absolutamente verdadeiro: na avaliação dos resultados eleitorais de 15 de novembro constatou-se que houve uma sensível renovação na Arena (prefeitos & vereadores), o que, em outras palavras, representou uma inesperada derrota das alas tradicionais que compunham o partido da situação em São Paulo. Por exemplo: os chamados "secretários políticos" do Governo do Estado conseguiram eleger um número de prefeitos muito aquém do esperado, o que seria uma demonstração de que a

Arena no Interior do Estado não se encontra mais na mão de correntes do passado, que mantinham (ou davam a impressão de manter) verdadeiros "feudos", que sempre serviram para "composições políticas de alto nível". Os exemplos mais concretos dessa nova situação são os secretários do Interior, Rafael Baldacci, e da Administração, Ademar Filho (inclusive são tachados de "inimigos íntimos"), que se mantiveram no mais absoluto e rigoroso silêncio depois de 15 de novembro, numa clara tentativa de não se "me-

xer" muito no quadro eleitoral, em última análise, altamente desfavorável para eles. Também o ex-governador Laudo Natel (embora participasse da campanha) não teria "feito" os prefeitos que imaginava. Portanto: tudo isso prova que — pelo menos em São Paulo — a Arena está conseguindo se "realizar" como partido político, via novas lideranças, inteiramente descompromissada com um passado recente e altamente desabonador para a classe política. Em outras palavras: o tempo dos caciques já passou!

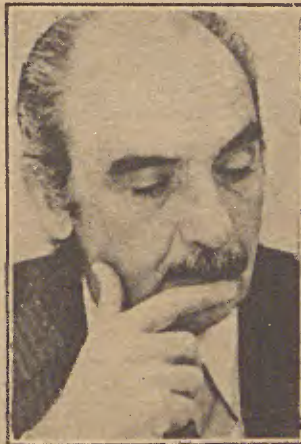
Para anotar: círculos político-empresariais estão revelando preocupação com o rápido desfecho do "affaire" **Colorado** (da concordata à falência com uma rapidez espantosa e vice-versa), acreditando que o tratamento concedido ao grupo Chamma tenha sido mais "político" do que "econômico". Outro detalhe que circulou com insistência nos meios políticos: há pouco tempo a **Colorado** havia manifestado ao Governo intenção de adquirir o controle acionário da Philco (Ford), após o que passaria a controlar também o chamado "mercado urbano" (no Interior do Brasil a participação da **Colorado** já é da ordem de 65% do mercado).

Folclore: dia desses organizou-se um torneio de futebol reunindo funcionários de órgãos do Ministério de Indústria e Comércio, em Brasília, para comemorar o aniversário do secretário de Tecnologia do MIC, Bautista Vidal. O mais estranho: os funcionários foram deslocados do Rio para Brasília, de ônibus, onde participaram dessa autêntica fiesta, o que não deixa de contrariar a política brasileira de economia de combustível. Mais: essa estranha comemoração de aniversário teria como motivo "oculto" a candidatura de Bautista ao Governo da Bahia, na sucessão de Roberto Santos e com o suposto apoio do ex-senador Luís Viana Filho, cujo livro de memória foi recentemente criticado por numerosas e importantes áreas federais por se referir a acontecimentos recentes.

● Duas noites de autógrafos realizadas esta semana marcaram a presença de polítics: a de Mário Donato, com seu **Tietê** Barbosa (a biografia de um empresário-picareta muito bem sucedido, que muitos juram que já identificaram...); e a de Jorge Cunha Lima, com seu **Véspera de Aquarius**. Para quem não sabe: consta que Jorge poderia voltar à vida pública no ano que vem.

● O Instituto Adolfo Lutz colheu amostras da água da Sabesp e condenou o excesso de cloro, muito acima dos padrões aceitáveis. A análise virou primeira página do Estado na terça-feira e a primeira reação da Sabesp foi a de desconstruir a análise. O fato é que o setor de comunicação Sabesp/Imprensa (que, em última análise, é do Governo/opinião pública) sofreu sensíveis alterações de uns tempos para cá, e que poderá refletir negativamente sobre a imagem do seu presidente Klaus Reinach que pela soma de realizações à frente do órgão vinha se projetando na vida pública, num setor que o próprio Palácio reconhece ser da maior dificuldade. A má orientação na área de comunicações se deveria à presença de antigas "escolas" de "press-release", que fornecem, via de regra, uma falsa impressão de eficiência.

● No interior, a renovação de liderança dentro da Arena é hoje um dado concreto. Na região das estâncias (prefeitos nomeados) havia uma **atrofia política** gerada pela



Baldacci

própria escolha de burgomestres via governo do Estado, mas até mesmo essa situação está sendo inovada: surge em Serra Negra uma nova liderança, via prefeito Jesus Chedid, que se hoje tivesse de se submeter ao voto popular venceria por 9 a 1 segundo pesquisas recentes ali realizadas. O fato é que ele "reformou" totalmente a cidade, inaugurando na área um estilo político de administração no qual se procura extrair no máximo as possibilidades de rendimento dos técnicos. Quer dizer: ele conseguiu, com êxito, transportar comprovada capacidade gerencial na empresa privada para uma administração pública, sem os vícios que perseguem os tecnocratas.

● Como já se havia prevenido, o secretário estadual de Planejamento, Jorge Whilheim, estava sendo pressionado para deixar o posto. As manobras que se articulavam nos bastidores passaram às claras quando se publicou um suposto currículo político, na mesma linha acusatória que marcou re-

cêntes pronunciamentos do ex-deputado Leonel Júlio e do deputado federal Aurelio Campos, ambos do MDB. Quem se dispuser a puxar o fio da meada descobrirá nessas três ações a mesma linha.

● O governador Paulo Egydio Martins não poderia ter agido de melhor forma no "affaire" Corinthians, que empolgou mais do que um Estado, mas todo o País. Velho corintiano (há uma foto sua num banquete com Trindade no Parque São Jorge, em 1955), não se esperava fosse outro o seu (dele) comportamento, ainda mais que representa toda a população paulista, engajada na luta pelo título que teimosamente se nega a ir para o Corinthians há 22 anos. As críticas já eram esperadas: afinal — considera-se — elas serão inevitáveis toda vez que o governador estiver empenhado em causas populares.

● **Mais: se Paulo Egydio pecou, foi por excesso de pudor, ao se recusar a assistir aos jogos do Timão em Recife e no Maracand,**



Ademar de Barros Filho

para não deixar a falsa impressão de que seria um "crime" torcer pelo seu clube de futebol.

● O que não se explica mesmo é o comportamento do deputado estadual Wadih Helou, da Arena, ex-presidente do Corinthians, e rompido com Vicente Matheus. Wadih começou sua carreira política graças ao Corinthians e, no mínimo, deve à imensa torcida a sua solidariedade. Conforme um cronista, Wadih teria sido surpreendido na Assembléia, após a derrota para o Internacional, sorrindo e afirmando que havia um "pé frio" em Porto Alegre. Quer dizer: o parlamentar teria se "deliciado" com a derrota corinthiana desde que estavam à frente dela dois "inimigos" políticos: Matheus e Paulo Egydio. Se isso for verdade, é muita mesquinhaaria!

● Voltam a circular rumores segundo os quais o prefeito Setúbal poderia ser convidado para a presidência do Banco Central.

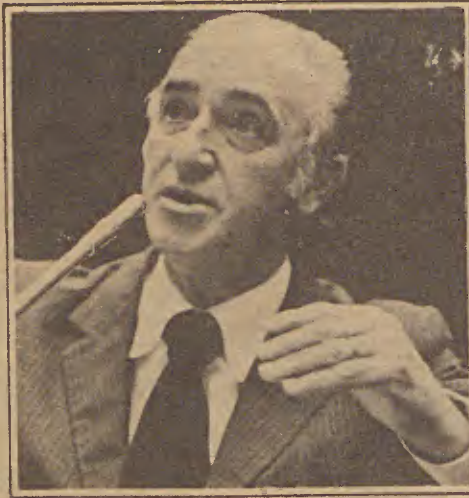
● Áreas ligadas ao secretário de Turismo do Estado, Ruy Silva, estariam preocupadas com os rumores (crecentes) de reforma do Secretariado em março. Reação: críticas ao governador.

● **Aumento do funcionismo seria mesmo de 25% a partir de março/abril. O secretário da Administração, Ademar Filho, estaria reagindo pois ficaria numa posição "esquerda" com relação aos servidores, aliás uma de suas bases eleitorais. Reação: críticas ao governador (nos bastidores).**

BASTIDORES - 4 José Carlos Bittencourt



Quéricia



Montoro



Ulysses

Em diretas ou indiretas, a sucessão está definida

Embora se reconheça cedo para se colocar o debate sucessório paulista, o fato é que não se pode negar que (como o próprio governador Paulo Egydio Martins alertou) superadas as eleições municipais de 1976, estar-se-ia já vivendo a ação política referente a 1978. Com ou sem tese de prorrogação de mandatos e coincidência geral de eleições, a disputa pelo Poder estadual abre-se naturalmente, o que não indica, em última análise, uma precipitação mas a disputa de um posto — o de governador de São Paulo — que estaria imediatamente abaixo da Presidência da República.

No MDB, o quadro está praticamente definido, à base da guerrilha particular travada pelos senadores Orestes Quéricia e Franco Montoro. Quéricia encarna uma espécie de "populismo ademarista"; Franco Montoro, a "intelectualizada" democracia-cristã, muito próxima do antigo udenismo (eleitismo) e do pessedismo (oportunismo). Como "tertius" surge a figura inabalável do deputado Ulysses Guimarães, que não tem carisma pessoal, mas representa o carisma do próprio MDB. Por fora, "atropela" o deputado Chico Amaral, recém-eleito para a Prefeitura de Campinas, numa votação que não traduz propriamente o "sentimento emedebista" da população campineira, mas uma liderança pessoal incontestável.

Na Arena, o quadro antes indefinido de vinte ou trinta candidatos a candidato, parece estar se afunilando em torno de quatro nomes principais.

O ex-governador Laudo Natel pretende voltar ao Palácio dos Bandeirantes pela terceira vez (exerceu um "mandato-tampão" de oito meses após a cassação do falecido ex-governador Ademar de Barros, de quem era vice e mais o mandato normal de quatro anos durante o período Médici). Ele mesmo tem se encarregado de reiterar que é "homem de executivo", desestimulando eventuais lançamentos de seu nome para o Senado ou para a Câmara Federal. De resto, ele encararia a tribuna mais como uma obrigação do que um palco natural. Decididamente, não é ali que ele se sente mais à vontade: nas raras declarações políticas (que estranhamente se sucederam depois que deixou o Morumbi), ele preferiu a fórmula da declaração escrita, ou mesmo, do "press-releáse". Recorde-se: em Barretos, quando atacou o governador Paulo Egydio ao falar numa emissora de rádio local, em pleno gramado futebolístico, ele não dispensou o papelucho previamente preparado, retirando-o da algibeira e deitando falação, que abriu uma crise logo contornada por interferência direta de outros escalões. Além das áreas políticas identificadas com o período Médici, Laudo contaria ainda com um esquema empresarial da maior eficiência, liderado por Amador Aguiar (Bradesco).

O ex-ministro Delfim Neto definiu sua candidatura ao Governo de São Paulo em Paris, durante entrevista ao correspondente do *Estado* e a *Jovem Pátria*, o excelente Reali Júnior. De lá para cá a situação não sofreu alterações: o ex-ministro permanece "candi-

datíssimo", apesar de que teria perdido apoios importantíssimos mas que — dependendo da situação — poderiam ser reconquistados. A sua presença física no Brasil e a incrível capacidade de articulação lhe garantem, desde já, uma posição privilegiada entre os cogitáveis. Além disso, possui o "background" de candidato fracassado em 1974, quando disputou e perdeu a indicação ao Palácio dos Bandeirantes para o atual governador Paulo Egydio.

O vice-governador Manoel Gonçalves Ferreira Filho, que rapidamente passou de "professor" a "Maneco" mercê de uma atuação importante no campo político-eleitoral, é uma das maiores revelações do Governo Paulo Egydio. Dotado de uma excepcional capacidade intelectual, Maneco revelou-se capaz de articular na área política como se fosse uma "velha raposa" no melhor estilo pessedista. Realista sem ser subserviente, é responsável talvez pela maior soma de contribuições ao novo Modelo Político Brasileiro, ao mesmo tempo em que revela lealdade impressionante na atualidade política. A cada soma condições para vir a ocupar o Palácio dos Bandeirantes, sem "forçar a mão".

O prefeito Olavo Setúbal não esconde mais a sua pretensão de suceder Paulo Egydio no Morumbi. Procura articular-se com as mais variadas correntes políticas, estando no momento "atrelado" ao grupo limista (via secretário do Interior, Rafael Baldacci, que deverá ter participação também no esquema municipal). Mas nem por isso deixa de ter contatos em outras áreas, como a ademarista e a laudista, via presidente estadual da Arena, Cláudio Lembo, que continua ligado umbilicalmente à Prefeitura, através de uma Secretaria. Já se considera experiente o suficiente para "enfrentar" a classe política, da qual se vê como participante ativo. Também dispõe de esquema empresarial forte (bancos). Ao contrário do vice-governador Manoel Ferreira Filho, Setúbal tenta cristalizar

sua candidatura junto ao Palácio e ao Sistema como "irremovível". Estaria prevendo um "boom" em sua administração, tanto que atrela suas pretensões na área pública com o sucesso na Prefeitura de São Paulo. Mas pretenderia ser mais Prestes Maia (organização) do que Faria Lima (ação).

Como se percebe, a disputa pela sucessão paulista se desenvolve sob dois ângulos. De um lado, os emedebistas procuram credenciar-se para enfrentar uma disputa direta, nas urnas, embora não descuidem do problema da obtenção de bases internas fortes o suficiente para, no mínimo, assegurar uma sublegenda, ou mesmo, no caso de se alterar a legislação eleitoral à base de um candidato por partido, obter a maioria dos votos atribuídos aos delegados.

Como organização interna, embora não se deva desprezar a capacidade de articulação do senador Franco Montoro, recorde-se que o senador Orestes Quéricia dispõe de um "know-how" invejável: na convenção emedebista de 1974 ele "banhou" o deputado federal Freitas Nobre (João Cunha nem se fala...), que era apoiado pela direção estadual do partido da Oposição e todos os "velhos caciques" do partido. Reconheça-se mais: como de costume, discretamente, ele contou com o apoio do presidente nacional do MDB, deputado Ulysses Guimarães que, aliás, foi o responsável pela indicação de Samir Acha para participar de sua chapa, como suplente. Mas o trabalho desenvolvido por Quéricia no Interior do Estado, reunindo os delegados partidários em torno de sua candidatura, demonstrou que não se deve desprezar ou menosprezar as bases: o mais humilde encanador de uma cidadezinha perdida nos confins do Estado pegou o trem e veio à Capital para depositar o seu voto pela indicação de Orestes Quéricia para o Senado. E, orgulhoso, voltou à sua terra agitando a bandeira da vitória, contra os poderosos Franco Montoro, Lino de Matos & Cia.

Embora o trabalho se desenvolva nesse sentido, registre-se que no caso de pleito indireto, o MDB contaria com dois nomes fortes para o Governo estadual: o próprio Ulysses Guimarães, que é respeitado pelo Sistema, e mais o senador Franco Montoro que, silenciosamente, desenvolve um amplo trabalho de "cobertura" em áreas federais, via um ex-assessor de Lino de Matos e do ex-presidente Juscelino Kubitschek, com o "aprovo" de Jânio Quadros. O que explicaria o seu envolvimento na "tragédia grega" de Leonel.

Na Arena, embora as articulações visem pleito indireto, (o que determina uma outra espécie de soma de forças, além, é óbvio, de penetração nas bases partidárias), a única figura hoje em condições de ir ao palanque disputar votos com um candidato emedebista é o ex-governador Laudo Natel. Ele faz o trabalho da "formiguinha" incansável, percorrendo várias vezes o Interior do Estado, numa peregrinação político-eleitoral constante, na conversa "boca-ouvido" nos mais perdidos rincões do Estado. Esse trabalho que o próprio Ulysses Guimarães teme, pois já deu a Laudo, em eleições diretas, uma vice-governança, o que lhe permitiu ascender ao Morumbi pela primeira vez, após a cassação de Ademar, em 1965.

Em pleito direto, outro nome que pode surgir, fora das atuais especulações, é o do secretário de Interior, deputado federal Rafael Baldacci, que mesmo na "onda emedebista" de 1974 conseguiu ser o segundo deputado mais votado de São Paulo, com 147 mil votos, a esmagadora maioria dos quais obtida no Interior.

Os demais (Delfim e Setúbal) não teriam a menor chance. O ex-ministro tem a perseguição pelo resto de seus dias o "milagre-econômico" da inflação de 12% (como a renúncia persegue Jânio); Olavo Setúbal tem, entre todos, a maior dificuldade de comunicação aliada à inexperiência em pedir votos.



Laudo



Delfim



Setúbal

Eleições na OAB ESTADO DE DIREITO, A LUTA DO ADVOGADO

JOSÉ DE CASTRO BIGI:

As liberdades valem muito mais
do que o produto nacional bruto.

ADILSON ABREU DALLARI:

Poder absoluto e advogado são
oposições absolutas - não podem conviver.

OCTÁVIO BUENO MAGANO:

A palavra da OAB deve ter
a maior significação na vida política do país

A volta ao Estado de Direito, com a revalorização das garantias individuais e da ordem jurídica, representou um elo de ligação entre as três chapas que concorreram às eleições para o Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de São Paulo. É claro que a ênfase dada a esse ponto variou de uma para outra chapa, mas ficou clara, de qualquer forma, a posição da classe dos advogados (quase 29 mil votantes de 35 mil inscritos na OAB-SP) em relação ao momento atual brasileiro.

O pleito deste ano, realizado no dia 12 no interior do Estado e no dia 30 na ca-

pital, foi, na opinião de todos, o mais movimentado dos 45 anos de existência da Ordem. Também pela primeira vez na história da OAB-SP o vitorioso não obteve a maioria absoluta. A vontade dos advogados paulistas, inscritos na Ordem, exprime-se em três segmentos, todos percentualmente importantes. A Chapa Azul, vitoriosa e que representa a situação, obteve 42% dos votos. A Chapa Unidade e Participação, de oposição, conquistou 34%. Finalmente a Chapa Renovação, igualmente de oposição, recebeu os restantes 24%. Mas entre as duas chapas de oposição existe uma distância tão grande quanto a que as sepa-

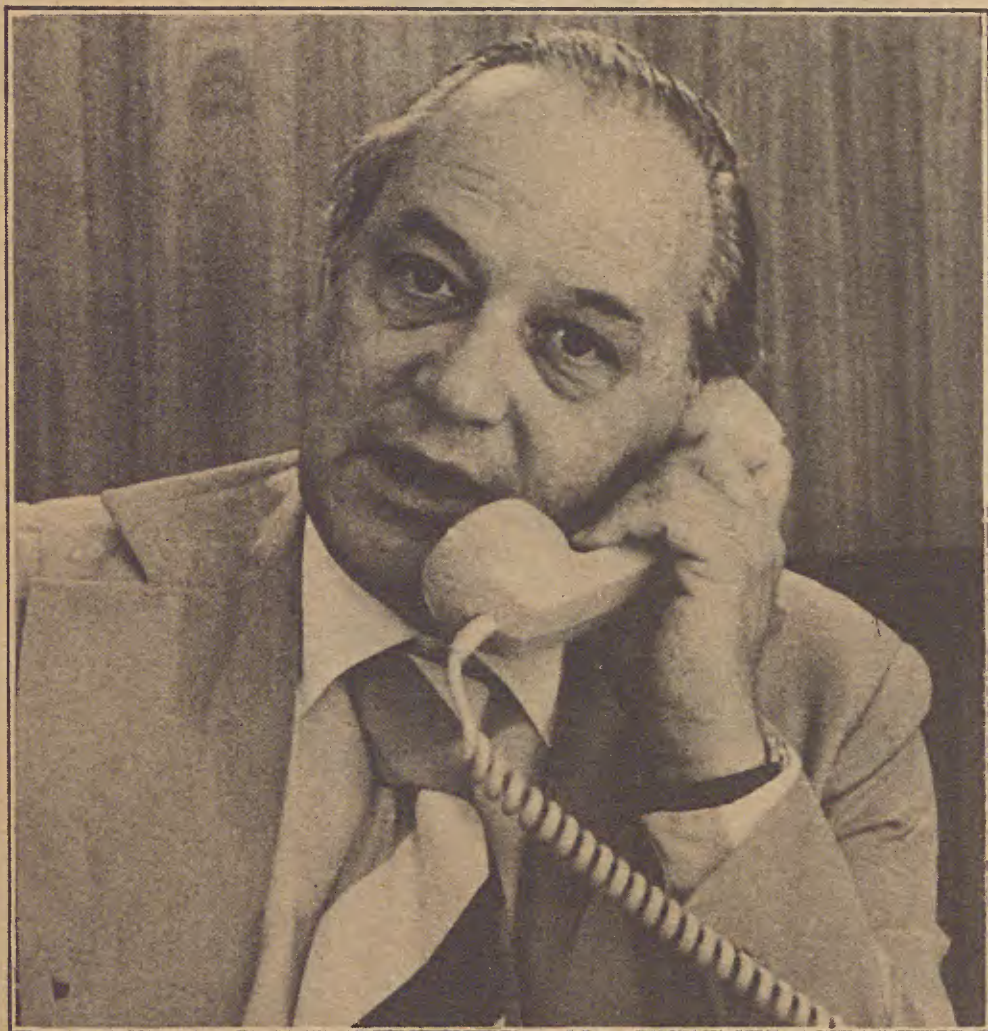
ra, cada uma delas, da situação vitoriosa nas urnas. Só por isso não se pode falar em triunfo da oposição. A apuração mostrou a existência de três correntes bem definidas, conflitantes entre si, com posições diferenciadas.

Num aspecto, porém, estão unidas: a preocupação em não deixar que venha a tombar a bandeira da OAB, especialmente no que se refere à luta pelo Estado de Direito, os direitos humanos, a defesa das prerrogativas do advogado e a revalorização do ensino jurídico no país. E isso poderá ser visto, com toda a clare-

za nos depoimentos prestados a AQUI-São Paulo pelos advogados mais votados em cada uma das três chapas: José de Castro Bigi - 11.895 votos, da Chapa Azul; Adilson Abreu Dallari - 9.769 votos, da Chapa Unidade e Participação, e Octávio Bueno Magano - 6.275 votos, da Chapa Renovação. Todos eles, nomes muito conhecidos da classe, não necessitam de maior apresentação. E suas tendências e preocupações, em relação à orientação política e administrativa da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de São Paulo, no biênio 77/78, resultam claras de suas respostas às perguntas formuladas.

Por José Antonio Silva Fotos de Joel Sian

José de Castro Bigi: Defesa intransigente das prerrogativas dos advogados



AQUI — Qual o papel da Ordem dos Advogados do Brasil no atual momento brasileiro?

José de Castro Bigi (Chapa Azul): Seu papel é o da preservação da independência do advogado, única forma de defesa eficaz do cidadão, quer no campo das liberdades fundamentais, quer no campo dos direitos patrimoniais. Para tanto, sem caráter de contestação, a Ordem luta pela instauração do pleno Estado de Direito.

Adilson Abreu Dallari (Chapa Unidade e Participação): Seu papel se confunde com o papel do advogado, do jurista em geral, diante do momento brasileiro. O Brasil foi chamado há algum tempo de "república dos bacharéis". Depois os bacharéis foram aliados do poder. O fato é que se seguiu um desastre. Tivemos o famoso milagre econômico que, graças a Deus, já acabou. Estamos vivendo agora o momento da mística do planejador. Mas esta mística também não tem dado certo e não dará enquanto se persistir em desconhecer os dados da realidade, especialmente um dado importantíssimo, a meu ver o mais importante deles: a pessoa humana. Então o advogado é, sem dúvida, o profissional mais habilitado a compreender os anseios, a perceber que nenhum plano de governo funciona se não levar isto em consideração, se não estiver preparado para as constantes necessidades de reprogramação, de transigir. Enfim, eu acho que o bacharel é o mais preparado para as tarefas do governo. Já é tempo dele voltar a estas tarefas. Se analisarmos a atual legislação, encontraremos uma verdadeira calamidade: a qualidade da legislação é lamentável. Isto afeta a população em geral. As contradições existentes na legislação, a forma quase hermética com que são redigidos os textos, a falta de sistemática acabam gerando uma insegurança para o cidadão. Então é hora do bacharel retomar a sua posição no cenário nacional, e a OAB ocupa uma posição primordial nessa tarefa.

Octávio Bueno Magano (Chapa Renovação): A Ordem deve desempenhar uma atuação cada vez mais intensa no sentido de conseguir superar problemas como o do mercado de trabalho.

AQUI — Individualmente, qual o papel do advogado em relação ao momento presente?

José de Castro Bigi: O papel do advogado no momento presente há de ser o de cerrar fileiras em torno de seus órgãos de classe, fortalecendo-os para atingir os objetivos desejados. Para tanto, o advogado deve buscar, cada vez mais, o aperfeiçoamento de seus conhecimentos não só jurídicos, como políticos, econômicos, sociais e culturais. O advogado precisa retomar o lugar que sempre lhe coube na República, contestado agora pela onda tecnocrática. O advogado possui um conhecimento telúrico do mundo, e sua influência na política de uma Nação é necessária para que o homem comande os números e as fórmulas mágicas dos alquimistas de gabinete, sobrepondo-se a eles. As liberdades valem muito mais do que o produto nacional bruto.

Adilson Abreu Dallari: Cada advogado, individualmente, precisa ser um defensor intransigente da Ordem Jurídica. E precisa encontrar na Ordem dos Advogados cobertura para estas posições. Na medida em que o advogado encontra na OAB apenas um elemento de punição — nos últimos tempos a Ordem se resumiu apenas em ser um órgão que arrecada e pune — não dando a necessária assistência ao bacharel no momento de necessidade, não tem condições de realizar um trabalho produtivo.

Octávio Bueno Magano: O advogado é um homem treinado para compreender e aplicar as leis. De forma que naturalmente ele torna-se um defensor da legalidade. E o órgão que representa o advogado deve ser o propugnador da defesa da legalidade.

AQUI — Qual a importância das eleições da OAB, no plano genérico, naquilo que se relaciona aos advogados?

José de Castro Bigi: A Ordem dos Advogados do Brasil deve e precisa ser uma entidade de luta pela valorização profissional, através da manutenção e aperfeiçoamento do exame de ordem, e na defesa intransigente das prerrogativas dos advogados, defendendo-as em campo aberto, sem concessões. A remuneração condigna do trabalho do advogado há de ser meta prioritária, pois apesar de toda a luta travada, os advogados ainda não conseguiram a imposição legal de seu salário profissional. O último projeto de lei que subiu à sanção presidencial foi vetado pelo governo Costa e Silva.

Adilson Abreu Dallari: Eu acho que estas eleições tiveram uma importância extraordinária. O advogado estava aliado do processo político, aliado da vida social — especialmente das preocupações sociais mais ligadas às tarefas do governo. Cada advogado estava mais preocupado com suas tarefas puramente profissionais, esquecendo de sua missão social. Estas eleições chamaram os bacharéis à realidade. Ele percebeu que pode influir no andamento das lutas. Acho que os bacharéis realmente despertaram para o momento presente. Citando um colega, o doutor Teófilo Cavalcanti Filho, o mais importante nestas eleições foi o fato de terem se realizado na forma como se realizaram. Jamais houve uma eleição como esta. O nível de interesse dos advogados foi extraordinário, se não foi maior, é que não havia mais interesse por parte dos dirigentes da Ordem para que este comparecimento fosse ainda maior.

Octávio Bueno Magano: A importância dessas eleições reside no fato de que essa é uma das entidades mais representativas do país. Porque se sabe, os órgãos políticos por excelência são as entidades políticas. Mas as entidades que representam os grupos sociais obviamente não podem estar alheias aos acontecimentos políticos. E quanto mais expressivas estas entidades, maior a importância do pronunciamento delas. E a OAB, certamente, é uma entidade cuja manifestação deve ter a maior significação na vida social e política do país.

AQUI — Quais os pontos principais do seu manifesto?

José de Castro Bigi: Oito foram os pontos principais de nosso programa:

- a) a batalha pela instauração do pleno Estado de Direito;
- b) a resistência desassombrada à supressão da independência da Ordem dos Advogados;
- c) a valorização do advogado, através da manutenção e aperfeiçoamento do Exame de Ordem, da implantação de curso gratuito de estágio profissional e promoção de cursos e conferências em todo o Estado;
- d) a defesa intransigente das prerrogativas dos advogados, protegendo-os sem vacilação;
- e) a firme postulação de honorário condigno, livrando os advogados do interior da insuportável onus representado pela assistência jurídica;
- f) a vigilância para que a reforma judiciária, se e quando vier, traga a contribuição indispensável dos advogados;
- g) a união plena de todos os advogados, eliminando-se a separação capital-interior, preponderando nessa atividade a criação do "Jornal do Advogado", instrumento eficiente de integração;
- h) a criação, aparelhamento e reaparelhamento de Subseções, bem como a construção de sede própria para outras.

Esses pontos todos não representam promessas, mas realidade. Realização

do último biênio, fruto do trabalho do Conselho presidido por Cid Vieira de Souza. O nosso manifesto não sugeria aventuras nem retrocessos. Traduzia linha de conduta intransigente na defesa dos direitos e prerrogativas da classe, sem que tal procedimento invadisse as fronteiras do radicalismo e da agitação improdutiva.

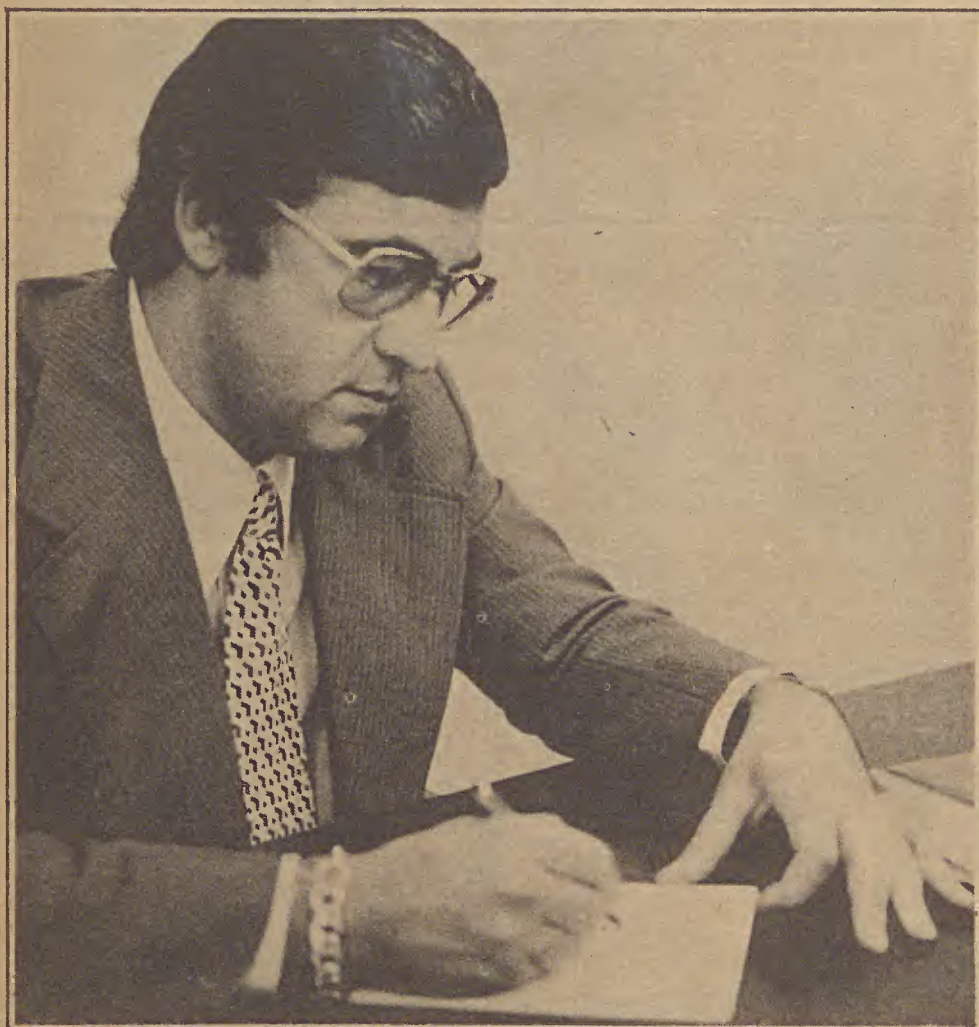
Adilson Abreu Dallari: Poderia resumir os pontos principais em um deles: a restauração da Ordem Jurídica. Temos hoje no Brasil duas ordens paralelas — a institucional e a constitucional. Sendo que a constitucional vive constantemente em choque. O advogado é um homem que trabalha com a ordem jurídica e não sobrevive fora desta. Então é elemento para o bacharel a restauração do Estado de Direito. Não concebo um bacharel que não seja favorável à extinção do AI-5, enfim, da ordem institucional como um todo. Nem se pense que haja por parte dos bacharéis em geral qualquer intenção de voltar a uma ordem já superada, anterior à Revolução. Os advogados, na minha opinião, são suficientemente conscientes para perceber que o mundo evoluiu: não se pretende voltar a coisa alguma, e sim dar um passo adiante. Ninguém tem os olhos voltados para o passado e sim para o futuro. E nos olhos que se põem no futuro é impossível enxergar qualquer coisa de claro, de seguro, sem o pleno restabelecimento da Ordem Jurídica. O poder absoluto como hoje existe não pode ser aceito de maneira alguma pelo advogado. Poder absoluto e advogado são oposições absolutas — não podem conviver.

Não havia grandes divergências entre minha chapa e a outra chapa oposicionista: havia enfoques diferentes. A outra chapa de oposição estava mais preocupada com o dia a dia, com a atuação profissional do advogado. Quanto à chapa da situação, a grande diferença estava na sinceridade de propósitos. Não há nenhuma dúvida que a chapa da situação, há tanto tempo no poder, consolidada, não precisaria se propor à restauração do Estado de Direito. O que ela deveria ter feito é demonstrar isso numa atuação concreta. Então ambas as chapas pretendiam a mesma coisa, só que a nossa chapa, de gente nova, de gente disposta, estava realmente propensa a realizar aquilo a que se propunha. Quanto à situação, na prática, muito pouco fez no sentido das idéias que propunha.

De qualquer modo, acho que haverá uma modificação substancial no atual estado de coisas, porque era hábito da situação reeleger-se sem qualquer problema. Estas eleições mostraram que agora ela é minoritária. Ganhou no interior, num eleitorado sujeito a pressões de toda a ordem, a restrições de toda espécie. Acredito que os procedimentos utilizados pela situação para ganhar esta eleição são suficientemente conhecidos: para vencer precisou valer-se de uma série de expedientes altamente condenáveis. A antecipação das eleições para o dia 12, três dias antes do pleito municipal, só se justifica como propósito mesquinho e eleicoeiro. A não utilização da cédula única foi só aqui: no Brasil inteiro usa-se a cédula única. Só a OAB em São Paulo não utiliza... Houve um grande número de municípios onde a nossa cédula simplesmente não chegou. Houve casos de eleitores que viajaram 400 quilômetros para buscar cédulas para votar na oposição — porque só chegavam cédulas da situação. Os golpes dados pela situação são altamente condenáveis, principalmente dentro do caráter ético do advogado. Acho que os resultados das eleições serão altamente desastrosos

Adilson Abreu Dallari:

O advogado não sobrevive fora da Ordem jurídica



para a situação, que agora vai exercer um mandato sabendo que é minoritária, que não conta com o apoio da classe, sabendo que vai ter uma oposição vigilante, sabendo que não mais poderá utilizar recursos da Ordem sem qualquer controle, sem qualquer prestação de contas. A situação propôs-se a lutar pelo Estado de Direito — e terá que fazer isso, pois a oposição está vigilante!

Octávio Bueno Magano: A nossa posição nestas eleições foi principalmente de repulsa à idéia de continuismo na administração da Ordem. Parecia, a nós, advogados independentes, inaceitável que já há três períodos sucessivos uma administração viesse dominando a Ordem e o fizesse ainda por um novo período. Então, para que tal fato não se realizasse nos organizamos como oposição. Por outro lado, achamos também que a atual administração não estava satisfazendo a solução dos problemas da classe, e nem atuando em face dos problemas gerais do Brasil de uma maneira inteiramente adequada. Atribuo a vitória de uma chapa situacionista novamente ao fato de deter a administração da Ordem durante seis meses, quando estabeleceu vinculações muito intensas com o eleitorado, conhecimento pessoal dos eleitores, circunstâncias locais, meios de comunicação — tudo isso era do conhecimento da administração da Ordem, enquanto as oposições não tinham as mesmas facilidades.

O programa de minha chapa divergia da plataforma da situação porque a dela era de rotina. A continuidade da situação converteu a sua atividade em processo rotineiro, ao passo que nós, da Chapa Renovação, pleiteávamos um inventário de toda a problemática com a qual se defronta o advogado. Queríamos primeiro fazer um inventário disso para depois equacionar de uma maneira atual estes problemas e em seguida encaminhá-los a uma solução adequada. Em suma, enquanto a situação tinha um programa rotineiro, nós propugnávamos um diálogo com a classe dos advogados para fazer este inventário dos problemas e solucioná-los.

E nosso programa divergia do programa da Chapa Unidade e Participação pela circunstância deste último grupo estar colocando ênfase em problemas de natureza política, ao passo que nós colocávamos a tônica sobre assuntos de natureza profissional.

AQUI — Qual, na sua opinião, a forma mais eficaz de se tratar o problema educacional no campo jurídico? Houve retrocesso, manteve-se o nível ou houve um aprimoramento do ensino, desde sua formatura?

José de Castro Bigi: Em breve síntese, pensamos que o ensino no Brasil, de forma geral e inclusive no campo jurídico, ainda não atingiu seu ponto desejável. Especificamente com relação ao campo do ensino do Direito devemos reconhecer que a atual orientação traçada pelo MEC vem impedindo a proliferação de faculdades e aponta o sentido altamente lesivo aos interesses do mundo jurídico

que tal prática consubstanciava. Inegavelmente, as oportunidades oferecidas atualmente para o aperfeiçoamento dos conhecimentos jurídicos são muito maiores.

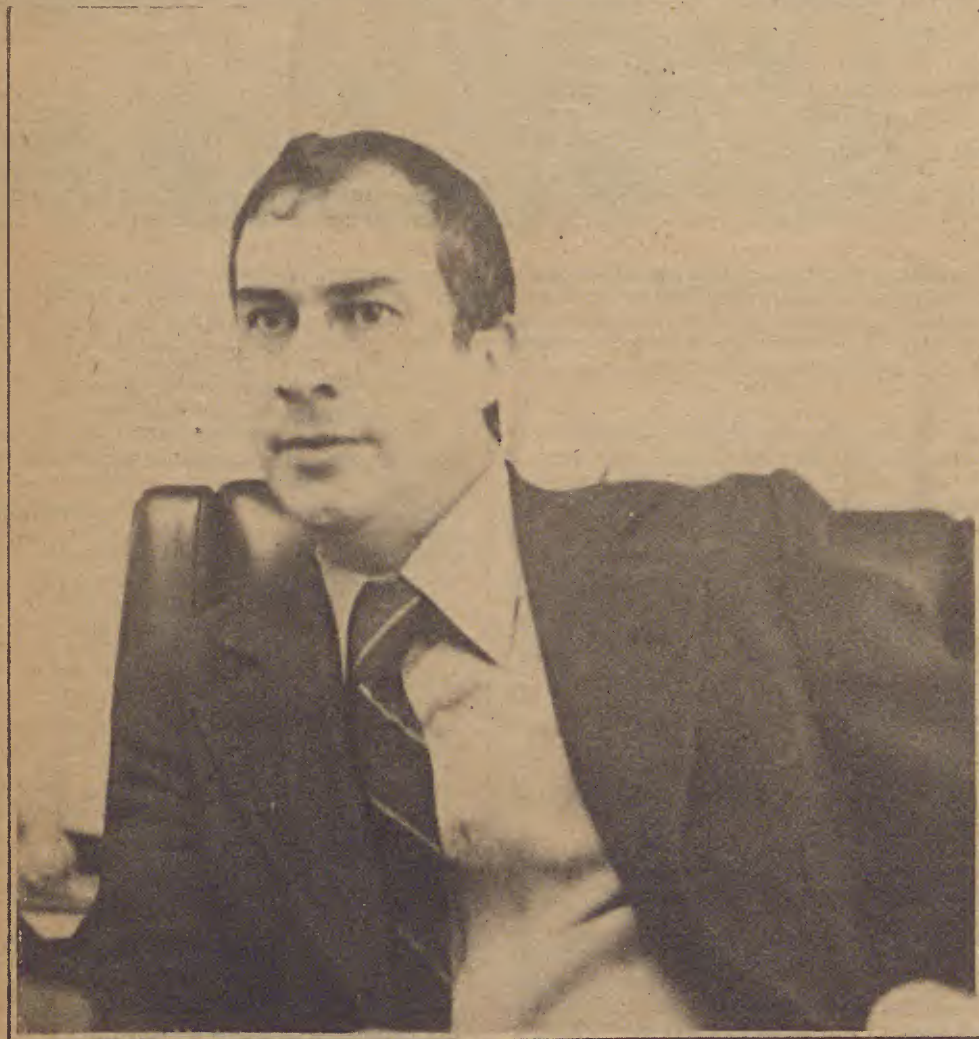
Adilson Abreu Dallari: Tivemos fases de retrocesso, de rebaixamento de nível e de qualidade, mas já estamos em fase de recuperação. Sinto-me perfeitamente à vontade para falar sobre isso, uma vez que sou professor de Direito. Tenho acompanhado de perto a evolução do problema, já tenho ministrado aulas na capital e no interior. Sinto que atravessamos um período realmente difícil, em que o nível dos estudantes era lamentável, mas não há dúvida de que estamos em nova fase: o nível dos estudantes têm melhorado, os processos de ensino têm evoluído e já está definitivamente sepultado o sistema antigo de aulas-conferências do professor que se punha diante da classe para dizer a verdade.

Hoje as aulas são dialogadas, não se ensina Direito a não ser através da oposição de idéias, da exposição de pensamentos divergentes e do cotejo dessas idéias. É claro que em algumas Faculdades ainda se está no estágio inicial, mas estão caminhando para uma nova fase. Há uma preocupação de dar ao advogado aquilo que é fundamental a ele: a mentalidade aberta.

Octávio Bueno Magano: Ao tempo em que fui estudante havia muito rigor por parte dos professores, de modo que quando um advogado se formava, principalmente quando se formava pela Faculdade do Largo de São Francisco, estava preparado para atuar profissionalmente. Mas com o tempo foram se multiplicando as escolas de ensino de Direito. Não sou contra isso, pois acho que o anseio dos jovens de estudar deve ser satisfeito, mas acontece que diante de uma multiplicação muito grande das faculdades, e consequentemente do número de estudantes, é difícil a manutenção do mesmo padrão, o que resultou numa queda de nível. Esta não é desejável. Então implantou-se o Exame de Ordem.

Mas este exame é um ponto de estrangulamento do vestibular. Porque simboliza a defasagem que existe entre o curso básico e o universitário, e depois entre o curso universitário e a atividade profissional. De forma que para que estas defasagens sejam eliminadas eu preconizo que o órgão de classe passe a interessar-se pelo futuro profissional desde que ele entre na Faculdade de Direito. Sei perfeitamente que esta é a função precípua do Ministério da Educação, do Conselho de Educação, dos professores, etc.

Mas não exclui a presença da OAB. A nossa Universidade está precisando de dar mais alguns passos para completar a reforma universitária que se iniciou. O estudante de Direito precisa contar com uma escola mais atuante, onde haja uma grande quantidade de professores habilitados, maior número de cursos para que os grupos possam ser menores, e as aulas, em consequência, possam ser mais efetivas e para que o aprendizado assim se torne uma realidade.



Octávio Bueno Magano: A OAB deve ser o propugnador da defesa da legalidade

Um homem que crê no futuro

Os problemas são muitos, tanto os da cidade como os do Estado. Para alguns a visão do futuro é catastrófica, quase apocalíptica. Mas para o arquiteto Jorge Wilhelm, aos 47 anos mas já com uma grande base de realizações e com experiência gratificante de planejamento social na área da administração pública, o futuro não deve ser encarado com pessimismo.

Admite que estamos diante de uma situação de crise, que se projetará em 77 e talvez adiante. Mas devemos tirar ensinamentos da crise buscando soluções novas, imaginativas e corajosas.

Num dia particularmente tenso, com pressões para o reajustamento de vencimentos dos servidores do Estado e outras que comumente se costuma sofrer na vida pública analisou as perspectivas com que o Estado e a cidade se defrontam. Não faltaram a confiança e a segurança de quem está acostumado a vencer desafios de toda a ordem.

AQUI — Em relação à cidade de São Paulo existem muitas previsões catastróficas. Seu crescimento dentro de 10, 20 ou 50 anos permitirá ou não sua sobrevivência como cidade organizada, não totalmente fominada pelo caos? Há, ao contrário, quem veja o futuro com otimismo, embora considerando São Paulo como a última explosão urbana do século. Com sua experiência, tanto de urbanista como de planejador, à testa da Secretaria do Planejamento, qual a sua previsão? São Paulo deve parar ou não pode parar?

JW — Os meus conhecimentos dos problemas urbanos da capital paulista não decorrem de meu ano e meio de Secretaria, mas de experiências anteriores. Acho que a tendência da metrópole de São Paulo ainda é de crescer, mas de crescer menos, a uma taxa mais baixa, que poderá ser diminuída na medida em que for satisfatória a política de apoio às cidades médias, na medida em que puder haver uma maior diversificação das indústrias e serviços no Estado e na medida em que o país se desenvolver. Isto tem uma inércia, leva algum tempo. Enquanto isso a cidade continuará a crescer porque é uma metrópole nacional. Ela ainda significa uma solução para os migrantes nordestinos, mineiros, etc. que, onde se encontram, não acham condições favoráveis e se tocam para São Paulo em busca de emprego. Em consequência, a vida de São Paulo adquire uma característica muito própria. Primeiro a de ser em grande parte de formação migrante, que tem uma filosofia utópica. Ele vem para refazer a vida. Vem para uma espécie de bolo ilusório do qual pretende arrancar a fatia a que acha ter direito. Cria-se, assim, um tipo de vida dinâmico em que todo o mundo está lutando para tirar o seu. E daí decorre essa vida cansativa, tensa, etc., ao mesmo tempo com resultados bons ou razoavelmente bons a nível individual. As pessoas queixam-se da poluição, de que as coisas não funcionam. Num grande anúncio publicado pelo New York Times, em página inteira, li

uma vez: "Todo mundo odeia Nova Iorque, menos a sua população".

São Paulo, com todas as deficiências que ainda tem, é claro, continua sendo a Meca para muitos brasileiros. Não é possível imaginar São Paulo fechada, com a afirmação de que aqui não entra mais ninguém. Além de ser impossível seria extremamente injusto para com o resto do país. Acho que a tendência da cidade é de crescer, de preencher os seus vazios, de se transformar numa importante cidade terciária e universitária, com indústrias quaternárias, atendendo ao centro de decisão financeira e industrial e comercial, com indústrias também de médio porte. As indústrias que cresceram vão expandir-se provavelmente fora de São Paulo mas ainda em suas proximidades, ainda na macro-metrópole. A política de descentralização que estamos propondo, que ainda não é pública, só poderá ser implementada na medida de apoio à economia crescer. Nenhum industrial, evidentemente, poderá fechar sua fábrica e mudá-la. O que poderá fazer é localizar sua expansão em outro lugar. Assim, creio que a cidade crescerá e preencherá os seus vazios. Muita coisa tem para ser feita em São Paulo e, em boa parte, o prefeito já vem fazendo para melhorar as condições e o nível da vida.

AQUI — Desse ponto de vista, sem cair na futurologia, qual a sua previsão, até num plano universal, sobre a importância que São Paulo poderá vir a ter ou não neste fim de milênio?

JW — Acho que São Paulo pode tornar-se o grande evento de metrópole de país subdesenvolvido assim como foi Manchester o grande evento de metropolização da revolução industrial na Inglaterra no século passado. A comparação entre Manchester e São Paulo é inteiramente pertinente. Uma imensa metrópole de caráter nacional que ultrapasse inclusive o nacional em contexto subdesenvolvido. Esse é o grande desafio e para isso, destaque, há necessidade de imaginação e de coragem.

AQUI — Dentro de seu plano de imaginação e coragem qual a previsão quanto à viabilidade da existência de recursos humanos, financeiros e técnicos para que São Paulo possa chegar a essa situação?

JW — Os recursos financeiros serão carentes em todo o mundo nos próximos vinte anos. Haverá luta pela obtenção dos mesmos e os problemas decorrentes desta luta marcarão, no meu entender, esses próximos vinte anos. Quanto aos recursos naturais e aos recursos humanos é o que temos de melhor e com abundância. Temos de qualificar gente, muita gente pois precisamos ainda de mais, apesar dos já bem preparados. Como possuímos recursos humanos e recursos naturais, sou otimista em relação às perspectivas de desenvolvimento autônomo da cidade e do próprio país.

AQUI — Havendo esses meios São Paulo pode atingir as condições da grande metrópole típica de uma civilização subdesenvolvida?

JW — Chegaremos lá se encontrarmos alguns meios mais adequados de gerenciar o nosso desenvolvimento. É difícil chegar lá seguindo as mesmas pegadas dos países industrializados, porque o momento é diferente e sofremos outros tipos de pressões. Mas se soubermos adequar as nossas condições, as nossas peculiaridades aos problemas do desenvolvimento, certamente poderemos chegar lá.

AQUI — Qual a sua previsão para 77? Será um ano de crise geral, nacional e internacional? Li uma frase sua que guardei, segundo a qual não receava um desastre para a economia de São Paulo pela sua potencialidade. O importante era de que estava falando em redução do crescimento e não em recessão. Até que ponto São Paulo poderá ser afetado pela previsão geral de crise em 77?

JW — É difícil calcular a resposta em termos percentuais. Seria mesmo impossível essa medida. Acredito, no entanto, que está

havendo uma redução do crescimento, mas sem recessão. Não acredito que haja recessão. Mas o crescimento poderá ser menor.

Crise, tanto a nível individual como a nível social, é sempre um momento de reflexão, de descobrir novos caminhos e tomar decisões vitais. Se chamarmos 77 ano de crise oxalá encontremos alguns caminhos férteis e novos. Vou citar como exemplo o álcool. É claro que a solução do álcool não é definitiva. Mas vinte ou trinta anos vão ser muito importantes para o Brasil. É claro também que não teríamos adotado essa medida de mistura de álcool se não surgisse a crise do petróleo.

Existem, de forma análoga, diversos setores que possivelmente poderão tomar decisões e novos rumos, por assim dizer, de importância social. Se conseguirmos através de novos modelos de infra-estrutura encontrar maneiras diferentes de urbanizar uma cidade é claro que isso significará um gigantesco salto à frente que o Brasil tem a potencialidade para fazer. Se nós pudermos desenvolver as pesquisas de hidrogênio que estamos fazendo em São Paulo e em outros lugares do Brasil e pudermos, de repente, armazenar a energia que as nossas hidrelétricas jogam fora pelo vertedor, à noite, estaremos descobrindo uma forma toda nossa, de extrema importância, para vencer os problemas energéticos básicos. Se soubermos desenvolver alguma tecnologia de pequena escala na agricultura, a fim de não dependermos exclusivamente de insumos e fertilizantes que por sua vez decorrem da importação de petróleo, e conseguirmos descobrir como fazer amonea a partir da eletrólise, da energia solar da água e do ar como vai ser agora pes-

quisado na Unicamp, estaremos descobrindo novas formas de gerar o desenvolvimento do país. Então em curto prazo, quanto ao ano que vem, percebo que a economia diversificada em São Paulo, não depende apenas de soja, de eletrodomésticos ou de automóveis. E isto facilita um pouco o manejo de um ano difícil. Diante disso não vejo com pessimismo o desempenho da economia paulista em 77.

AQUI — Até que ponto, na parte mais desenvolvida do setor privado, existe um esforço no sentido de encontrar novas fórmulas?

JW — Acho que há muita coisa para fazer. É claro que estou sendo injusto ou generalizado. Existem muitas indústrias que têm desenvolvido produtos de uma forma excepcional. Mas se pegarmos o setor globalmente, diria que a indústria tem muito a avançar na invenção de tecnologia própria. Existe um certo comodismo: trazer um produto industrial já feito e apoiar-se em hábitos de consumo que também já vêm praticamente enlatados. E, finalmente, tentar faturar em cima. Isso, no meu entender, tem seus limites e não podemos pretender oferecer como modelo universal no Brasil, a curto e médio prazo, padrões de consumo de países industrializados. Não estamos nos industrializando da mesma forma e na mesma época da Alemanha e da Inglaterra. A Inglaterra, a Alemanha e a França se industrializaram quando ainda possuíam colônias e nós estamos nos industrializando numa época em que já existem as transnacionais. Os momentos são inteiramente diferentes. Devemos viver o nosso momento, as nossas condições.

AQUI — Qual o destino de São Paulo, em relação ao resto do Brasil? Vale recordar a fra-

se de Setúbal no ano passado de que se algo explodir no Brasil explode primeiro em São Paulo. Em São Paulo se resumem todos os grandes problemas nacionais. E aqui está sendo feito, como nos disse, grande esforço concentrado em busca de tecnologia própria, etc.

JW — Acharmos que é muito importante procurar fórmulas de se desenvolver o país e desenvolver São Paulo. Isso requer, como disse antes, imaginação e coragem. Temos de viver o momento atual, um momento difícil de crise do comércio internacional. Mas um momento também de muitas oportunidades. Assim devemos procurar aproveitar a crise, seja renovando certas maneiras de ser e ousando no campo internacional. No mercado internacional representamos uma parcela muito pequena. É possível, porém, que tenhamos condições de nos engajarmos no mundo das transnacionais de forma mais ousada. E obtermos, já pelo nosso desenvolvimento depois dos outros, uma evolução menos penosa. Vamos ter, por exemplo, o melhor metrô do mundo porque está sendo construído agora, depois dos outros. No campo científico isso também ocorre porque muitos cientistas estrangeiros vêm ao Brasil para fazer a ciência do país pobre. Nossas entidades têm se aproveitado disto. E eles têm ajudado a avançar a nossa ciência.

AQUI — Qual a filosofia do planejamento de 77?

JW — Em primeiro lugar a Secretaria do Planejamento tem como uma de suas incumbências acompanhar a execução da estratégia governamental e procurar coordenar a reimplantação dessa estratégia com progra-

mas novos, toda vez que necessário. A estratégia do governador não é ordenada para 1977. Continua dando maior prioridade aos aspectos sociais: saneamento, habitação, transporte de massas, saúde pública, cultura, educação e tecnologia. Continuam sendo esses aspectos os elementos fundamentais do programa de ação governamental. Ocorre que chegamos a uma situação de indigência de todos os orçamentos. Um país que em seu esforço para desenvolver-se executa obras de infra-estrutura com grande rapidez, para fazer face ao atraso, acaba onerando cada vez mais a despesa de custeio. Uma escola depois de construída precisa de professores e estar preparada para receber alunos. Isso tem acontecido em São Paulo durante muitos anos, o que representa um crescente investimento em pessoal e custeio e, ainda, pelo fato de que muitos financiamentos e empréstimos levam-nos também a ter de pagar juros, além da amortização. Então defrontamo-nos com uma situação em que cada vez mais o orçamento se transforma em um monobloco, uma peça rígida com pouca possibilidade de novos investimentos. E a pressão para a realização de investimentos novos continua. Vejamos, de uma forma geral o que pode ser feito. Em primeiro lugar acho que tem de se colocar junto ao governo federal a necessidade de algumas alterações tributárias e mesmo estruturais bastante profundas. Tem de haver esse apelo à União pois não dá para cada Estado fazer a sua reformulação, especialmente na área tributária.

Algumas delas, entre outras, já estão sendo tomadas: alteração do Imposto de Renda, possíveis alterações no Imposto Predial, e eu sou inteiramente a favor inclusive da legislação do Solo Criado, implantada pelo prefeito Olavo Setúbal. Em 1977 essas alterações precisarão ser tomadas se quisermos possibilitar orçamentos estaduais condizentes com as diferentes peculiaridades de um país em desenvolvimento.

Em segundo lugar, acho que muita coisa pode ser realizada sem a locação de recursos, sem dinheiro, desde que se chame a população a participar de alguns empreendimentos.

Está faltando uma política de desenvolvimento urbano regional que evite a concentração populacional resultante de migrações internas.

AQUI — Que parcelas da população?

JW — Existe uma experiência interessante, só para citar um exemplo, no âmbito da Prefeitura de São Paulo que é o sistema de jardins de infância que hoje têm outro nome, pré-escola, se não me engano. O serviço de atendimento às crianças vem sendo feito agora parcialmente em rodízio por mães. Esse fato mostra que existe uma disponibilidade de prestação de serviço e de participação na condução dos empreendimentos governamentais. Então, se soubermos motivar, fazer coisas junto com a população, boa parte daquilo que até hoje representava locação de recursos, que hoje são escassos, poderá ser feita sem recursos e talvez até com melhores resultados. Claro que não poderemos fazer uma usina hidrelétrica desta maneira mas podemos pensar nisso para a prestação de serviços de saúde pública, de assistência social e assim por diante.

AQUI — Isso poderia estender-se também na chamada área empresarial?

JW — O setor empresarial realiza muito bem as tarefas de importância para o desenvolvimento nacional e poderá apoiar a execução de tarefas sociais, não digo nem governamentais. Existe aqui em São Paulo um sistema de seleção de mão de obra, que se chama SEMA, projeto elaborado nesta secretaria mas de execução plurisecretarial, sendo a operação final da Secretaria do Trabalho. Todo o encaminhamento de mão de obra para qualificar e todas as informações são passadas imediatamente ao Senai e Sesi, a fim-de que possam adequar os seus cursos a condições objetivas encontradas no interior e na capital. Existem assim múltiplas maneiras de associar a população à organização de tarefas importantes. Outro exemplo conhecido é o do projeto Rondon. Existem possibilidades de outros projetos semelhantes no setor educacional, na área regional. Estou falando apenas de São Paulo. Podemos convidar as Sociedades de Amigos de Bairros, como temos feito, para participarem da proteção ao consumidor. Através desses sistemas percebe-se a existência de uma maneira de governar que o Governador Paulo Egydio quer fazer: um governo com participação so-

cial. Essa participação social, vê-se assim, não é mera palavra. Precisamos encontrar mecanismos de mobilização que permitam realizar obras além dos recursos financeiros existentes.

AQUI — E como se faz a proteção ao consumidor? Está funcionando?

JW — A proteção se faz com a ajuda das Sociedades de Bairro. Já está funcionando ainda no começo pois tem apenas dois meses. Acredito que irá funcionar bem. Nesse sentido pretendemos implantar diversos trabalhos que estão sendo projetados para uma maior dinamização da ação governamental.

AQUI — Tudo isso está no âmbito da Secretaria do Planejamento?

JW — Nem sempre, mais a coordenação

Até o fim do século São Paulo precisará para a sua urbanização de recursos equivalentes a trezentas transamazônicas. Haverá dinheiro para isso?

é. É claro que existem coisas que terão de ser feitas pela Secretaria da Educação. Mas somos repassadores de informações. Com o sistema estadual de análise de dados que faz circular as informações e depois é gerado o gerido pela Secretaria de Planejamento, e é então essa tarefa passa a ser nossa.

Uma outra coisa que me parece importante para enfrentar os problemas que temos do desenvolvimento, que são problemas básicos, é o da tipologia que está vinculada, no meu entender, aos padrões de consumo. Muitas vezes, por transferências tecnológicas, se tem feito importação de produto. Nem sempre aquilo que se chama de transferência tecnológica resulta numa transferência de tecnologia. O fato de importar um equipamento, colocar um operário a trabalhar com novo equipamento é muito bom pois ensina um novo ofício, uma nova técnica ao operário. Mas isso não quer dizer que a tecnologia desse equipamento tenha sido transferida. Quando for necessário renovar, atualizar, colocar peças novas nesse equipamento, volta-se a importar. Existem outros casos em que efetivamente a tecnologia se transfere. No entanto devemos ter um cuidado crescente em desenvolver certas tecnologias especialmente no campo energético no qual somos muito dependentes do exterior, como o petróleo. É muito importante desenvolver certas tecnologias. E temos conseguido, como é o caso do álcool. Desenvolver essas linhas de ação, não deixá-las apenas na bancada do laboratório e transformá-las em produção industrial é uma outra tarefa que temos tentado fazer. Tanto na tecnologia da habitação, como na da energia solar, de implementos agrícolas e novos combustíveis como é o caso do hidrogênio.

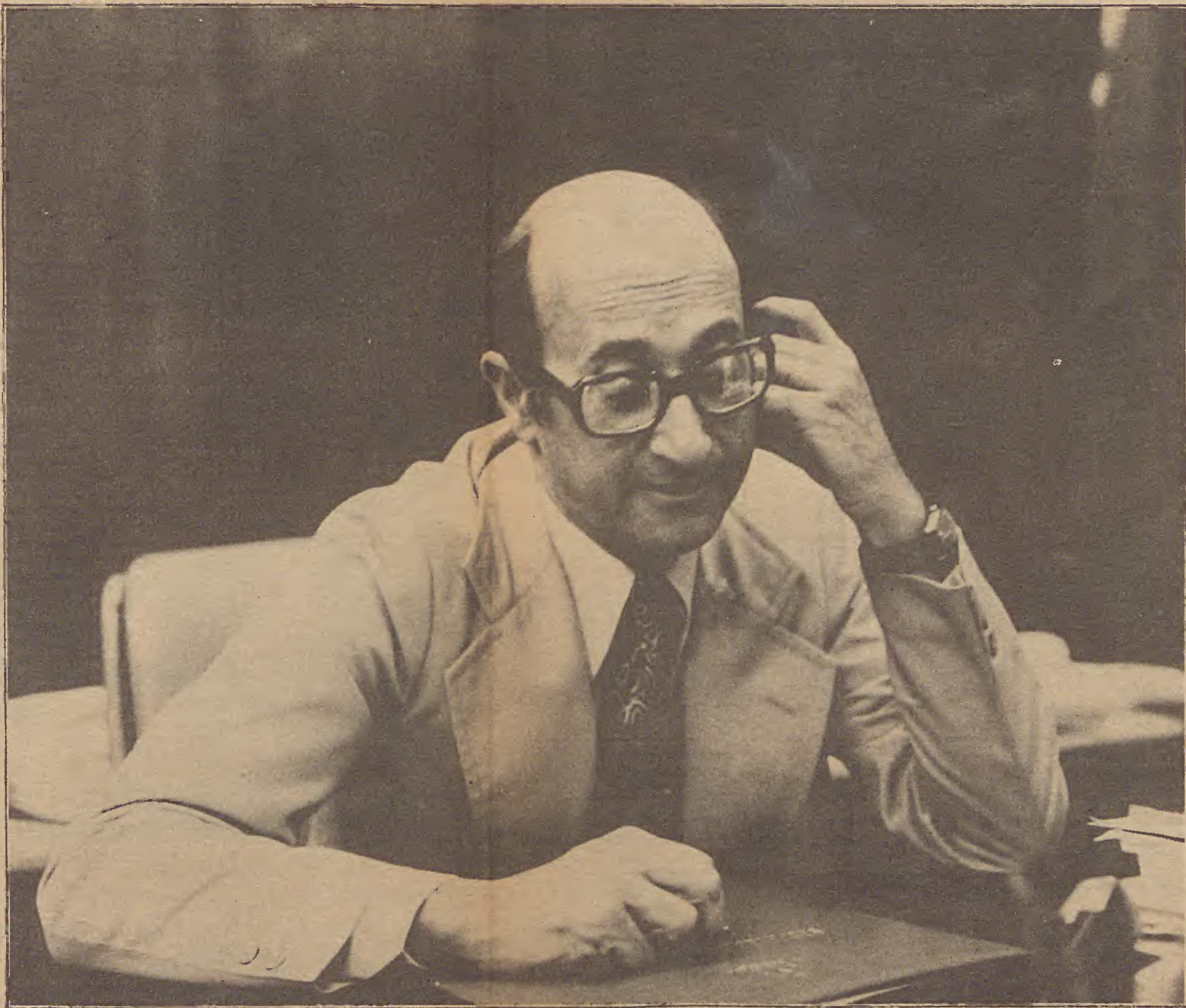
Aumento do funcionalismo ainda sem qualquer percentagem estabelecida. Tudo vai depender dos cortes federais.

AQUI — Uma implantação de tecnologia independente ou dependente?

JW — Não. Esta já seria definitiva, independente e nossa. A tecnologia do álcool foi desenvolvida em São José dos Campos, desde há quatro anos. Fizemos um seminário da energia solar nesta Secretaria no ano passado, examinando o problema essencial da energia solar, não apenas para aquecer água, mas também a energia da floresta, utilização de lagoas e o problema da hidrólise e da utilização da energia. Tudo isso foi levantado e está sendo estimulado. Tivemos o papel de lançar e postular o problema e de fazer o desafio. Temos a tarefa de coordenar diversas secretarias para resolver o problema. A nossa tarefa não é de laboratório mas sentimos os problemas e onde realmente as coisas apertam. Então postulamos para quem de direito a necessidade de resolver tais problemas. É o questionamos fazendo agora em relação à infraestrutura urbana.

AQUI — O que chama de infraestrutura urbana?

JW — Infraestrutura urbana significa pavimentação, água, esgoto, iluminação e serviços urbanos, que são serviços de entrega, transportes, correios, etc. O que verificamos é que a taxa de urbanização no Brasil como um todo, e em São Paulo em particular, vai fazer com que diversas regiões do Estado aumentem muito a sua população urbana. Quando estudamos, a região de São Paulo, a metrópole de São Paulo, o Vale do Paraíba e a metrópole do Rio de Janeiro verificamos que o aumento da população até o fim do sé-



São Paulo não irá parar de crescer mas sua expansão será em ritmo menor.



São Paulo pode tornar-se o grande evento de metrópole de país subdesenvolvido como Manchester foi o grande evento de metropolização da revolução industrial da Inglaterra.

culo, que está logo aí, implica em um dispêndio para a infraestrutura urbana que corresponde a trezentas transamazônicas. Acontece que não teremos esse dinheiro disponível para essa situação prevista até o fim do século. Então que conclusão tirar? Primeiro a necessidade de uma política de desenvolvimento urbano regional que diminua (não digo que impeça, que isso não dá) a acumulação de pessoas nessas cidades no macro eixo Rio-São Paulo. Essa política foi adotada pelo governo federal e é a política também estadual ao reforçar também as cidades médias. Alguns efeitos a gente consegue ter. Mas sabemos que as migrações internas são um retrato do subdesenvolvimento. E parte dessa solução somente poderá ser encontrada na medida em que pudermos desenvolver o país, como um todo. Assim é natural que exista uma certa inércia no crescimento mesmo que se tenha adotado uma correta política de desenvolvimento urbano regional como a que temos aqui. Então algum aumento, até mesmo considerável, existirá. Qual a outra alternativa? É ver de que maneira diminuir os custos dessas trezentas transamazônicas necessárias. Diminuir os custos significa inclusive descobrir outras tecnologias para pavimentação, esgotos, eletricidade e serviços médicos e de transporte. Estamos organizando para abril-maio do ano que vem uma discussão de novos técnicos, com alguns técnicos internacionais, para ver que possibilidades não tradicionais existem para resolver esses problemas e já foram aprovadas pelo mundo.

AQUI - Existem em nossos quadros técnicos reservas para um plano dessa ambição?

JW - Não só existe muito pensamento nacional a esse respeito como vamos trazer alguns técnicos de fora que tenham experimentado esse tipo de tecnologia não tradicional. O exemplo que sempre dou é o seguinte. Em países industrializados como a Europa, por exemplo, a tecnologia dos esgotos é a dos romanos. E por que? Porque eles foram investindo desde a Idade Média em colocar cloacas. Numa cidade européia onde 95% do

esgoto está ligado a um sistema tradicional e 5% ainda não o que resta fazer é investir para completar esses 5%. Mas o que acontece em uma cidade brasileira onde 5% está ligado ao sistema central e 95% sem esgoto? Cabe colocar-se o problema de se a tecnologia dos romanos é a mais moderna e a mais adequada. Não sei se alguma solução poderá ser encontrada. Mas sei que necessitamos de imaginação e de coragem. Para citarmos uma frase de Diodorides, as chamadas crises urbanas são antes de mais nada crises de imaginação e de coragem. Então a Secretaria de Planejamento, entre suas tarefas, tem esta de detectar problemas e de colocá-los publicamente para que os núcleos de pesquisa de outras secretarias possam examiná-los e tentar resolver esses problemas.

AQUI - Mas, coloquemos o problema num nível um pouco intermediário, quanto ao onus social que esses problemas podem trazer. Surgiu agora o problema do aumento do funcionalismo que está sendo muito debatido. Qual a posição que a Secretaria está adotando em relação à decalagem de salário dos funcionários e os que trabalham na empresa privada? O desnível aumentando não poderá fazer com que servidores fujam do setor público?

JW - Na realidade não tem havido essa evasão, a não ser em alguns setores muito caracterizados ou em outros de injustiças muito flagrantes e onde a empresa privada estava carente e pagava muito. Mas não há no setor público um êxodo de servidores. Surge aí um problema que é o da estabilidade. As pessoas não querem arriscar-se a ir para a instabilidade da CLT e ficam. O funcionalismo, de uma forma geral, ganha mal e por outro lado a soma que lhes é paga é demais para o Estado. É uma situação insolúvel e de qualquer forma o nó górdio terá de ser cortado. Temos despesas altas com pessoal. Não podemos fazer aumentos lineares ano a ano porque estamos com tal enrijecimento do orçamento que impede, por outro lado, o governo de ser um importante cliente da empresa privada capaz de garantir a estrutura

da empresa. Portanto essa situação está sendo estudada e o governador está muito preocupado com este problema mas não se pode ainda avançar uma solução. É claro que não é a Secretaria do Planejamento a principal encarregada disso. A função básica é da Casa Civil, da Secretaria da Fazenda e da Secretaria da Administração. A Secretaria de Planejamento, como órgão de coordenação e pertencendo ao gabinete do Governador, tem a obrigação de examinar o global do problema e da execução orçamentária que nos cabe.

AQUI - Existe já algum percentual fixado?

JW - Não, não há nenhuma percentagem fixada. Quando fizemos a previsão do orçamento em setembro havíamos colocado uma reserva de contingência de 4,8 bilhões para atender parcialmente a esses aumentos. O orçamento foi aprovado. Em novembro, no entanto, surgiu o problema dos cortes federais. Esses cortes não são globais e agora cada entidade federal tem de fazer as suas adaptações de programas. Depois da divulgação dos cortes, 24 horas depois, a Secretaria de Planejamento já tinha um quadro que foi fornecido ao Governador dizendo quais os pontos vulneráveis desses cortes no Estado. Verificamos, por exemplo, que de transferência diretas da União para o Estado apenas 11% da receita global era afetada. E depois, na reunião da semana passada, o ministro Reis Velloso e o ministro Mário Simonsen garantiram que essas transferências não seriam alteradas. Mas onde haveria maior vulnerabilidade era nas empresas do Estado que têm muitos de seus programas parcialmente apoiados por recursos federais. Então a Sabesp possui recursos federais através do BNH tanto para o saneamento básico como para esgoto. A CECAP tem para o plano de habitação vínculos financeiros com o BNH. A Fepasa tem repasses de dinheiro do BNDE. A CESP tem parte de seus recursos dependentes da Eletrobrás. E assim por diante.

AQUI - Então essas adaptações ainda não puderam ser feitas! Esses sofrerão corte direto federal?

JW - Não sabemos ainda porque o BNH e

as outras autoridades federais ainda não tiveram tempo de calcular. Estamos em contato para verificar se haverá ou não algum corte.

Como surgiu essa nebulosa, essa dúvida, o governador não se sentiu informado suficiente para fixar uma parcela de recursos para o aumento do funcionalismo antes de saber se ele precisaria de parte desse dinheiro para não desativar alguma obra que implicasse em desemprego. O importante é manter a estrutura de emprego do Estado, embora não à custa do funcionalismo. O problema é de dosagem e de bom senso. O importante é não dar um passo no escuro que sessenta dias depois poderia evidenciar um grave erro, porque faltariam dados sobre como resolver o problema da eventual desativação de alguma obra. Por isso estão sendo estudados levantamentos de dados para ver quais os reflexos e, assim, superarmos essa situação com os menores onus sociais possíveis.

AQUI - Então na sua experiência como secretário de Planejamento foram ampliados os seus conhecimentos adquiridos na vida privada?

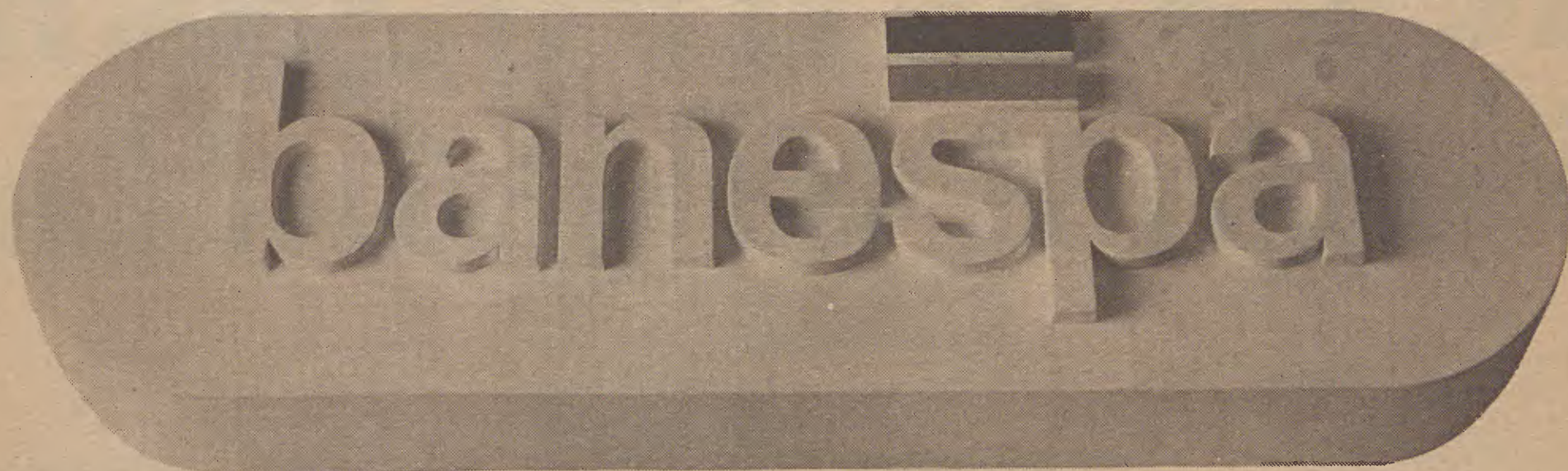
JW - Enormemente. A experiência pessoal nesta oportunidade, nesta situação e com essa responsabilidade, é um desafio diário mas ao mesmo tempo, a nível pessoal, é de entusiasmar, inclusive por uma coisa que aparentemente parece demagógica mas na realidade, digo que não é, que é sentir-se servidor público. Vim da empresa privada e para ela provavelmente vou voltar ao terminar a gestão, o sentimento do serviço público é um sentimento extremamente gratificador. Para quem tenha consciência política isso é uma coisa importante.

AQUI - E no plano do conhecimento?

JW - No plano do conhecimento um alargamento imenso porque eu era arquiteto e urbanista. Fazia planejamento urbano. Mas é claro que muita coisa que aprendi da estrutura da administração, especialmente em matéria de orçamento, foi para mim muito gratificante.



Por trás desta placa, um novo tempo.



A partir de agora, você vai começar a encontrar placas como esta em algumas fachadas das agências do Banespa.



Originais em tudo. Para chegar a essas placas, o Banespa desenvolveu nos últimos dezoito meses



um completo programa de identidade visual, depois de uma série de estudos e pesquisas. Ele está sendo implantado, aos poucos, nas agências do Banespa, com novos talões de cheques, impressos, veículos e placas de sinalização.



A nova programação visual se estende desde a ampliação e reformulação de agências até a mobília e equipamentos, desenhados no mesmo

estilo diferente e exclusivo.

Ao lado de todo esse trabalho, um outro da maior importância vem sendo desenvolvido:



o aprimoramento na prestação de serviços aos Clientes, que o Banespa vem realizando a todo momento. Treinando pessoal, criando novas funções, atualizando métodos de serviço e administração, remanejando agências e inaugurando novas casas planejadas para

dar a seus Clientes o melhor atendimento possível.

Esse é um trabalho que ninguém faz da noite para o dia.

Sua execução requer tempo, planejamento e dedicação.

Hoje, o importante é dizer que, por trás de cada nova placa de uma agência Banespa, há um esforço muito grande para fazer um



banco mais dinâmico, humano e moderno. O Banco de um novo tempo.

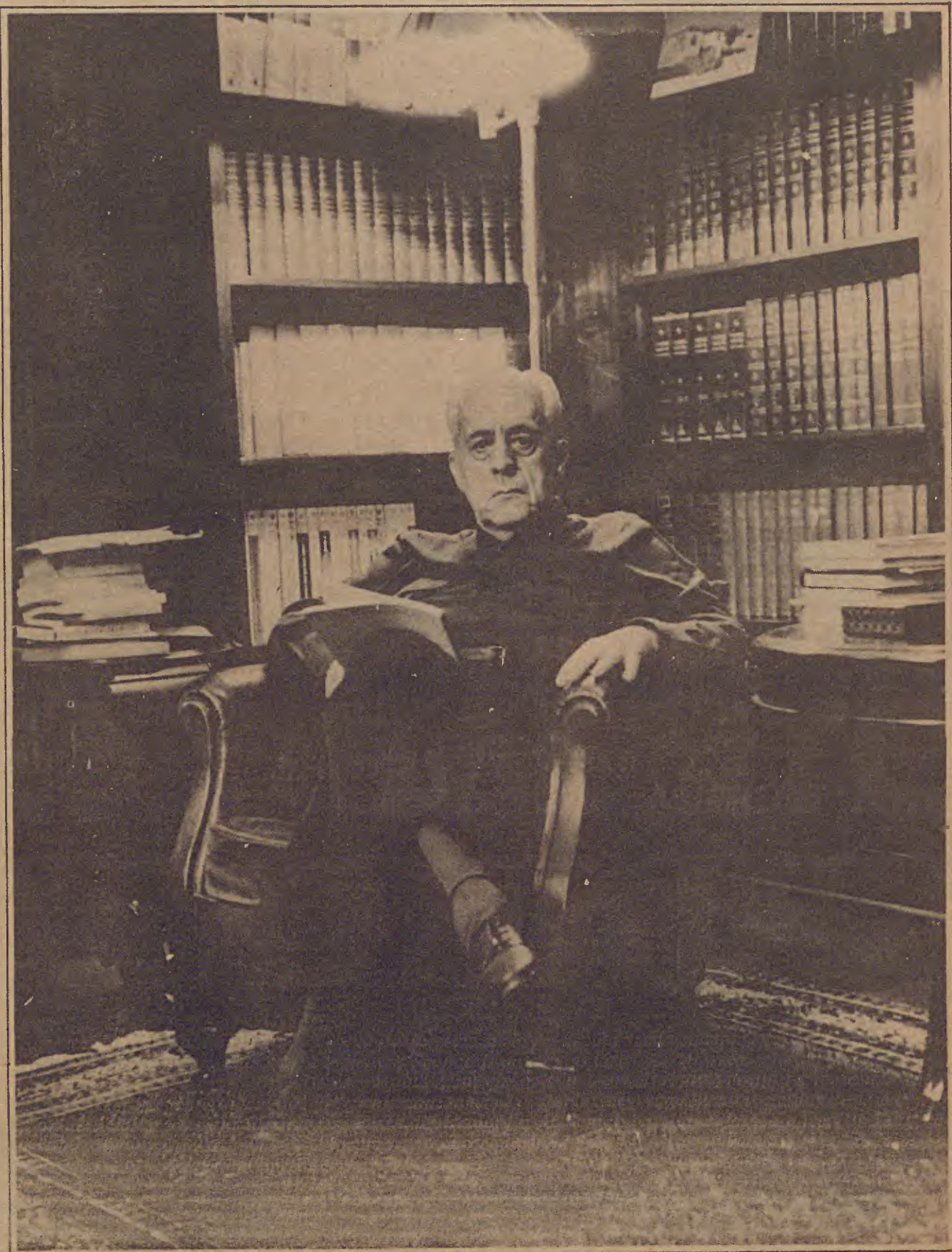
banespa

Banco do Estado de São Paulo SA

No caminho que leva às drogas a fuga à angústia

Amigo de Freud, com quem se correspondia no tempo em que a palavra psicanálise metia mais medo do que a figura do Diabo, apresentamos Durval Marcondes, médico, nos seus setenta e poucos anos e pai de um menino de ano e meio. Já em 26, há portanto meio século, como pioneiro, abria caminhos à psicanálise em São Paulo, tendo lançado uma revista em 1928 que despertou o interesse de Freud. Ele mesmo descreve a árdua batalha que teve de ser travada contra preconceitos e burrice. Não fosse isso o Brasil estaria bem mais adiantado nesse campo da medicina sumamente preocupante e que trata dos desajustes psíquicos cada vez mais frequentes nos dias atuais. Em 1955 conseguiu fundar a Sociedade Brasileira de Psicanálise, ligando assim o Brasil a outros centros mundiais.

Por HELLA SCHWARTZKOPFF
Fotos de JOEL SIAN



Neurose! Manifesta-se mais nos centros urbanos de alta concentração populacional do que em localidades menores?

"A tensão da cidade grande — naqueles indivíduos que estão dispostos à neurose — pode propiciá-la. Mas precisamos acabar com essa história de falar de uma São Paulo neurotizante, de uma São Paulo fabricante de neuróticos. São Paulo — ou outra qualquer grande cidade do mundo — não forma neuróticos, de jeito nenhum. Assim não haveria neuróticos em Taquaritinga. Seria fácil todo mundo fazer higiene mental.

Era só mudar para Taquaritinga. Em geral, esse adjetivo "neurotizante" é aplicado a São Paulo porque indiscutivelmente, pelo crescimento rápido, pelos problemas materiais e urbanos que apresenta, acarreta uma vida aqui mais tensa do que em Chicago, Nova Iorque, Rio de Janeiro ou Buenos Aires — isso só para ficarmos nas Américas. Realmente é uma cidade que traz uma porção de inconvenientes psicológicos. O indivíduo se irrita, se desgasta, fica cansado, pode produzir menos, pode tornar-se menos educado no trato com seus concidadãos. Mas que isso venha a formar neuroses, é simplificar demasiadamente o problema. Neurose não se forma com atritos urbanos, ou dificuldades urbanas. A neurose vem se formando desde a infância. Essa foi uma das grandes descobertas de Freud. Ele foi buscar a gênese das neuroses nos agravos, ou nos insultos emocionais recebidos durante a infância. Isso não tem nada a ver com a cidade grande, mas com o meio familiar, com o relacionamento mãe e filho, enfim, com todos esses episódios que antecedem o comércio social da criança com o meio social da cidade. É demais responsabilizar a metrópole como a causa das doenças mentais. Com isso se desloca a ênfase da solução do problema. Temos é de fazer higiene mental de verdade.

A incidência de neurose aumenta proporcionalmente mais que a explosão demográfica? Está nesse quadro a juventude e o consumo de drogas?

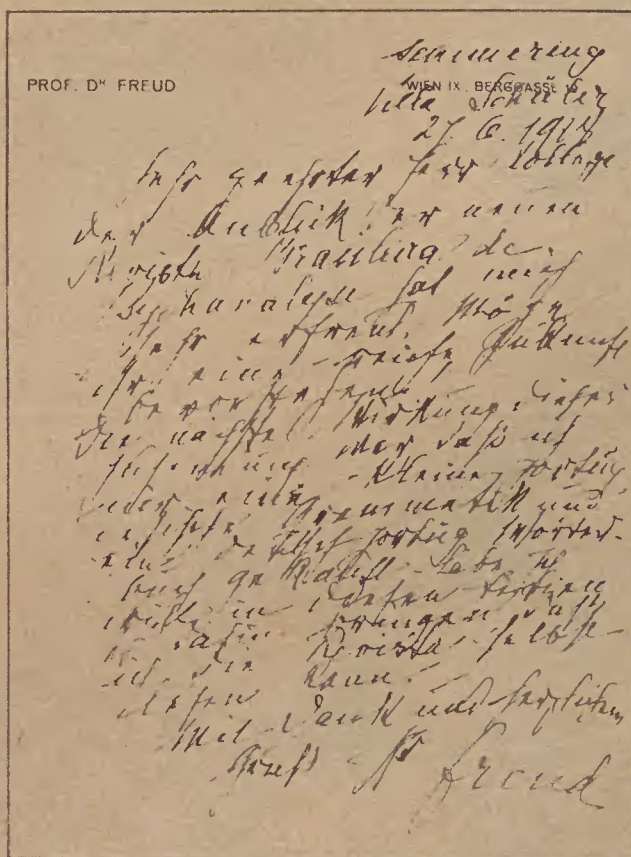
"Não conheço as estatísticas, mas é muito provável que se afirme com base estatística que em São Paulo temos, a cada dia, um número maior de neuróticos ou de psicóticos, do que no resto do Brasil. Mas é preciso levar em conta que isso acontece porque é em São Paulo que se faz estatística. Se a gente for a uma cidade do interior do Piauí, verá que os esquizofrênicos de lá andam com uma lata amarrada atrás do paletó, e a molecada vai atrás atirando pedras. Esses não entram nas estatísticas, e então São Paulo fica com a carga de ser a maior cidade produtora de doenças mentais. Quanto ao jovem, ele toma a droga ou fuma maconha como um meio de se livrar da angústia, dos conflitos, e deveria, na medida do possível, ser atendido pela psicanálise. As toxicomanias são consequência da doença mental, e não a causa. Não sei se o fato de tomar drogas hoje em dia traz em si alguma novidade. O uso de drogas existiu na humanidade desde que ela existe. Se formos estudar a história de Noé, vamos nos deparar com um alcoolista. Se formos estudar grandes personagens da literatura, como Edgard Allan Poe, topamos com um alcoolista. Os índios do Peru sempre usaram a coca, e não vamos dizer que a nossa juventude ocidental inaugurou isso, nem que é responsável por isso. Possivelmente hoje em dia há mais drogas, e a química farmacêutica oferece hoje uma porção de recursos. César foi morto por um punhal. Hoje seria morto por uma metralhadora. A droga alivia os conflitos, atenua a angústia. A coisa é muito complexa. Há fatores, ligados à moda, e há fatores de ordem interna, que vêm se formando desde a infância.

Será que uma higiene mental baseada na psicanálise diminuirá, no futuro, a urgência em relação a esses recursos?

Acho que sim, mas duvido da prontidão e da facilidade com que isso seria conseguido. Teoricamente, quem teve uma assistência apropriada, um crescimento psíquico em condições emocionais ótimas, esse não precisaria da droga. Isso é muito bom de falar, inclusive porque exigiria dos pais um conhecimento dessas coisas, como também uma habilidade pessoal, emocional para ser pai ou mãe — isto é, para educar — o que não é lícito esperar para tão logo. A própria escola pode ser organizada psico-higienicamente, e os professores podem ser os executores e porta-vozes da higiene mental na idade escolar. Com respeito à formação do psicanalista, eu costumo dizer que esta geração anterior, que perseguiu a psicanálise, que não a ajudou, para que no Brasil — e particularmente em São Paulo — a psicanálise se desenvolvesse, essa geração é culpada. Mas não sabe disso, e muitas vezes tem de esperar numa fila para ser atendida, e vê dificuldades em encontrar uma vaga. Aplico aquela fábula de La Fontaine — O Lobo e o Cordeiro — na qual o lobo diz: "se não foi você, foi seu pai".



A história da psicanálise em São Paulo contada por um de seus pioneiros que era amigo de Freud



A carta de Freud (Viena 1928) revelando que recebeu a "Revista Brasileira de Psychanalyse" editada em São Paulo pelo dr. Durval Marcondes.

A psicanálise e sua importância

"É um método de pesquisa e de tratamento criado por Sigmund Freud. É o método por excelência no tratamento das neuroses e das psicoses. A psicose é o que se chama vulgarmente de loucura ou alienação mental. Esse método de tratamento deu lugar ao conhecimento científico do inconsciente. É um método

de tratamento com uma técnica bastante complexa, mas que veio possibilitar a cura de muita gente que não tinha um socorro adequado para as suas doenças. O inconsciente é aquela parte da vida psíquica que o indivíduo desconhece porque não lhe tem acesso pelos meios comuns, mas que não obstante influencia a sua vida rotineira. A psicanálise é um método de tratamento, e um método ambicioso, porque pretende resolver problemas psíquicos, afastar os sintomas, de modo definitivo, pois vai até a sede de formação dos sintomas, que é o inconsciente. Mas se chama também psicanálise aquele conjunto de princípios da vida emocional, que o método analítico veio conhecer e estabelecer, e, embora o método psicanalítico seja muito especializado, não é o único método de psicoterapia que joga com a dinâmica inconsciente, a qual preside a formação dos distúrbios."

Quais os benefícios que a psicanálise pode dar?

"Ela trouxe um maior alcance, uma maior profundidade à terapêutica das neuroses, e também das psicoses. Os benefícios podem ser diretos, mas não se limitam a isso. Não se limitam os conhecimentos de aplicação da psicanálise a um número reduzidíssimo de pessoas que podem fazer um tratamento psicanalítico. Os conhecimentos hauridos nos consultórios dos psicanalistas são aplicados à população em geral, na higiene mental, na pedagogia, na antropologia, na criminologia etc. de modo que, apesar da massa não ter, em geral, alcance ao tratamento psicanalítico por motivos econômicos, ela se beneficia indiretamente com o aperfeiçoamento de nossos conhecimentos do inconsciente e dos conflitos criadores de neurose. A humanidade não sabe disso, mas ela está sendo insidiosamente influenciada, modificada na sua vida psíquica, através da psicanálise. Infelizmente ainda não de uma maneira suficiente para que tenhamos resultados bastante proveitosos. Acredito que quando a psicanálise for levada aos cursos universitários em geral, e esses conhecimentos alcançarem as classes cultas, sobretudo os profissionais de nível universitário, os políticos, os homens de comunicação de massas, todos os que lidam com a mente humana, aí haverá uma partida nova. Quando esses conhecimentos tornarem-se patrimônio desses profissionais — a psicanálise aprendida nos Institutos, não a comprada nas bancas de livraria — responsáveis pela mente humana, aí muita coisa mudará profundamente."

Como se forma um psicanalista?

"Fazendo o curso dos institutos que foram criados pelas sociedades de psicanálise filiadas à Associação matriz criada por Freud. Essa Associação, através de suas sociedades filiadas locais, mantém institutos de formação com cursos de pós-graduação, que consistem na análise pessoal do candidato, nas aulas teóricas, nos seminários, e na direção de dois casos de análise sob supervisão. Leva de quatro a cinco anos, a sua formação. É uma metodologia que, no meu ver, deveria estar ao alcance de todos os que lidam com a mente humana, e então poderia estar aberta aos antropólogos, criminólogos, professores de direito, pedagogos, mas não está. Os institutos ainda não chegaram a uma maturidade suficiente para poder fornecer isso. Por enquanto, nos países americanos — com exceção de São Paulo e Montevideu — a começar pelos EUA — os institutos estão abertos exclusivamente aos médicos. Em 1926 Freud publicou um livro, "A Questão da Análise Leiga", em que ele diz que a psicanálise não é um método privativo da medicina. Nos países europeus os institutos estão abertos a não-médicos, geralmente psicólogos."

Faz-se objeção à psicanálise dizendo que é uma terapia para as elites econômicas. É assim?

"A ciência aeronáutica criou, a partir daquele trabalho genial do nosso compatriota Santos Dumont, esse meio de transporte maravilhoso que nos leva do Rio a Paris em 5 horas. Mas acontece que quando o nordestino vem do nordeste para São Paulo, para acampar em torno da cidade — e isso é um problema nacional muito sério, onde a cidade mais rica do Brasil é a cidade sanitariamente pior do Brasil, a cidade onde há uma incidência vergonhosa de mortalidade infantil, porque ela não pode absorver e dar assistência a todos esses brasileiros que para aqui vêm, contribuindo com seu trabalho — eles não vêm de avião. Não têm dinheiro. Se eu for fazer uma conferência no Recife, posso sair de São Paulo pela manhã, almoçar lá, fazer a conferência, e ainda chego aqui a tempo de jantar em casa. Deveríamos acabar com a engenharia aeronáutica? Esta é a posição que tomam os que criticam a psicanálise, dizendo que é um método elitista, burguês, aristocrático. A natureza não tem nada a ver com isso. Porque é um privilégio de alguns? Primeiro que tudo, não é verdade que seja apenas um método elitista, porque eu já salientei os resultados inditos, e até quase que inconscientes, que a humanidade tirou dos conhecimentos psicanalíticos. Todo mundo fala hoje em complexo. Muitos não sabem direito o que é, mas a gente sente que eles captam que alguma coisa está por trás disso. De modo que não é verdade que é

As neuroses são estimuladas e crescem no atropelo das cidades grandes

psicanálise só alcança os privilegiados. Diretamente é assim. Presentemente, não há dúvida porém, de que a humanidade está tomando consciência da necessidade da psicoterapia, e a massa está procurando os psicoterapeutas. É claro que os psicanalistas não podem, como é natural, absorver todo esse material e dar a resposta psicanalítica a essa demanda. Não o fariam porque seria materialmente impossível. A natureza nos diz que ela é complicada, e que se não quisermos obedecer as suas leis, e aceitar as suas condições, devemos desistir. Ela não vai se curvar às nossas conveniências. Nós é que temos de nos aparelhar economicamente, tecnicamente, cientificamente, e ir pouco a pouco nos assenhoreando desses métodos e da possibilidade de aplicá-los, aperfeiçoá-los, simplificá-los e ver de que maneira é possível, honestamente, dar à população esse socorro psicoterápico de que ela necessita."

Como se formava antes um psicanalista?

"Sou formado pela Faculdade de Medicina, em 1924. Interessei-me pela psicanálise desde o início de meu curso médico, em 1919. Depois de me formar, resolvi aplicar o método de Freud como tinha aprendido

nos livros. Naquela época não era possível estudar de outra forma. Não existia bolsa de estudos. Se eu fosse pedir ao governo uma bolsa para ir a Viena me analisar, seria como se hoje eu fosse pedir ao presidente Geisel uma bolsa para estudar o comunismo na Rússia. Tive então de trabalhar por minha própria conta, e com muita perseguição do meio. Não podia fazer minha análise porque aqui não havia curso. Consegui, apesar do meu auto-didatismo, um caminho, com excelentes resultados, que confirmavam o que estava nos livros de Freud. Comecei a corresponder-me com o próprio Freud e com psicanalistas europeus. Já havia então a Associação Psicanalítica Internacional, para que se pudesse trazer um psicanalista professor. Mas decorreram anos e anos, até que se realizasse. Fiquei então aqui, sozinho, desde 1925 até 1937, quando chegou a analista professora que veio iniciar o ensino da psicanálise de acordo com as exigências da Associação Psicanalítica Internacional. Foi um período de muito sofrimento para mim porque as resistências à psicanálise aqui em São Paulo, no meio cultural, no meio médico e sobretudo nos meios do ensino médico, eram terríveis, maiores do que em qualquer outro lu-

gar do mundo. A psicanálise é uma coisa um tanto rebarbativa para os que não a conhecem, e em geral provoca resistências de ordem emocional. Mas, em São Paulo, a tônica de resistência não era sómente de ordem emocional, era burrice mesmo. A psiquiatria brasileira é, ainda hoje, bastante atrasada. Não estou falando da medicina brasileira, mas da psiquiatria, apreciada no conjunto da cultura nacional. Pode-se, pois, imaginar como era, naquele tempo, aqui em São Paulo. Os neuróticos procuravam ao consultórios dos neurologistas, que aplicavam tratamentos de choque, tratamentos que acarretavam febre, que provocassem abcessos, para com isso chacoalhar a vida psíquica do paciente, e buscando, assim, encontrar uma solução."

Chegou a lecionar dentro desse processo?

"A medicina oficial nunca quis nada comigo. Procurei ingressar no corpo docente da Faculdade de Medicina, mas fui repellido de todas as maneiras, e, não obstante, tenho o título de livre docente da Faculdade de Medicina da USP. Consegui-o em 36, mas é um título que não me serve de nada. É como aqueles antigos coronéis da Guarda Nacional. Eu me correspondia com o exterior e tenho uma vasta correspondência com Freud, para quem cheguei a mandar o primeiro número da Revista Brasileira de Psicanálise em 1928, e de quem recebi uma resposta dizendo que ele iria comprar um dicionário de português, e mais uma gramática, para ler o texto no original. Atribuem ao Eça de Queiroz esta frase "A língua portuguesa é o túmulo do pensamento". Se a gente escreve noutra língua e publica lá fora, aqui ninguém sabe o que a gente está produzindo. Agora os médicos começam a ter o hábito de leitura de obras científicas em inglês, hoje principal língua da ciência. Fiz uma tirada literária que apesar da chulice é verdadeira: cientificamente, eu vivi exilado na minha própria pátria. Afinal essas coisas foram mudando, e com a chegada da analista professora, fundamos a Sociedade de Psicanálise, em São Paulo, a primeira no Brasil. Reuníamos-nos na minha casa, logo no início, e depois no meu consultório. Hoje a Sociedade tem uma sede própria, lá na Itacolomi. Mas eu era médico escolar, e trabalhava como psiquiatra, até que criei o Serviço de Higiene Mental Escolar, na Secretaria da Educação do Estado, que introduziu aqui a compreensão do determinismo dos desajustamentos psíquicos através de fatores ligados à constelação familiar. E isso deu uma visão mais ampla ao problema educacional. Tenho a impressão de que esse serviço mudou completamente a maneira de encarar a higiene mental. Os americanos que aqui vinham, achavam esse serviço excelente, e me convidaram para ir lá, onde estive durante muito tempo, a convite do Governo Americano, para tomar contato com as novas técnicas. Criei também o ensino em classes especiais para débeis mentais nas escolas públicas do Estado. O número de classes especiais, como volume, deixa de lado tudo o que se faz à esses respeito dentro do Brasil."

Como se processava a formação dos psicólogos das escolas?

"Não existiam. A universidade dava o médico, o dentista, a educadora sanitária escolar, mas psicólogo ninguém sabia o que era. Então inventei. Fui buscar gente com formação que proporcionava certos conhecimentos que poderiam ser básicos para desenvolver a profissão de psicólogo, e assim se criou oficialmente, o cargo de psicólogo. Nessa época tudo era muito fácil, porque não se precisava nem de Congresso, nem de Câmara, nem de Assembléia. Era no tempo do Estado Novo, e a gente se entendia com a autoridade administrativa estadual, e no dia seguinte saía no jornal a lei criando o serviço e nomeando aquelas pessoas que eu indicava. Os psicólogos foram aprendendo no trabalho. Eu procurava fazer aqui uma réplica do que, já estava disseminado nos EUA, através das clínicas de direção da criança. Isso na década de 30. Mais tarde, em 1954, a Universidade de São Paulo convidou-me para organizar a formação profissional de psicólogos, e eu fui professor de psicologia clínica da USP. Eu possuía então o melhor material de higiene mental, que eram todas as crianças das escolas públicas de São Paulo, num serviço organizado, com dezenas de psicólogos. Alguns fizeram o curso para oficializar-se na profissão. Até que em 62 o governo federal — no tempo de Jango Goulart — regulamentou a profissão de psicólogo e o curso de psicologia. Hoje estou aposentado, na Universidade. Nunca cheguei a lecionar na Faculdade de Medicina. Lecionei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde foi criado o curso de psicologia."

O financiamento mais veloz do mundo.

O financiamento de veículos da Mercantil - Finasa é também o mais versátil. Você escolhe o seu carro no revendedor de sua preferência, e depois, zuuuummm! Vai em qualquer uma das 248 agências do Banco Mercantil de São Paulo, escolhe o melhor plano e pega rápido e fácil o dinheiro do financiamento. Só. E feliz carro novo.



FINASA FINANCIADORA

A EVOLUÇÃO DE UM PAÍS MEDE-SE PELO CONSUMO DE PRODUTOS DESCARTÁVEIS DE PAPEL

Guardanapos de papel ...



GRAND HOTEL



KLIN



KLINAPO

Papel higiênico



EXTRA-FINO



CAMELIA



SANIBLA



ONIBLA

Lenços de papel

Toalhas de cozinha



KLIN



XUGA



ONILAR

Produtos KLABIN. Excelentes!

Companhia Fabricadora de Papel-Klabin & Irmãos (PGK) — Onibla S.A.
Depto. de Comercialização — Av. Pacaembu, 1889 — São Paulo (SP) Fone: 65-4294.

A ALEGRE NOITE PAULISTANA - 3

Surpresa de verão: teatros lotados

Todo mundo está assistindo teatro neste fim de ano, aproveitando a temporada popular (a campanha da Kombi), o grande número de peças e também para ver ao vivo algu-

mas estrelas da televisão. É o fim do recesso de verão, muito comum nos anos anteriores, quando até mesmo as platéias habituais deixavam de assistir aos espetáculos.



Fernanda Montenegro e Fernando Torres em "Seria cômico se não fosse sério"

Por Sérgio Luiz Tolentino

Como explicar que numa época tradicionalmente fraca nos palcos paulistanos (dezembro e janeiro) os ingressos dos espetáculos em cartaz esgotem até com uma semana de antecedência?

Ou que um cidadão como José Tavares, o Zézinho, morador da periferia e que vive de expedientes, saia rindo do teatro Paiol, junto com a namorada, depois de assistir ao Alegro Desbun?

Assim está a atual temporada teatral em São Paulo. Dizem que, de tão concorrida, tem obrigado algumas companhias a adiar suas estréias para os primeiros meses de 77. O incentivo criado com a campanha de popularização do teatro (a campanha da Kombi) e a diversificação das peças em cartaz, têm levado o público a lotar pelo menos vinte de nossas casas de espetáculos, de terça a domingo, semanalmente. E isso sem contar as encenações ocasionais, de fim de semana, em dez teatros de bairro.

"A idéia de se levar o ingresso até as praças públicas, procurando o povo, é o que está mudando aquela situação de estagnação do teatro no fim de ano", diz Tereza Freitas, da Apetesp (Associação dos Produtores e Empresários de Teatro do Estado de São Paulo).

"Em apenas cinco dias — de 29 de novembro, quando começou a campanha, até 3 de dezembro — vendemos mais de 18 mil ingressos em diversos pontos da cidade. Este ano temos cinco kombis, uma só faz infantil. Então nossa possibilidade de atingir mais pessoas é maior".

Das 41 peças encenadas a partir do primeiro dia deste ano e já tabuladas pela SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), arrecadou-se 14,5 milhões de cruzeiros, deixados nas bilheteiras por quase 500 mil pessoas. E muitas destas peças não ficaram em cartaz mais que um dia; algumas dois, três, quatro dias.

"Pela temporada toda, esses números seguramente dobrarão", esclarece uma funcionária daquela sociedade. "É que ainda não terminou o ano e falta relacionar muitas peças".

A agitação de hoje, em nossos palcos, é surpreendente, especialmente para a classe teatral, que até bem pouco tempo mostrava-se preocupada mesmo com a evasão de suas habituais platéias. Dramas, comédias, musicais e shows (como o Falso Brilhante, ou o Pequeno Notável, ou as curiosidades portenhas do Uma Noite em Buenos Aires), invadiram nossos palcos, oferecendo muitas opções. Tem até teatro de revista, como a comédia-musical O Que É Que a Boneca Tem..., cujo elenco é composto exclusivamente de traves-tis.

Trinta e cinco mil pessoas foram ver Tarcísio e Glória

De terça a domingo (segunda é a folga da classe), nossos teatros recebem um grande público formado de jovens, discretos casais de meia-idade e senhores circunspectos, acompanhados, sempre, de suas senhoras. Na bilheteria, eles pagam os preços normais da casa — entre 40 e 60 cruzeiros. Mas nestes tempos de popularização, muitos já chegam com os ingressos previamente comprados nas kombis, a 15 cruzeiros cada.

"A esse preço quem é que não vai querer assistir a uma peça?", comenta Sônia Mara, assistente, olhos verdes e jeans no corpo; seu namorado, que diz não perder nada do Guarnieri, aprofunda: "Poucos têm condições de pagar 40, 50 ou 60 cruzeiros para assistir um espetáculo; preferem investir em cinemas ou em bares. Quando aparece uma promoção deste gênero (a temporada popular) muita gente aproveita, vai à forra, assiste três, quatro peças em uma semana".

E com esta corrida toda aos teatros da Capital, até o pipoqueiro que há anos faz ponto no Ruth Escobar diz estar lucrando: "Estou vendendo o dobro do que nos outros meses, principalmente porque aqui, em um só teatro existem três (as salas do Meio e Gil Vicente), que a toda hora mostram coisas novas".

De todas as peças em cartaz, meia-dúzia se destacam pelo número de espectadores que estão atraindo: Ponto de Partida, Alegro Desbun, Bonifácio Bilhões, Noite dos Campeões, A Moratória e Tudo Bem no Ano que Vem. Isto segundo a SBAT, que tem em seu poder os relatórios de cada peça, onde se repetem os cruzeiros arrecadados, o público pagante, o público não pagante, o número de representações e outros dados.

Tudo Bem no Ano que Vem, comédia de Bernard Slade que mostra o relacionamento de um casal de amantes durante 25 anos, se encontrando sempre num único dia da últi-



Cláudio Correa em "A Noite dos Campeões"

ma semana do ano, prova mais uma vez que os grandes nomes de nossa tv são capazes de atrair um grande público aos teatros. Em pouco mais de dois meses, Tarcísio Meira e sua mulher Glória Menezes, que são dirigidos nesta encenação por Flávio Rangel, levaram ao teatro Maria Della Costa (rua Paim, 72, na esquina com a Nove de Julho) perto de trinta e cinco mil pessoas.

Logo depois vem o Alegro Desbun, comédia de costumes de Oduvaldo Vianna Filho, em cartaz no Paiol (rua Amaral Gurgel, 164), que em três meses foi assistida por pouco mais de vinte mil pessoas. E isso, apesar do autor bastante respeitado e do elenco que conta com Nair Belo, Jussara Freire e Marcos Caruso, que desenvolvem uma trama em torno de um publicitário que decide abandonar a profissão e viver de acordo com os valores que tem.

Mas de qualquer forma, na atual temporada, as comédias e os musicais têm merecido as preferências do público. Talvez, como ariscou um funcionário do Sindicato dos Atores, porque o paulistano esteja, finalmente, deixando a tensão de lado, pelo menos em suas incursões pela noite.

Tanto isso é verdade que em um mês e meio o Seria Cômico se Não Fosse Sério, de Friedrich Durrenmatt, com Fernanda Montenegro e Fernando Torres (teatro Anchieta, rua dr. Vila Nova, 245), teve mais de treze

mil espectadores. Número bem superior aos três mil conseguidos pelo drama de Consuelo de Castro — A Flor da Pele —, em cartaz há dois meses no Stúdio São Pedro (rua Albuquerque Lins, 171), com Vanda Stefânia e Geraldo Del Rey.

O mesmo sucesso está sendo experimentado por Bonifácio Bilhões, de João Avenha-court, em cartaz no teatro Itália (avenida São Luís, 50), e Dois ou Três Buracos no Fundo do Meu Quintal, de Ênio Gonçalves, em cartaz na Sala do Meio do Teatro Ruth Escobar (rua dos Ingleses, 209). A SBAT, embora não tenha os borderôs destas duas peças (os da primeira vão para o Rio e os da outra ainda não foram recebidos), informa que as casas têm estado lotadas. Isso é fácil de se constatar, pois os ingressos têm esgotado rapidamente.

Bonifácio, estrelado por Lima Duarte, Armando Bógus e Terezinha Sodré, mostra um jornalista exigindo melhor distribuição das riquezas e que depois de ganhar na loteria esportiva trata de esquentar suas teorias de justiça social. Isto porque surge um Zé qualquer (Lima Duarte) exigindo parte do prêmio, uma vez que haviam feito um trato verbal.

Dois ou Três Buracos..., conta a história de uma mulher que mora na periferia de São Paulo com o filho e se diz esposa de um ex-ministro. Como foi abandonada pelo marido,



Amilton Monteiro e Jussara Freire em "Alegro Desbun"

ela teme que o mesmo aconteça com relação ao filho.

Na linha dos musicais, estão em cartaz na cidade Mahagonny — A Cidade dos Prazeres (teatro Treze de Maio, rua Treze de Maio, 134) e Vamos Brincar de Papai e Mamãe Enquanto Seu Freud Não Vem (no Cenarte, rua Treze de Maio, 1040).

Mahagonny é de Bertold Brecht, com direção de Adhemar Guerra, e, de setembro, quando estreou, até agora, já atraiu quase vinte mil espectadores. Cacilda Lanuza, Renato Consorte, Renato Borghi, Cláudio Mamberti e Esther Góes interpretam uma sátira às grandes cidades, onde por trás de um aparente progresso e de outras maravilhas, se esconde a deterioração, a agonia.

E Vamos Brincar de Papai e Mamãe..., de Carlos Queiróz Telles, talvez seja, desta linha de comédias e musicais, a peça que tem atraído menos público. Pouco mais de duas mil pessoas em dois meses e meio. A peça mostra as formas de alienação através da estrutura familiar.

Há pouca coisa de sexo nos teatros paulistanos — e o pouco que tem está na linha dos dramas.

Um exemplo são as peças Os Homens (no Oficina, rua Jaceguai, 520) e A Bolsinha Mágica de Marly Emboaba (Aliança Francesa, rua General Jardim, 182). A primeira, de um canadense de nome John Herbert e dirigida por Odavilas Petti, mostra a vida de quatro prisioneiros (o próprio Petti, David Cardoso e Lino Sérgio), suas disputas pelo poder e o inevitável problema do homossexualismo. A Bolsinha Mágica..., com Thais Peres e Fernando Bezerra, que são dirigidos por Thierza Thieriot, expõe o drama de uma jovem que sai de sua cidade, no interior, e vai para a cidade grande, onde se torna mais uma prostituta. As duas peças tratam de sexo, mas não é esse o problema central.

Os vinte e um mil espectadores de Ponto de Partida (TAIB, rua Três Rios, 256, Bom Retiro), os vinte e cinco mil do Noite dos Campeões (Auditório Augusta, rua Augusta, 943), ou os quinze mil da A Moratória (FAAP, rua Alagoas, 903, próximo à Moratória), todas em cartaz entre dois e três meses provam a boa aceitação destas peças.

À noite, o paulista está deixando a tensão de lado

Ponto de Partida, de Gianfrancesco Guarnieri, com direção de Fernando Peixoto, mostra a ação concentrada numa aldeia medieval, onde um homem é assassinado. O senhor da terra determina uma investigação, para apurar responsabilidades, mas partindo do princípio de que não foi ele, o senhor, o assassino.

Sobre essa peça, que tem no elenco Othon Bastos, Martha Overback, Sônia Loureiro e Sérgio Ricardo, a atriz amadora Sílvia Baeder, ao sair de uma das sessões, disse: "O texto achei bastante bom e mesmo o que o Guarnieri faz, sempre é proveitoso; mas a encenação não foi das melhores que já vi, apesar do pessoal que trabalha, inclusive o próprio Guarnieri. Teve hora até que cansei de ficar na poltrona, me entediou um pouco...". Quer dizer, nem todos se deixam influenciar pelas estrelas, pelos astros do espetáculo.

Raul Cortez, Sérgio Mamberti, Cláudio Corrêa e Castro, Edney Giovenazzi e Jonas Mello, em Noite dos Campeões, fazem um grupo de jogadores de basquete cujo técnico mantém-nos sob sua influência durante duas décadas porque, naquela época, venceram um campeonato.

Principalmente devido aos nomes que estrelam essa peça que Marco César do Nascimento, fotógrafo de profissão, foi assisti-la: "A gente tem certeza que com nomes como Raul Cortez, Sérgio Mamberti e Corrêa e Castro tem que ser alguma coisa boa". Mas nem sempre, como foi visto anteriormente com as palavras de Sílvia.

A Moratória, que têm em seu elenco Mirian Mehler, Márcia Real, Paulo Padilha, Riva Nimitz e Carlos Augusto Strazzer, mostra a transformação dos valores tradicionais que agravaram a crise do café em 1930 e a queda da aristocracia rural paulista. A peça é de Jorge Andrade, com direção de Emílio Di Biasi e — surpresa — muitos jovens têm estado na platéia, talvez mesmo tomando o primeiro contato com o que foi aquela crise.

Além destas, mais sete peças em cartaz nos palcos da cidade podem ser vistas até pelo menos o fim da Campanha da Popularização do Teatro, no dia 2 de janeiro. Sempre a 15 cruzeiros, se os ingressos forem adquiridos nas kombis, que cada dia se deslocam para um ponto diferente.

Guarnieri e Raul Cortez, as principais atrações

São elas: duas comédias (**O Noviço** e **Alzira Power**), um policial (**Hóspede Inesperado**), um infantil em temporada regular (**Tistu, O Menino do Polegar Verde**), e três dramas (**Tempo de Espera**, **Dorotéia Vai à Guerra** e **Carla, Gigi e Margot**).

O Noviço, que está no TBC (rua Major Diogo, 315), é de Martins Pena e dirigido por Osmar Rodrigues Cruz. Mostra um homem casado com uma viúva que tenta colocar os filhos da mulher e os parentes num convento, para livrar-se de todos e poder "aplicar" melhor o dinheiro. Elias Gleiser, Isadora de Faria, Benjamim Catan e Nise Silva fazem o elenco. E **Alzira Power**, de Antonio Bivar, numa remontagem, mostra uma senhora que recebe em seu apartamento um vendedor, trancando-o e causando desespero ao visitante. Está no teatro de Bolso (avenida São João, 1737).

O policial **Hóspede Inesperado**, de Agatha Christie (no Markantti, rua 14 de Julho, 114, continuação da rua Jaceguai), neste dois meses de cartaz recebeu perto de dez mil espectadores, muitos deles fiéis leitores da autora. Carlos Arena dirige os atores Wanda Kosmos, Marlene Santos, Bárbara Fazio e outros, que formam um grupo de pessoas reunidas numa mansão onde houve um crime.

Das peças infantis, **Tistu, O Menino...** (teatro do SESC, rua Clélia, 93, Pompéia), é a única que se encontra em temporada regular, de terça a domingo, atraindo um público interessante: velhos, casais de namorados,

crianças com os pais, e isto num horário incomum para a garotada — entre oito e nove horas da noite. Em pouco mais de um mês de apresentação, sete mil pessoas assistiram à peça que conta a história de um garoto que não gosta de escola, mas tem uma inteligência privilegiada.

As três mil pessoas que já assistiram **Tempo de Espera**, (teatro Aplicado, avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 931), de Aldo Leite e por ele mesmo dirigida, não viram grandes estrelas de nossa tv, nem grandes astros do palco. Mas tomaram conhecimento da força do grupo maranhense Mutirão mostrando, numa cidade do interior do Maranhão, uma família vivendo sem perspectivas futuras, marginalizada e sem motivação para lutar. Cosme Carvalho, José Inácio, Waldete Cantarelli, Lizete Ribeiro e Leda Nascimento são os atores.

Finalmente, **Dorotéia Vai à Guerra** (teatro de Arena, rua Teodoro Baima, 94) e **Carla, Gigi e Margot** (teatro da Praça, rua Apa, 298, entre a rua das Palmeiras e avenida São João) mostram, a primeira, a fantasia que duas mulheres (mãe e filha) utilizam para fugir da loucura da cidade grande; a segunda, as soluções que três mulheres de personalidades diferentes buscam para resolver seus problemas de casamento. Marlene França e Benedito Corsi são dirigidos por Miriam Muniz em **Dorotéia...**, enquanto Aizita Nascimento, Ivete Bonfá e Florisa Rossi fazem **Carla, Gigi e Margot**.



Armando Bogus e Lima Duarte em "Bonifácio Bilhões"

Sair de férias fora da temporada, faz bem para a alma e para o bolso.



Aí está um assunto que só as pessoas mais experientes costumam saber.

Fora da temporada, o Grande Hotel São Pedro fica uma espécie de ilha de paz, cercada por um oceano de bosques, onde o verde, o ar puro e os pássaros só podem fazer bem à saúde e à alma.

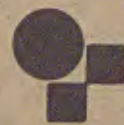
Mas como nem tudo a natureza pode dar, o Grande Hotel São Pedro dispõe de piscinas, quadras para jogos, cavalos, charretes e tudo o que é necessário para que a volta à natureza se processe por inteiro.

E para que a felicidade seja completa, a comida do Grande Hotel São Pedro é preparada por pessoas que já causaram algumas lágrimas de emoção em certos "gourmets" acostumados a frequentar restaurantes europeus.

Toda essa paz, tranquilidade e alegria, fora da temporada custa menos, muito menos, simplesmente porque as pessoas só ficam realmente felizes quando podem gastar pouco.

Pegue a sua família e vá para o Grande Hotel São Pedro.

Entre agosto e novembro, é a pedida ideal.



Grande Hotel São Pedro

-Um hotel que faz escola.

Reservas em São Paulo
Rua Dr. Vila Nova, 228
Tel. 256-5522



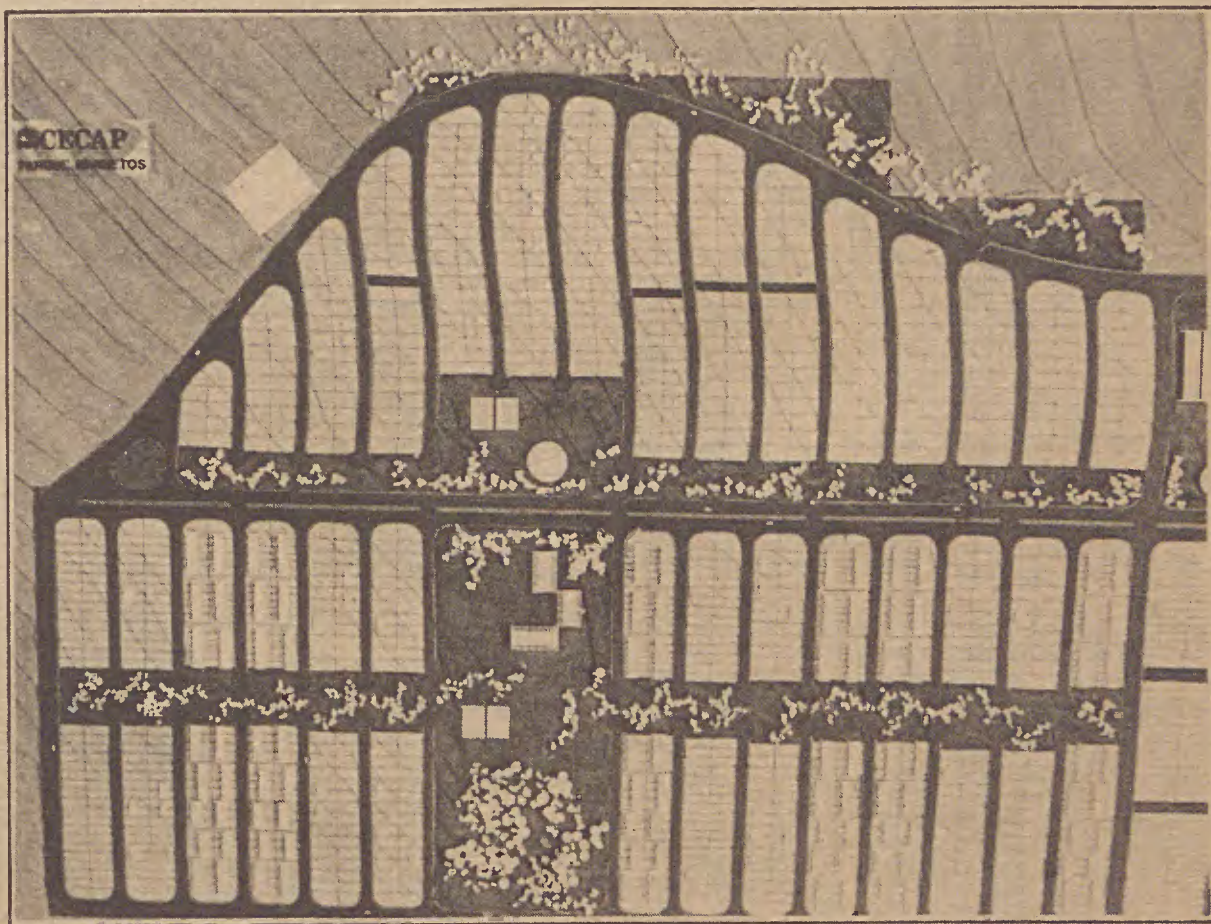
A CECAP APRESENTA OS PARQUES HABITACIONAIS DE BARRETOS E SÃO CARLOS. SÃO 2.597 CASAS

BARRETOS

Está pronto, também, o projeto do Parque CECAP de Barretos, onde serão construídas 1.370 casas populares destinadas a trabalhadores também de faixa de renda de até cinco salários, numa área de 604.874 metros quadrados, localizada na av. Conselheiro Antonio Prado, recentemente declarada de utilidade pública pelo Governo do Estado de São Paulo.

O Parque CECAP de Barretos terá 420 unidades com dois dormitórios e 950 com opção para o terceiro quarto ou com ele já construído.

O projeto prevê ainda 127 mil metros quadrados que serão reservados a equipamentos sociais como escola, centro comercial, áreas verdes e de recreação. Vinte mil metros quadrados foram também reservados para a construção do Centro Social Urbano de Barretos, que está previsto para ser construído naquela cidade, localizando-se, portanto, no Parque CECAP.



Parque CECAP Barretos

SÃO CARLOS

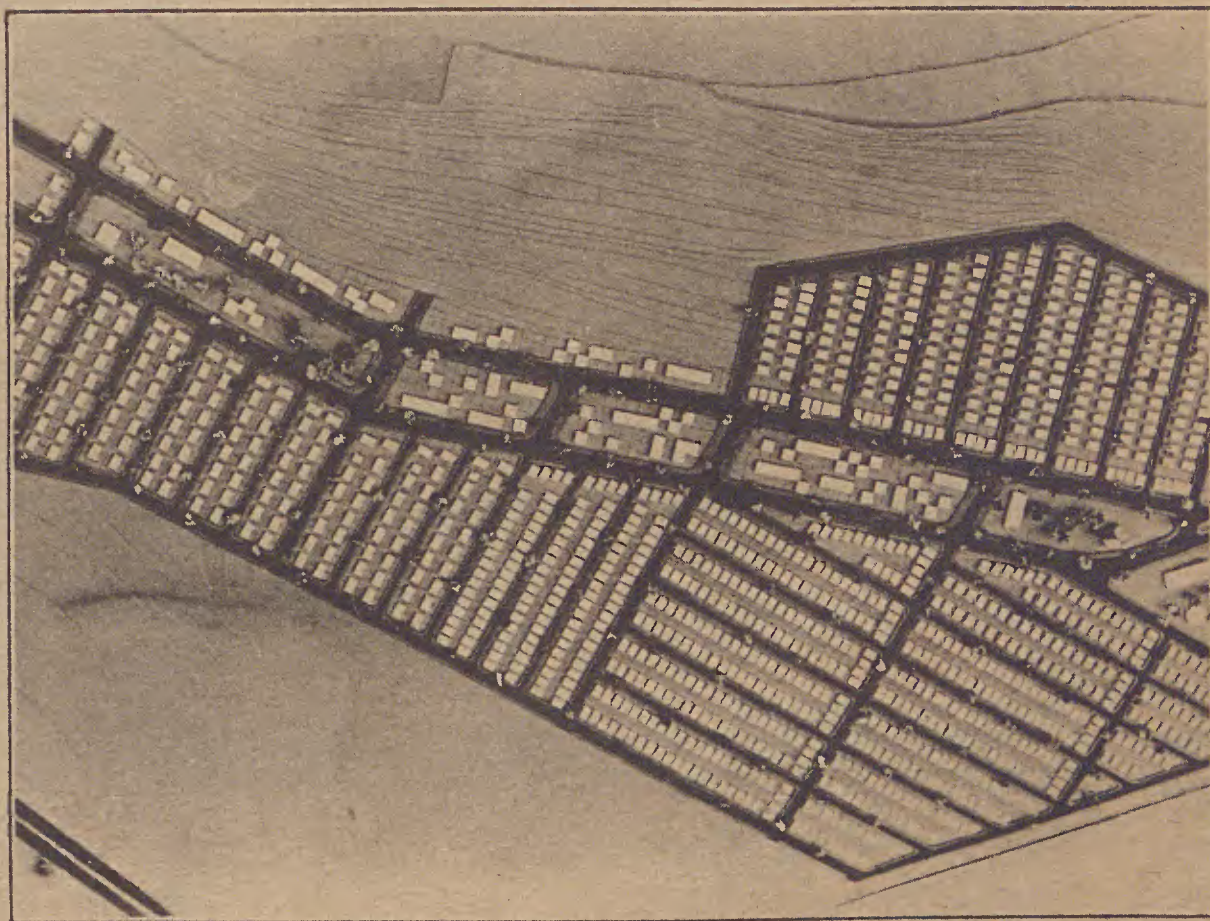
O Parque CECAP de São Carlos terá 1.227 casas, sendo que 443 já estão em fase de concorrência. As habitações se destinam a trabalhadores de faixa de renda abaixo de cinco salários mínimos, e estarão localizadas numa área de 547 mil metros quadrados.

As unidades habitacionais são de três tipos:

- a) unidades com 2 quartos e demais dependências.
- b) unidades com 2 quartos e área reservada para futura construção de um terceiro cômodo.
- c) unidades já com três quartos e demais dependências.

Como a maquete mostra, o projeto prevê também equipamentos sociais como centro comercial, escola e áreas de lazer, além de um grande espaço reservado ao verde.

Em São Carlos já existe um Parque CECAP totalmente pronto, e um edifício de apartamentos em fase de construção.



Parque CECAP São Carlos

Digam a todos que Willie Boy está aqui

● **WILLIE BOY** (Tell them Willie Boy is Here, 69) — Uma idéia boa desperdiçada por uma direção pesada. Robert Blake é o índio Willie Boy perseguido pelo xerife Robert Redford por agir de acordo com suas crenças. Direção do veterano Abraham Polonsky (impedido de trabalhar durante anos por ter sido incluído na "lista negra"). Com Katharine Ross, Susan Clark. Quinta às 23h no 4 (COR).

● **MACAO** (idem, 52) — Josef Von Sternberg não consegue de Jane Russell uma nova Marlene Dietrich, em parte porque ela era mesmo péssima, em parte porque Howard Hughes fez com que várias cenas fossem refilmadas por Nicholas Ray destruindo a estrutura de um filme já fraco. Com Robert Mitchum, William Bendix e a maravilhosa Gloria Grahame. Quinta às 23h no 2 após o debate.

● **CONFUSÕES POR TODOS OS LADOS** (Every Little Crook and Nanny, 72) — Comédia de Cy Howard, sobre uma babá (Lynn Redgrave) que sequestra o filho precoce de um gangster (Victor Mature, numa auto-paródia). O filme passou despercebido embora possa ter algumas qualidades. A verificar. Estréia sexta às 21h no 13 (COR).

● **ESTA TERRA É MINHA** (This Land is Mine, 43) — O grande Jean Renoir (filho do pintor) no exílio americano, faz um drama patriótico sobre uma aldeia européia que resiste ao invasor. Charles Laughton tem um momento memorável (e muito político) ao ler os "direitos humanos" no final. Com Maureen O'Hara, Kent Smith, George Sanders, Walter Slezak. Sexta às 23h no 2.

● **AVANTI, AMANTES À ITALIANA** (Avanti, 70) — O mestre da comédia, Billy Wilder num dia sem inspiração ainda é melhor do que a maioria dos cineastas. Aqui, ele mostra um amor impossível entre Jack Lemmon e Ju-

liet Mills, quando eles vem à Itália providenciar o enterro de seus respectivos pais que foram amantes durante anos. Vale a pena ver. Sexta às 23h no 13 (COR).

● **MINERVINA VEM AÍ** — Chanchada paulista de Euri-des Ramos (59). Dercy Gonçalves é uma mineira empregada doméstica que vem para a casa dos patrões cariocas que enfrentam uma falência. Com Zezé Macedo, Magalhães Graça, Norma Blum, Catalano. Estréia. Sábado às 14h no 5.

● **ASSALTO AO TREM PAGADOR** — Para você não pensar que Roberto Farias, atual presidente da Embrafilmes faz apenas chanchadas, volta este policial, competente sobre um fato real ocorrido no Rio em junho de 60. O filme é de 63 e reconstrói com precisão o caso onde estréia Eliezer Gomes ao lado de Reginaldo Farias, Luiza Maranhão, Grande Otelo, Helena Ignez, Ruth de Souza, Fregolente. Sábado às 21h15 no 5.

● **MULHERES DE MÉDICOS** (Doctor's Wives, 71) — Baseado em best-seller de Frank Slaughter, um melodrama morno já perfeitamente descrito pelo título. Dyan Cannon é assassinada logo no começo ao ser encontrada em flagrante. As amigas — todas neuróticas ou viciadas — se preocupam. Desperdício de Richard Crenna, Janice Rulle, John Colicos, Diana Sands, o ótimo Gene Hackman, Rachel Roberts, Carroll O'Connor, Ralph Bellamy. Direção de George Schaeffer. Estréia. Sábado às 23h no 5 (COR).

● **VERMELHO, BRANCO E ZERO** (Red, White and Zero, 71) — Este filme nunca foi lançado comercialmente em nenhuma parte do mundo, é apenas a reunião de três curtas-metragens (um deles, em desenho animado). Só que como os diretores são Tony Richardson ("Red and Blue") e Lindsay Anderson ("The White Bus") tudo muda de figura e se torna importante. No de Richardson, Vanessa

Redgrave faz uma cantora francesa que recorda seus amantes (entre eles Michael York). Estréia. Sábado às 23h no 13 (COR).

● **PÔQUER DE SANGUE** (Five Card Stud, 69) — Fa-roeste competente de Henry Hathaway, notável pela presença de Robert Mitchum como um falso pastor que carrega um revólver escondido em sua Bíblia. Dean Martin é seu rival. Sábado às 23 no 4 (COR).

● **A UM PASSO DA MORTE** (The Indian Fighter, 55) — Andre de Toth dirige este fa-roeste mediano, cujo único interesse é ter lançado a modelo Elsa Martinelli no cinema. Kirk Douglas conduz uma caravana através de território índio. Sua ex-esposa Diana Douglas também trabalha. Sábado à 1 da manhã no 5.

● **FÉRIAS DE AMOR** (Pic-nic, 56) — A recente morte de Rosalind Russell vem acrescentar mais uma atração a este bom filme de Joshua Logan, baseado na peça de William Inge. Este é um de seus melhores papéis como uma solteirona histérica. William Holden é o estranho que chega à cidadezinha do Oeste no dia do Pic-Nic. Kim Novak está belíssima e inesquecível dançando ao som de "Moonglow". Com Cliff Robertson, Betty Field, Arthur O'Connell, Susan Strasberg. Sábado à 1 da manhã no 5 (COR).

● **NOSSOS PEQUENOS IRMÃOS** (Home of Our Own, 75) — Drama feito para a televisão, dirigido por Robert Day. Com Jason Miller (O Exorcista e autor de "Noite dos Campeões"), Pedro Armendariz Jr., Pancho Cordova. A história real de um padre americano que fundou o orfanato "Nuestros Pequeños Hermanos" que abriga 600 crianças mexicanas. Estréia. Domingo às 22h. no 5 (COR).

● **HARRY, O MÃO LEVE** — (Harry in Your Pocket, 73) — Ou como ser um bom pun-guista. O filme ensina a arte de bater carteiras de forma

didática, o que deverá ser muito útil para elevar o nível técnico de nossa criminalidade. A não ser por esse aspecto é um filme que prende atenção, com boas soluções e idéias. Com James Coburn, Trish Van Devere, Michael Sarrazin, Walter Pidgeon. Direção de Bruce Geller, Estréia. Domingo às 22h no 4. (COR).

● **O GRUPO** — (The Group, 66) — O best-seller de Mary MacCarthy numa adaptação sintética de Sidney Lumet, mostrando a vida de 8 moças colegas de turma da Universidade de Vassar na década



Orson Welles

de 30. Confuso mas com elenco atraente (inclusive Candice Bergen, estreando como lésbica). Com Shirley Knight, Joanna Patten, Jessica Walter. Sábado às 24h. no 7. (COR).

● **CIDADÃO KANE** — (Citizen Kane, 41) — Simplesmente o melhor filme do mundo. Clássico de Orson Welles, já várias vezes reprisado, mas ainda uma fonte inesgotável de novas técnicas cinematográficas. Com Joseph Cotten, Welles, Ruth Warrick Agnes Moorehead. Não deixe de ver. Domingo às 24h. no 5.

Closes de Bergman numa ópera filmada



Bergman

Não é uma questão de gostar ou não de Bergman mas de curtir ou não ópera. "A Flauta Mágica" (nesta segunda no Paulistano e Cinema I) é apenas uma ópera filmada, num palco de teatro, com recursos medianos fornecidos pela televisão sueca. O trabalho de Bergman foi apenas inventar para a óverture, closes de pessoas de várias raças que parecem embevecidas pela música e usar

como contraponto o rosto de uma adolescente, cujas reações servirão de chave para as diversas mudanças de tom na obra. Embora a idéia seja boa, a realização não funciona tanto assim, mesmo sendo a adolescente a filha do próprio diretor. Fora disso, há uma boa sequência em que a mãe maldosa tem seu rosto modificado conforme a pessoa que a vê e todos os cantores — cantores estão rigorosamente perfeitos. A ópera é cantada no original alemão mas uns pequenos trechos foram transpos para diálogos em sueco. Além disso, quando há nas letras alguma mensagem especial sobre paz e fraternidade, os atores mostram letreiros com o texto em sueco. Quanto à ópera propriamente dita, deixemos para os especialistas. Como leigo, fiquei realmente encantado com as melodias (principalmente as do empregado Papanenko) embora não consiga entender direito a trama (por que a mãe daria ao rapaz uma flauta mágica que depois seria usada contra ela?). Mas pode-se dizer sem medo de errar, que esta é a melhor ópera-filmada que o cinema já fez. Apesar de não acreditar que haja muita gente disposta a passar duas horas e meia sentado vendo aquela cantoria. Não brasileiro, disposto a carnaval, vença ou não o Corinthians.

John Schlesinger, tão bom quanto seu último filme

Depois do fracasso de "O Dia do Gafanhoto", John Schlesinger estava com a obrigação de fazer um sucesso sob o risco de se ver em maus lençóis diante da teoria hollywoodiana de "você só é tão bom quanto seu último filme". Sob a orientação do produtor Robert Evans ("Chinatown") ele acertou com "Maratona da Morte", grande sucesso de bilheteria nos Estados Unidos e estréia do dia 23 no Metro e Marabá.

"Maratona da Morte" é um daqueles filmes complicados, cheio de reviravol-

tas e meandros, em que a gente nunca sabe para onde está sendo levado, é incapaz de prever o que vai acontecer. Aos poucos, as peças vão se ajustando no quebra-cabeça, até formar uma história de crime e traição, na melhor tradição do gênero "thriller".

Com um impecável domínio técnico (e uma fotografia excepcional de Conrad Hall), Schlesinger não perde um momento para fazer suspense. Alguns momentos devem se tornar clássicos: o ataque do chinês no quarto do hotel, o assalto à

Dustin Hoffman quando ele está indefeso no banheiro, a bola jogada na Ópera de Paris e naturalmente as várias corridas necessárias para justificar o título (um homem que gosta de correr na maratona).

É verdade que há momentos em que a intriga não é muito verossímil (as duas pessoas reconhecendo Olivier na rua, o assalto dos portorriquenhos para livrá-lo, a falta de relação entre o trauma do pai e os acontecimentos atuais) e a conclusão parece muito elaborada para no fim

se tornar apenas mais uma história de perseguição a criminosos nazistas. Mas isto é compensado pela realização impecável, por idéias inteligentes do roteiro (nenhuma melhor do que a tortura através de brocas dentárias capaz de fazer todo o público se identificar apavorado), pela interpretação segura dos atores. "Maratona da Morte" é um filme que se assiste com atenção, na ponta da cadeira, torcendo e participando. Querem uma melhor definição de "thriller" do que essa?

Espere para ver a nossa Holiday Season

O que é bom para a América é bom para os Estados Unidos. Pelo menos em termos de cinema. Nos Estados Unidos, há muitos anos é tradição guardar os filmes importantes para lançar na chamada "Holiday Season", a época de Natal, quando passado o período de festas as pessoas saem de casa e procuram diversão.

Aqui também se aplica a mesma tese. Uma semana morta, sem nenhum lançamento importante simplesmente para fazer hora até todos completarem suas compras de Natal. Mas a partir da segunda-feira, dia 20, haja tempo e paciência para poder assistir tudo. Pelo menos meia dúzia de filmes importantes vão ser lançados. No Paulistano, entra a versão que Ingmar Bergman fez da "Flauta Mágica" de Mozart. No Bristol e Ouro, o lançamento é de "A Última Loucura de Mel Brooks" (Silent Movie), grande sucesso de crítica e bilheteria nos Estados Unidos. No Marabá, Liberty e Gemini, a atração será "A Maratona da Morte" (The Marathon Man), drama de suspense de John Schlesinger com Dustin Hoffman enquanto o Metro e circuito ficam com "A Violentada", onde a infeliz heroína é feita para modelo Margaux Hemingway. No Comodoro em cópia em 70 mm, entra "Isto também Era

Hollywood", a sequência de "Era uma Vez em Hollywood", com Fred Astaire e Gene Kelly como apresentadores. Com tanto filme arrisca-se a passar despercebido o filme do Windsor, "Um Dia de Loucos" (King of the Marvin Gardens), de Bob Rafelson (Cada um Vive como Quer) que há anos esperava lançamento no Brasil e que só conseguiu ser lançado agora por causa do prestígio de seus atores: Jack Nicholson, Ellen Burstyn e Bruce Dern.

Pensam que é só? Enganam-se. No dia 27, num grande circuito — Regina, Metrôpole, Belas Artes-Portinari, Top-Cinem Center, Vila Rica entra "Vitória em Entebbe", o primeiro filme realizado sobre o resgate dos reféns nas terras de Idi Amin Dada, feito às pressas para competir com dois outros sobre o mesmo assunto. A direção é de Marvin Chomsky e no elenco estão Burt Lancaster, Kirk Douglas, Elizabeth Taylor, Linda Blair, Richard Dreyfuss. O Idi Amin deve ter feito algum "voodoo" porque o ator que interpretava — Godfrey Cambridge — morreu em meio às filmagens, o que nem por isso deve atrasar o lançamento. Só faltam dizer na divulgação é que "Vitória em Entebbe" apesar de toda badalação local será apresentada nos EUA apenas numa cadeia de televisão, a co-produtora ABC.

Kelly e Astaire, na segunda seleção dos melhores musicais

O que é melhor do que ver Fred Astaire dançando? Só vê-lo ao lado de outro grande dançarino: Gene Kelly. Foi raciocinando assim que convidaram os dois para serem os únicos apresentadores de "Isto Também é Hollywood", que estréia no dia 23 no Comodoro, em cópia de 70mm, que ameaça destruir todos os enquadramentos já que foram realizados originalmente no sistema plano em 35mm e não para aquela tela redonda e monstruosa do Comodoro.

Mas o curioso do filme é que ele não tem crédito de direção. Há dois produtores — Saul Chaplin, Daniel Melnick, dois montadores, um desenhista de produção, mas ninguém toma a responsabilidade pela escolha dos trechos e os textos de narração. Segundo a crítica estrangeira, seu defeito maior é o óbvio: já que os melhores trechos foram na primeira parte,



Fred Astaire



Gene Kelly

aqui só podem estar "os segundos melhores trechos". E se em "Era uma vez em Hollywood" se esqueciam de cantar justamente a música "That's Entertainment" esta falha é mais do que resolvida cantando-a até a exaustão.

De qualquer forma, o filme mostra também tre-

chos não-musicados de "E o Vento Levou" à Greta Garbo, de Tarzan à W. C. Fields e o Gordo e o Magro. Isso para não falar das pernas de Cyd Charisse, as danças de "Sete Noivas para Sete Irmãos", o balé aquático em esquis de Esther Williams. Tudo aquilo que faz parte da mitologia de Hollywood.

PURÊ de TOMATE CICA

VENDEN-SE TOMATES BONITOS, PUROS, LIMPOS e PENEIRADOS

PURÊ DE TOMATE CICA

ESCOLHA

A loucura tem
avant-première

Miguel Angel Materazzi



Estigmas

Três homens conversam numa mesa colocada no centro de um jardim. Fumam e tomam chá numa cuia de chimarrão, que passa de mão em mão até completar a volta. De repente muda a cena e a imagem aparece em negativo. Nela, uma mulher dá bronca numa criança, seu filho, enquanto a irmã observa e o pai assiste imperturbável à televisão. Em seguida, uma discussão na família e a criança grita: "Basta! não aguento mais", e se retira da sala.

São cenas do filme "Francisco", apresentado durante a semana no Palácio das Convenções do Anhembi para uma platéia de cerca de duzentas pessoas, a maioria estudantes de psiquiatria. E estavam ali para assistir a uma das muitas experiências dessa área e em primeira exibição no País — a avant-première da Psicocine.

Além desse, outro filme — Estigmas — foi exibido pelo dr. Miguel Angel Materazzi, médico psiquiatra do Hospital José Borda, de Buenos Aires, e presidente da Fundação Centro Experimental de Psicocine.

"Estes filmes", diz o dr. Materazzi, "foram totalmente elaborados por nossos pacientes; são pessoas neuróticas, alienadas, mas que no entanto conseguem realizar um trabalho, ainda que orientados e assistidos. Nor-

malmente tem-se a idéia de que o doente mental não consegue elaborar uma obra porque lhe falta a organização necessária. Mas com esta realização estamos apresentando um contraponto a estes cânones tradicionais. Estamos fazendo uma revisão deste posicionamento".

No filme, os pais de Francisco aparecem em cena frequentemente: primeiro quando o paciente lembra a infância (o filme em negativo); depois quando, ao recorrer à casa paterna, encontra todos velhos, chamando-o para em seguida fechar-lhe as portas; e mais uma vez ao fugir do ambiente familiar, de bicicleta, topando pelo caminho de sua fuga com rostos conhecidos — o pai, a mãe, a irmã, todos fazendo recriminações.

"Este filme", explica o presidente da Fundação de Psicocine, "é mesmo a vida do paciente, uma autobiografia, e nele a conclusão a que se chega é que o problema que Francisco tem não é exclusivamente dele, mas de todo o círculo que o rodeia, no caso a família, mas de maneira geral as pessoas que compõem a sociedade". E Materazzi esclarece: "A psicocine não é uma técnica que leva ou não à cura; é, sim, um dos muitos métodos terapêuticos no campo da reabilitação do enfermo mental. Nessa técnica, arte, trabalho e ciência combinam-se para compreender o indivíduo e aju-

dá-lo a manter sua própria identidade e equilíbrio. No exemplo específico de Francisco obtivemos sucesso e hoje ele está casado, trabalhando. Quer dizer, o filme foi feito em 1970 e ajudou-o a libertar-se".

ROBERTO, 30 ANOS, SOLTEIRO, SEM PROFISSÃO, PAI E MÃE VIVOS, DOIS IRMÃOS, PRIMEIRA INTERNAÇÃO — SEIS ANOS...

No segundo filme apresentado, e que em determinados momentos chega a arrancar risos da platéia sempre comportada e atenta, a locutora, com voz monótona, vai dando a ficha dos pacientes-protagonistas: "Roberto, 30 anos, solteiro, sem profissão, pai e mãe vivos, dois irmãos, primeira internação — seis anos. Ramón..."

"Estigmas", que foi rodado em 1972, ao contrário do anterior, que focaliza um indivíduo para chegar à conclusão de que quem está à volta do paciente também é responsável pelo problema, é a análise da causa social sobre a enfermidade dos pacientes e de sua família.

"As pessoas, aí, aparecem como máis", explica o dr. Materazzi, "mas não, as pessoas não são más, elas têm medo. Então, cada vez que o paciente se aproxima de uma delas, abordando, procurando conversar, ele é rechaçado, riem dele e ele vai então se isolando".

Revel, polemista
temível

Renato Bittencourt

LIVROS

"TENTAÇÃO TOTALITÁRIA" (Difel), de Jean-François Revel, é realmente o que há de mais interessante para se ler no momento. Obra polêmica, de impacto, obteve na França, quando de seu lançamento, no início deste ano, uma grande repercussão, e entre nós merece alcançar, agora em tradução igual acolhida.

Homem de formação esquerdista notória, Revel crê que o mundo caminha para o socialismo. Não fatalmente. Muitos são os obstáculos. Entre eles, o maior a seu ver não é o capitalismo, é o comunismo. Pode-se passar do capitalismo para o socialismo; jamais, do comunismo para o socialismo.

Prega Revel um socialismo democrático, libertário advertindo que não basta mudar as bases econômicas. O novo regime terá de efetuar uma transformação especificamente política, a fim de tirar das mãos da oligarquia o poder decisório. O socialismo há de ser pluralista e democrático; o comunismo, por essência, é estalinista, logo totalitário. Não há exemplo — insiste Revel de comunidade marxista — leninista de feição democrático. No entanto, nota-se um verdadeiro fascínio dos "progressistas" do Ocidente pelo stalinismo, uma secreta atração pelo totalitarismo, uma "tentação".

É verdade que o homem ocidental recebe diariamente uma carga fenomenal de informação desabonadoras do mundo em que vive: a crítica é feita "do interior", por nós mesmos, e, portanto, não incorre em suspeição; o "outro lado", pelo contrário, envolve-se numa cortina de fumaça, num muro de silêncio. As críticas se limitam à execução de projetos, nunca aos fundamentos do regime. Dois pesos, duas medidas. Aqui, tudo é passado no crivo de uma investigação implacável, seja por amor de justiça, seja na busca do sensacionalismo (Watergate exemplifica os dois caos); lá, tudo é resguardado em nome da pureza e da integridade da doutrina.

O marxismo-leninismo tem sido atacado pela extrema-esquerda. Assim ocorreu no livro "La Cuisine et le Mangeur d'Hommes", de André Gluckmann, que também fez sensação em Paris há alguns meses, e no qual o membro do partido, burocrata, militante, é denunciado como totalitário, enquanto as massas são apontadas como as autênticas molas revolucionárias. Gluckmann é apaixonado, veemente, lírico, inflamado; Revel é crítico, irônico, sensato. Há nele muito de pessoal, mas, em vários pontos, se situa naquele terreno da "objetividade" que é uma espécie de "terra de ninguém", de "zona neutra" em que os representantes de todas as tendências podem se reunir.

Revel, um adepto do socialismo sueco, não receia admitir, de um ponto de vista estritamente técnico — simpatias à parte — as realizações do capitalismo, seja na área política (permitindo o pluralismo democrático em alguns países) seja na área econômica, com as conquistas da tecnologia, o ritmo da produção, a ênfase do consumo, que se reflete no nível de vida (o professor Maurice Duverger, esquerdista, igualmente, como se sabe, concede pontos ao capitalismo, achando, contudo, que, em última análise, o socialismo poderá ir mais longe, já que não se vê prisioneiro do conceito de lucro).

O anti-comunismo de Revel é incômodo para os adeptos do marxismo-leninismo ortodoxo, por que não provém de um defensor da ordem e da propriedade priva-

da. Ele quer o que os comunistas também dizem que querem. Seus argumentos, portanto, se situam somente no campo da eficiência, da escolha de meios, e do exame dos conceitos (como o de "democracia", por exemplo). Não combate o fanatismo dos ortodoxos com o fanatismo dos heréticos (tipo Gluckmann), nem é um desertor seduzido pelas delícias dos refinamentos ocidentais (tipo Garaudy). A acusação que lhe pode ser feita, no jargão do marxista militante, é de "oportunismo". Revel, aliás, proclama, sem qualquer constrangimento, que atualmente sua posição é a seguinte: concorda com a esquerda, quando acha que ela está com a razão, mas, eventualmente, ficará do lado da direita, se esta lhe parecer certa, num ponto específico.

Revel é um polemista temível, e um autor discutido. O filósofo Merleau-Ponty se admirava: "este homem não gosta de nada..." E o qualificou de um "consumidor blasé". Outra restrição que lhe fez o famoso pensador, e que depois tanto foi repetida, é a de que Revel só sabe "criticar", mas não propõe nada em troca.

Intelectual, professor, Revel soube aperfeiçoar um estilo jornalístico de que dá mostras semanalmente sua coluna no L'Express.

Não foge das posições impopulares, não se esquivava das "considerações intempestivas" do gênero a que se referia Nietzsche. Criou, inclusive, inimigos numerosos na sua própria classe, de tanto zombar do jorgão dos intelectuais. Sua polêmica com Claude Levi-Strauss, "papa" do estruturalismo, é muito conhecida. Autor de uma "História da Filosofia" em vários volumes, não hesitou em investir também contra as abstrações terminológicas de Heidegger e no seu último livro, que acaba de sair joga sua dialética corrosiva contra o sacrossanto Descartes. Na França, isto é tão temerário quanto falar mal do camembert.

O existencialismo, o estruturalismo, a psicanálise foram alguns dos tabus arranhados por Revel. O título de um de seus volumes mais estimulantes é "Porquoi des Philosophes?". Lacan, o majestoso mestre da psicanálise parisiense, fundador de uma escola que, segundo ele, detém a verdadeira "leitura" de Freud, desdenhosamente chamou Revel de "defensor do Honnête homme" contra o intelectual. Os mandarins de fato não perdoam. Será ele um leviano, um restaurador do "bom senso", um desmistificador, um exibicionista? Um intelectual frustrado, que caiu no jornalismo?

Para tudo, há momento certo. No Portugal do Eça, do Ramalho, o importante era aguçar, estimular, despertar uma nação pachorrenha. Ridículo era o Conselheiro Acácio. Hoje, estão todos, na nossa sociedade, ocidental excitando demais, há "gênios" em demasia, os intelectuais, os artistas são produzidos em série, a grande ameaça é a pseudo-inteligência. Revel, portanto, escolheu o alvo adequado. E não precisa propor nada em troca, como queria Merleau-Ponty. Afinal, já existe tanta gente propondo...

Em conclusão, "Tentação Totalitária", de Jean-François Revel dá o que pensar. Leiam.

Endereço para remessa de livros no Rio: rua Honório de Barros, 8-201. Flamengo. Em São Paulo: rua Pinheiro Machado, 158 - Lapa.

Recado do Leo:

Por que o "AQUI São Paulo" não investiga os abusos das empresas de ônibus que vão do Rio a São Paulo? Há 12 anos sou forçado a utilizá-las e todas, tanto faz se é a Cometa, a Expresso Brasileiro ou a Única, todas, abusam da velocidade, os motoristas param em locais que bem lhes agradam, os cinzeiros estão quebrados, as janelas emperradas, os vidros das mesmas imundos, passageiro que quiser ligar rádio alto, perturbando todos os demais, pode, que o motorista nem se mexe, os restaurantes onde os ônibus param, com exceção do de Roseira, são infectos, os ônibus atrasam ou adiantam, impossibilitando um planejamento de horário do passageiro. Agora, então, com a exigência de que cada passageiro apresente carteira de identidade antes de embarcar, para evitar subdesenvolvidos e surrealistas sequestros de ônibus, o caos é maior ainda; um funcionário anota ao mesmo tempo tudo para dois, três ônibus de linhas e horários diferentes. Se

você quiser tirar sua mala do bagageiro espere até o funcionário estar disposto a retirá-la. Raramente o consumidor está tão desprotegido quanto a bordo de um ônibus inter-estadual no Brasil, nas horrorosas rodovias brasileiras. E a nossa, então, além de feíssima, até hoje ninguém conseguiu transformar em duas, três ou quatro. Fica tudo centralizado no coração da cidade e facilitando a desordem, os punquistas e assaltos instantâneos de trombadinhas ultra-rápidos. Além do espetáculo degradante de famílias de nordestinos chegarem com o dinheiro contado no bolso e sem saberem embarcarem em táxis de luxo ou super-luxo e terem que pagar 100, 200 cruzeiros ao chegarem a seus destinos em Vila dos Remédios, Tatapé, Guarapiranga, Brasilândia e outros locais pobres da periferia para onde vão procurar alojamento com amigos. É asqueroso!

Leo Gilson Ribeiro

P.M.BARDI

Cézanne? também ele é pintor?

Acordou cedo, levantou-se quase bem humorada, correu ao espelho, arrumou-se, satisfeita de sua beleza, tomou café, cotovelo na mesa e cabeça apoiada na mão, como o "Pensador" de Rodin, pôs-se a refletir. Tinha decidido dias antes: resolver o problema de sua posição social, valer alguma coisa na vida. Indecisa: abrir uma boutique ou se meter nas muito faladas coisas da Arte? Optou pela última. De dedução em dedução, deliberou ser crítica. Conversou e indagou sobre as rodas mais influentes da especialidade, penetrou nos cocktails, presenciou as inaugurações das galerias e dos escritórios, começou a ler comentários sobre gravura e pintura, acompanhou artistas estrangeiros de passagem em compras na Rua Augusta. Um dia sentiu-se madura para fazer crítica.

Como os temas da crítica entre São Miguel Paulista e Pirapora são caseiros, resolveu debutar com uma compilação

de dados curriculares dedicada a um medalhão. A nota, na verdade, saiu primária, levemente banal, mas alguém a melhorou. A moça tinha feito confusão somente entre Impressionismo e Expressionismo, confundido Vincent com o Vangogo de "O Cruzeiro" de boa memória. Pronto o datiloscrito, tratava-se agora de dar a luz ao trabalho. Esse foi o acontecimento mais fácil, pois a imprensa é generosa: em cada jornal tem um primo do cunhado pronto a arranjar as coisas.

A publicação ocorreu num domingo, felizmente sem corridas de cavalos, sem matches de pés, o Silvío nos Estados Unidos a comprar aparelhamento para seu Canal: assim as famílias amigas da moça, previamente avisadas do evento, puderam ler e comentar a prosa que um de nossos bravos copy-desks tornou legível. Foi um sucesso de escrever com carvão branco. E houve uma festa regu-

larmente registrada nas mais autorizadas crônicas sociais, (a Guarú não pode notar a sensa pois estava from Guarú). Mas em geral a repercussão promocional foi à altura. Um deputado interessado em problemas culturais, apontado como "rara avis" por essa sua maneira imprópria em câmaras legislativas, não conseguiu a transcrição do artigo nos anais, todavia fez questão de telefonar dando suas congratulações, em nome também do filho que "pinta melhor que Picasso".

A semana toda passou em comentários animadíssimos, obscurecendo os reservados do comportamento de empregadas domésticas, argumento principal (também telefônico) das damas. Disse uma dessas, com a voz de caverna daquela atriz combativa que, na tv, quer acabar com os pernilongos: — Vamos destruir a crítica desses profissionais baratos, historicistas pedantes, que já

encheram; e vamos prestigiar a verdadeira crítica de arte. E levantou o braço da valorosa, assim como a senhora da tv levanta a caixinha de inseticida.

Finalmente a Atenas do Brasil se acalmou (aqui, sabe-se, os entusiasmos duram historicamente uma semana).

Tudo voltou ao normal no michurucogramado das artes: os pintores acadêmicos se queixando do encarecimento das tintas, os escultores de monumentos da plastilina; as galerias e os gabinetes de artediscutindo a carta-magna da chupetizante associação de classe; os museólogos conclamando à museologia; os colecionadores computando as recentes cotações de Portinari, Cavalcanti e Cézanne.

Presente numa dessas reuniões, nossa heroína recém-lançada, ouvindo este último nome, perguntou: — É também ele pintor?

O Corínthians em exposição

Um grupo de trabalho, nomeado por altas autoridades, foi incumbido de realizar uma façanha popular como a do Corínthians, porém dedicada às Artes. O grupo está estudando as possibilidades, mas já declarou que será impossível conseguir concentração de gente tão entusiasta como a

da lembrada torcida paulista. Por outro lado o Museu de Arte de São Paulo está preparando uma exposição dedicada ao Corínthians sob o ponto de vista estético e sociológico, para o próximo ano. Visto que o corínthiano não tem muito para se dedicar às artes, o Museu vai se interessar por eles.

Rue de la Paix

Talvez uma das calamidades mais graves que desabaram sobre o nosso País (— que sem dúvida irá pra frente, apesar delas —) sejam a ignorância e a prosopopéia do Decorador (há os bons, aliás de excelente gabarito e sobre isto não se tem dúvida, mas é bom ficar claro: os que se inscrevem nesta lista não são os que apare-

cem nas crônicas sociais). Para demonstrar o assunto (em parte) convido o leitor a dar uma olhada na decoração implantada na Rue de la Paix cabocla, aquela bagunçada Rua Augusta: o decorador teve a fantasmagórica idéia de plantar pinheiros. Os comentários seriam superfluos.

Honramilite

Existem seres encabulados em projetar suas personalidades na crônica (social, naturalmente) e há também seres preocupados em se projetar na história (local, naturalmente).

É divertido assistir ao trabalho dos convictos nestas performances: caça ao topicozinho de jornal, procura de medalhas e diplomas, cidadanias, trombe-

tadas, banquetes, bençãos e tantas outras infelicidades.

Recentemente foi registrada preocupante epidemia de honramilite, tanto que as autoridades sanitárias estão estudando a vacina competente. Antigamente era o Ridículo que resolvia o caso, matando o paciente. Mas hoje em dia o Ridículo já era.



Wesley Duke Lee é de cena (ele é mestre de encenação) na Galeria Luisa Strina. Tudo o que devia dizer dele e da sua última fase (reconsideração da pintura — pintura + temas) eu disse no hodierno número do 'Vogue' (como ele merece).

Bienal

Deu nos jornais que a Bienal, constatando o declínio das últimas edições, vai reformular o seu programa. Foi anunciado que será desdobrada em duas mostras, uma dedicada à arte sulamericana e a outra internacional, formando duas exposições — uma Bienal. Sem dúvida é uma ideia menos provinciana do que incomodar o público para ver o costumeiro espetáculo que os Salões mostram o ano todo, ornados com um número espetacular de 'não adidos ao trabalho'.

Uma Anual-Bienal dedicada ao hemisfério sul pode constituir um fato novo e promissor. Como sempre, depende da realização e da formulação do sistema de escolha. O antigo: carta dirigida ao Ministério

das Relações Exteriores de cada país convidado; carta deste ao Ministério da Cultura respectivo ou, na sua falta, ao da Educação; deste à Repartição que cuida das Artes no país, e assim por diante até a nomeação de um comissário (que tanto pode ser amante do surreal como do conceitual, do acadêmico e quem sabe lá de quais outras tendências. Conclusão: quase sempre ocorre uma incorreta escolha da representação do país convidado) mecanismo que pouco funcionou, mesmo obedecendo-se à rotina diplomática.

O que se deseja ver na Bienal Sulamericana é a história da arte (naturalmente 'moderna') dos países

participantes, o 'modernismo' de cada um deles: exposições informativas que nos mostrem os valores e os casos desconhecidos da história da arte dos países sulamericanos, totalmente desconhecida do grande público. Os norte-americanos já fizeram isto, várias vezes, em esplêndidas exposições. Porque não se pensar nisto?

De qualquer forma trata-se de bolar o sistema, ponderá-lo e não reduzi-lo a telegramas de última semana cujos resultados o público viu no que deu, nas Bienais mais recentes.

Agora estão abertas as discussões sobre o futuro das Bienais (inscrição: Cr\$ 200). E o stefanzweigismo que persegue o Brasil.

